

Revista  
1ª

# EVOLUÇÃO

Ano II - nº 20 - Set./2021 - ISSN 2675-2573

ISSN 2675-2573

**IVETE IRENE DOS SANTOS**

★19/09/1977 †27/09/2021



# Muito obrigado, prô!



A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

# Revista **EVOLUÇÃO**

Ano II - nº 20 de Setembro de 2021 - ISSN 2675-2573

**Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Editor correspondente (Angola):**

Manuel Francisco Neto

**Coordenação editorial:**

Ana Paula de Lima

Thaís Thomas Bovo

Vilma Maria da Silva

**Organização:**

Andreia Fernandes de Souza

Manuel Francisco Neto

Vilma Maria da Silva

**AUTORES(AS)**

Ana Paula Mariano da Silva  
Delmira Moreira da Cruz  
Djinane de Almeida Amorim  
Elida Eunice da Silva  
Gladys Aparecida da Silva  
Jonatas Hericos Isidro de Lima  
José Luís André António  
José Wilton dos Santos  
Manuel Francisco Neto  
Maria Aparecida da Silva Rocha  
Nádia Rúbia Oliveira Magalhães Pina  
Paulo Cordeiro Leite  
Silvana Fátima Boni Morato  
Vilma Maximiano Vieira  
Wilder Dala Quinjango



São Paulo  
2021

**Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Editor correspondente (ANGOLA):**

Manuel Francisco Neto

**Comissão editorial:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado  
José Roberto Tenório da Silva  
Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva

**Coordenação editorial:**

Ana Paula de Lima  
Denise Mak  
Patrícia Tanganelli Lara  
Thais Thomas Bovo  
Veneranda Rocha de Carvalho

**Com. de Avaliação e Leitura:**

Prof. Me. Adelson Batista Lins  
Prof. Esp. Ana Paula de Lima  
Prof. Me. Andreia Fernandes de Souza  
Prof. Dra. Denise Mak  
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira  
Prof. Me. Ivete Irene dos Santos  
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto  
Prof. Me. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco  
Prof. Dra. Patrícia Tanganelli Lara  
Prof. Dra. Thais Thomaz Bovo  
Prof. Me. Veneranda Rocha de Carvalho

**Bibliotecária:**

Patrícia Martins da Silva Rede

**Edição, Web-edição e projetos:**

Antonio Raimundo Pereira Medrado  
José Roberto Tenório da Silva  
Lee Anthony Medrado

**Contatos**

Tel. (11) 98031-7887  
Whatsapp: (11) 99543-5703  
primeiraevolucao@gmail.com  
https://primeiraevolucao.com.br  
São Paulo - SP - Brasil

netomanueelfrancisco@gmail.com  
Luanda - Angola

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores. Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

**Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.**

Filiada à:



Publicada no Brasil por:

Edições **Livro Alternativo**

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

**PROPÓSITOS:**

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

**PRINCÍPIOS:**

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

## A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – n. 20 (set. 2021). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2021.

114 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.19>

**[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)**

# ÍNDICE

## 05 APRESENTAÇÃO

Profa. Andréia Fernandes de Souza

## 07 HOMENAGEM Ivete Irene dos Santos

### COLUNAS

#### 12 A caminho da escola

Ivete Irene dos Santos

#### 14 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac dos Santos Pereira

## ARTIGOS

1. A DIDÁTICA E A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES Ana Paula Mariano da Silva	19
2. O VALOR DA LITERATURA INFANTIL Delmira Moreira da Cruz	23
3. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL Djinane de Almeida Amorim	31
4. INCLUSÃO SOCIAL NAS ESCOLAS: A LEI E A REALIDADE EM SALA DE AULA Elida Eunice da Silva	39
5. O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E OS DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM Gladys Aparecida da Silva	49
6. EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA: SEUS PRINCÍPIOS E VALORES Jonatas Hericos Isidro de Lima	53
7. A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO RENDIMENTO ESCOLAR DOS ESTUDANTES José Luís André António	59
8. ALGUMAS CONTRADIÇÕES HUMANAS Emily Reis Rodrigues, Isabella Silva Pedrosoe Prof. José Wilton dos Santos	63
9. CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS E A RELAÇÃO COM AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS Manuel Francisco Neto	71
10. AS APRENDIZAGENS E A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL Maria Aparecida da Silva Rocha	75
11. AS HISTÓRIAS INFANTIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM Nádia Rúbia Oliveira Magalhães Pina	81
12. A PROVISÃO E O FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO ANGOLANA: COMO AFETA O DIA A DIA DO PROFESSOR? Paulo Cordeiro Leite	85
13. A ARTE FACILITANDO A INCLUSÃO ESCOLAR Silvana de Fátima Boni Morato	89
14. A IMPORTÂNCIA DO "FEEDBACK" NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA Vílma Maximiano Vieira	97
15. A EDUCAÇÃO FAMILIAR NA CONSTRUÇÃO DE VALORES SOCIAIS: UMA REFLEXÃO NO BAIRRO CAOP-B-VIANA - LUANDA - ANGOLA Wilder Dala Quinjango	109



Caros leitores, é com grande satisfação que no mês do Centenário de Paulo Freire, apresentamos a 20ª edição da Revista Primeira Evolução. Para o Patrono da Educação Brasileira o ato de ensinar incluía o de aprender tornando o processo uma via dupla, no qual tanto os estudantes quanto os professores tinham a oportunidade de trocar saberes. A educação como meio de transformação social só seria possível, em sua perspectiva, a partir do diálogo franco e das leituras de mundo. De modo a abrilhantar mais essa edição, parabenizamos toda a comunidade da EMEF CEU ÁGUA AZUL por ter conseguido o 1º lugar no Prêmio Paulo Freire organizado pela Câmara Municipal de São Paulo com o livro “Poesia na escola” publicado em parceria com a Edições Livro Alternativo.

Neste cenário discutir a didática, ferramenta fundamental em nossa ação docente, se faz necessário em tempos de aulas remotas, presenciais, atividades assíncronas e síncronas, ensino à distância, e tantos outros elementos que com a pandemia ganharam espaços nas discussões docentes.

Aspectos a respeito da inclusão social e escolar, seus obstáculos e facilitadores, é pauta permanente do cotidiano escolar tendo em vista a educação democrática que (re)existe em tempos de democracias fragilizadas em todo o mundo.

Pensar a educação como eixo de conexão entre meio ambiente, economia, família, escola, sociedade, nos faz perceber o quanto não há central ou periférico, interno ou externo, estamos todos interligados em múltiplos cenários.

Há que se ter muita leitura, literatura, roda de conversa, contação de histórias, arte, movimento, em todos os níveis de educação para que possamos despertar a curiosidade e a busca por soluções urgentes, para um mundo idealizado por aqueles que trabalham diariamente o micro desejando mudar o macro.

Deixamos aqui registrado nosso pesar em decorrência do falecimento de Ivete Irene dos Santos, colaboradora assídua e dedicada desta revista, que com tamanho esforço e trabalho nos brindou com sua convivência.

Boas leituras, reflexões e ações!



### **Andréia Fernandes de Souza**

Licenciada em Artes Visuais, Pedagogia e Matemática. Mestra em Ciências (UNIFESP). Professora Nota Dez em 2015 (VICTOR CIVITA). Doutoranda na UNIFESP no PPG Educação e Saúde na Infância e na Adolescência. Professora dos anos iniciais na rede pública estadual e municipal de São Paulo.

# Nota do editor

---

Prezados amigos/as...

Enquanto ainda estávamos finalizando esta edição, recebemos a triste notícia do falecimento de nossa amiga e incansável colaboradora, Ivete Irene dos Santos.

Nós, da Edições Livro Alternativo, gostaríamos de expressar a nossa gratidão por tudo o que ela fez pelo grupo, pela educação, pela cultura e pela sociedade.

Estamos mais do que convíctos de que sem a participação ativa e constante dela em nossos projetos, demoria muito mais tempo para alcançarmos o patamar a que chegamos hoje.

Sua falta será sentida.

Muito obrigado, Prô Ivete!

A handwritten signature in white ink, appearing to read 'A. S. S. S.', is written over the printed text 'O editor'. The signature is stylized and somewhat abstract.

O editor



Professora

**IVETE IRENE DOS SANTOS**

19/09/1977  
27/09/2021





# HOMENAGEM HOMENAGEM



## **IVETE IRENE – “ESTOU COLHENDO FLORES EM UMA MATA QUEIMADA.”**

Existem pessoas que nascem com uma luz própria acima da média, com uma energia para fazer o bem que chega a inspirar; “Pessoas de Luz”, creio sim, que são essas pessoas que abençoam o mundo, que fazem com que a harmonia seja instaurada dentre tantos problemas sociais e educativos, onde minha eterna amiga, escritora e educadora nata, Ivete Irene dos Santos foi guerreira e ativa até o fim. Escreveu vários livros educativos, criou personagens, lecionou; atividades onde se cercou de amizades e pessoas do bem como ela, no intuito de educar no real sentido da palavra.

Era simples, de dizeres mineiros e tiradas caipiras mas também moderna, transbordando conhecimento técnico nas LIVE’s e entrevistas no canal do FaceBook e Youtube, Universo Ivetando. Com seu bom humor, meio sarcástico mas bom humor, chegou a comentar essa homenagem que lhe faço com todo orgulho e tristeza intercalados, e que sem minha corretora predileta, meus textos nunca mais serão os mesmos.

A região da Capela do Socorro, perde uma grande personalidade da educação e fomento à cultura da nossa regional, “Desistir jamais, estou colhendo flores em uma mata queimada” me disse um dia.

Descanse em paz Ivete, você sempre soube que mesmo indo, tudo que você plantou continuará crescendo na mente daqueles que tiveram o prazer de te conhecer e aprender com você.

Bless!

**Ge Lopes**

Parceiro da Ivete na coluna cultural dos jornais do Grupo Sul News – Cultura  
360 graus  
27/09/2021

# HOMENAGEM HOMENAGEM



## AMIGA PASSARINHA

Quando eu era criança sempre via meu pai muito atento ao canto dos pássaros; ele dizia que conhecia os significados de todo canto e cada um possuía um detalhe especial. Eu achava graça e observava o modo carinhoso que ele lidava com aquele ser vivo tão pequeno e frágil.

Então cresci e percebi que ele tinha razão... pássaros são mesmo especiais. Eles encantam! Chegam com um toque delicado, invadem seus sentidos e se vão... deixando na memória suas marcas!

Assim Ivete chegou a minha vida! Num momento de busca literária, de sentido para minhas palavras escritas, percebi que em algum lugar do universo havia alguém que buscava, como eu, a organização, e a divulgação, de ideias nesse mundo da educação que existe entre a escrita e a prática.

Ela cantou em meus ouvidos com melodias nunca ouvidas, pois ela sempre foi ousada, livre e, como ela mesma diz, atrevida. Sem medo do que viria, apenas seguia, intensa em suas palavras, com suas ideias surpreendentes.

Seu canto ora era calmo, macio e confortante; ora estrondoso, desafinado e sufocante. E assim ela envolvia minhas ideias, tocando e retocando o meu fazer e o meu ser.

Ivete sempre foi muito importante desde a primeira conversa que tivemos... Ahhh que melodia inesquecível! E não fomos uma dupla, fomos um trio, Ivete, Vilma e eu... Vilma, outra sonhadora e conquistadora no mundo da educação e literatura. Formávamos um bando, voávamos juntas, com sonhos, planos e ideias; esse trio se completava, cada uma com sua função, cada uma com seu valor, mas o da Ivete... era manter a melodia, com suas palavras, sua inteligência e trocadilhos de letras, inclusive quando nos chamava de Trio IVA, VAI, AVI... Mas ela estava tentando dizer "AVE" (Ana, Vilma e Estrela).

Este final de mês, Ivete lançou-se ao seu maior voo... agora ela está nas nuvens, olhando para nós lá de cima com suas poesias e sorrindo, satisfeita por enxergar de tão longe o quanto sua marca ficou entre nós.

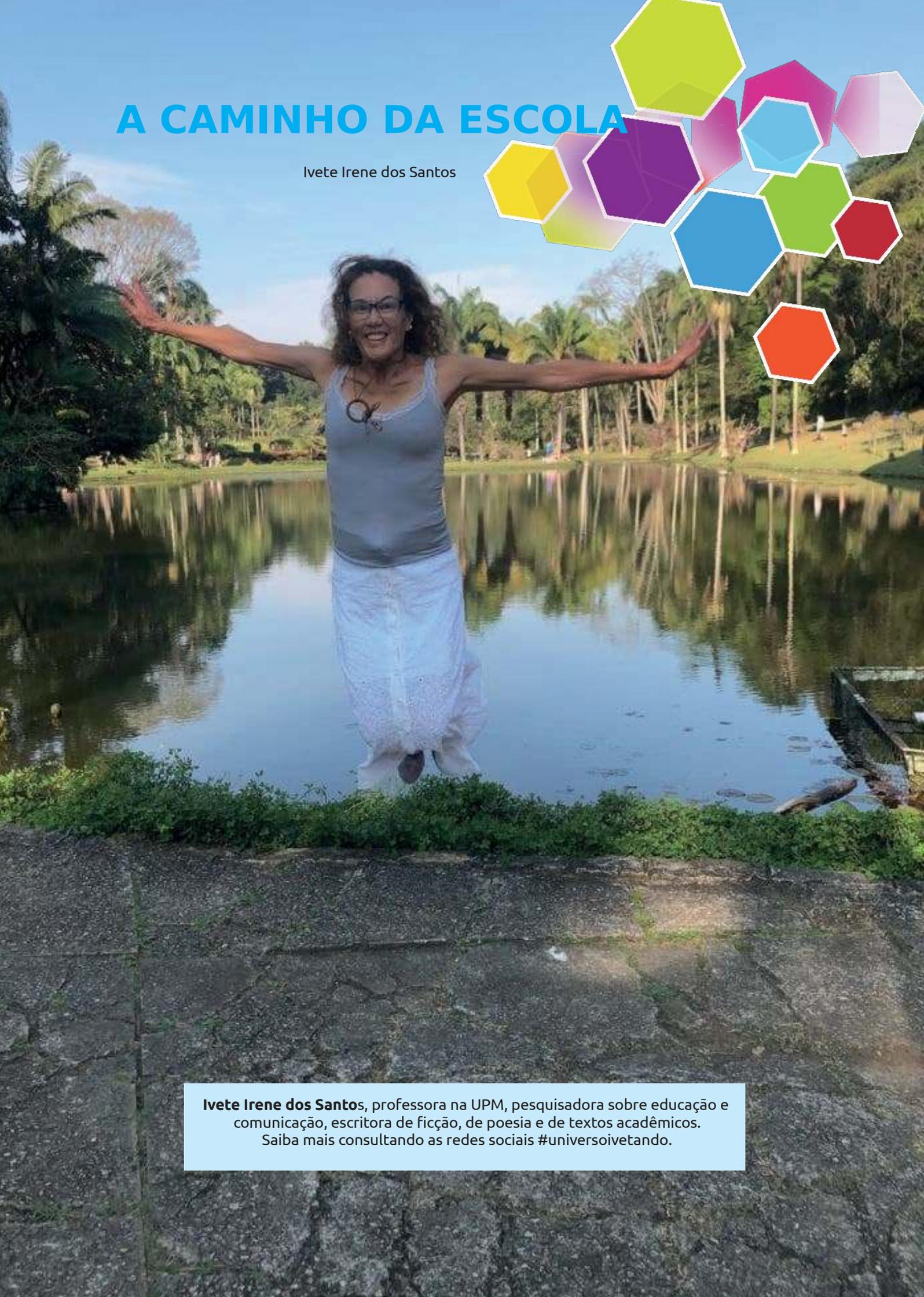
VAI amiga... voa... encanta... sorria... liberte-se das dores do corpo e deslumbre a cada rasante que der nesse planeta em que esteve, veja o "Universolvitando" por onde estiver.

Eu e Vilma seremos sempre o TRIO, porque nós combinamos que estaríamos eternamente juntas, não importa a dimensão... Continue nos inspirando!

Ana Paula de Lima

# A CAMINHO DA ESCOLA

Ivete Irene dos Santos



**Ivete Irene dos Santos**, professora na UPM, pesquisadora sobre educação e comunicação, escritora de ficção, de poesia e de textos acadêmicos. Saiba mais consultando as redes sociais [#universoivetando](#).



# de Professores/as para Professores/as

CONHEÇA E PARTICIPE

## Revista Primeira Evolução

Mensal - Digital - Legal - Acessível

Sua participação financia livros e projetos educacionais e culturais.

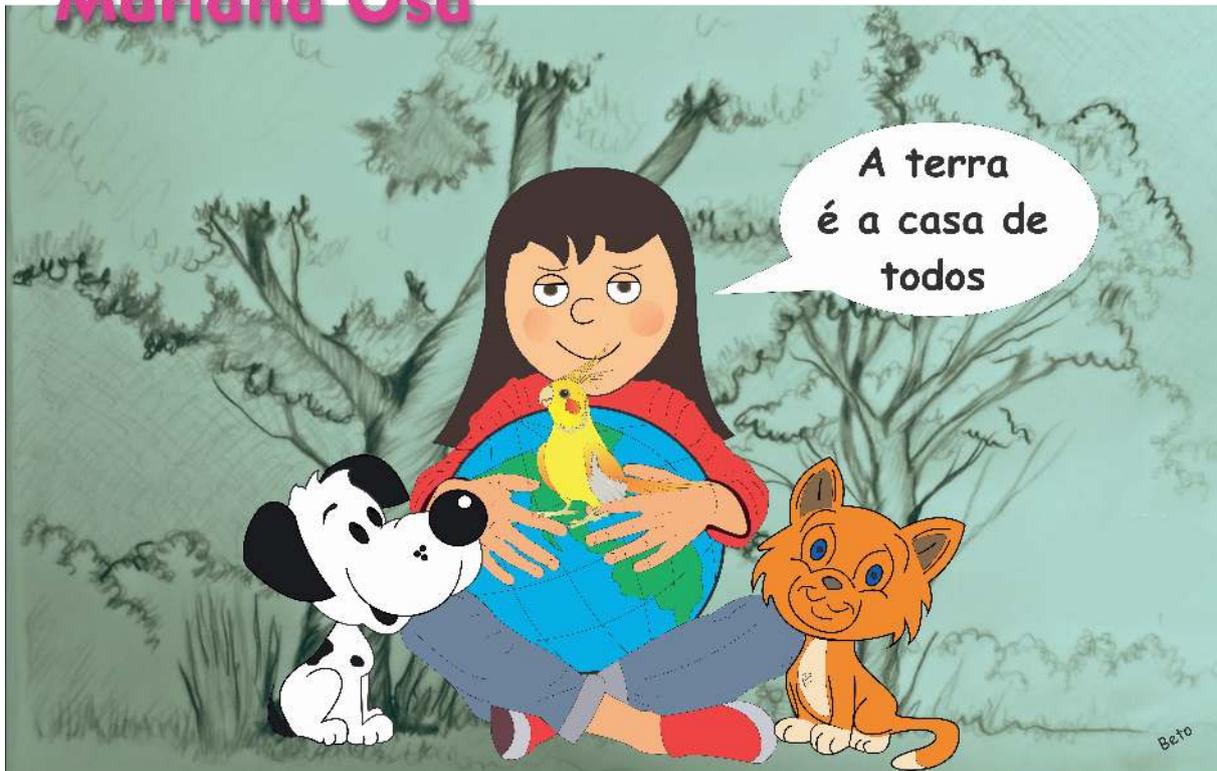


Edições Livro Alternativo

... de professores(as) para Professores(as)

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

## Mariana Osa



MarianaOsa® é uma personagem criada por Beto Mazieiro e Ivete Irene para apresentar reflexões sobre o universo infantil e humano.



Catalog'Art

NAVEGAÇÕES DE  
ESTUDANTES

ISAC DOS SANTOS PEREIRA

## Formas que se transformam na atualidade: minecraft e sua potência enquanto extensão de proposições poéticas?<sup>1</sup>

**D**esde muito tempo no ensino de Arte tradicional se preconizou a elaboração e propostas artísticas que fossem totalmente pautadas pelo realismo, ou, próximo a ele. Olhos bem centralizados, cores sobressalientes, roupas esvoaçantes, joias pomposas... Tudo era querido dentro de uma ideia reinante em grandes épocas das pinturas e desenhos tradicionais. O tempo se passou e a liberdade poética de desenhar ou pintar, não mais como de fato as coisas e pessoas são apresentadas aos nossos olhos, mas da maneira com que elas se manifestam no mundo dos sonhos, dos devaneios poéticos, se tornou algo transcendental, vigoroso, libertador.

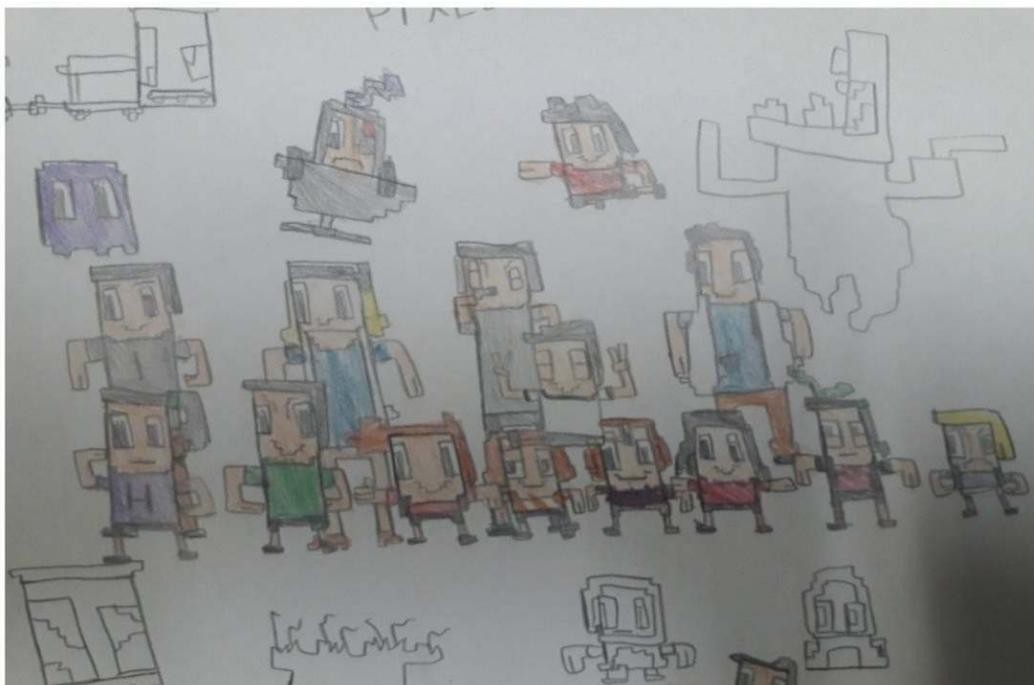
Hoje, já não ditam mais as cores com que se pinta um rosto feminino, uma cabeleira infantil ou um casaco masculino; a liberdade e configurações artísticas partem da não regra, da não imposição, do não certo, para simplesmente uma conexão ativa e ardorosa entre o artista, os materiais e sua obra, em uma simbiose com a experiência do processo.

Adiante, pautado na geometricidade apresentada em Minecraft, um jogo muito famoso entre os grupos infanto-juvenis da atualidade, o pequeno artista de 9 anos na época, abaixo, representou sua família de maneira diferente das que se está acostumado a encontrar nos desenhos de crianças. Seus entes queridos, grandes, pequenos, quadrados, retangulares, estão de alguma forma dentro de um de seus

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

---

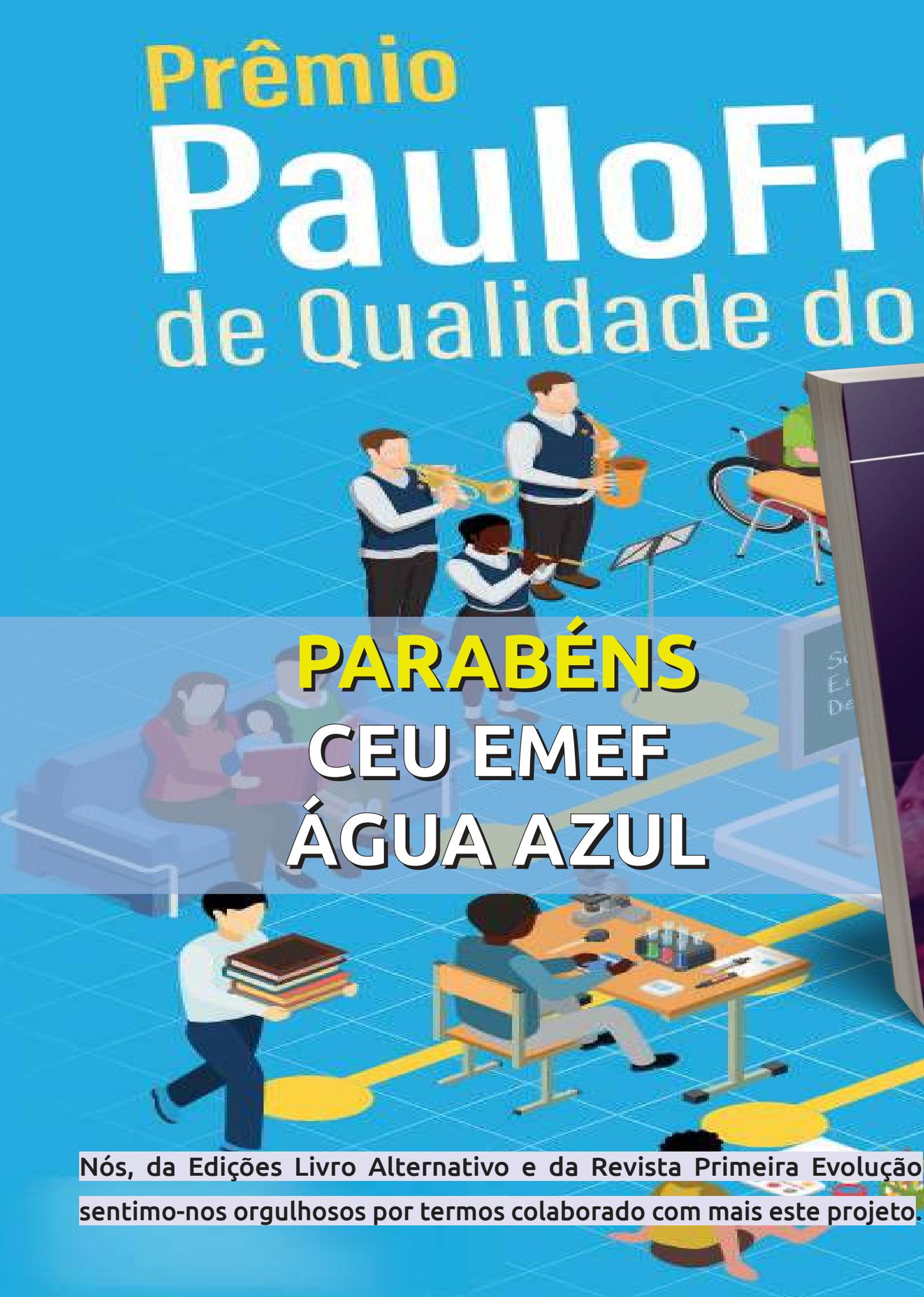
jogos favoritos; não estão eles ao seu lado sempre quando jogam, não estão eles direcionando o que deve fazer para bem construir suas projeções pedidas pelo jogo, mas estão dentro do próprio jogo, de alguma maneira, sabe-se lá, imaginária.



Venham! Comemorem comigo! Talvez, sua composição imagética, sua extensão das experiências enquanto palavra não verbal configurada por intermédio das formas com que fez seu desenho estejam a somente dizer; façam parte da minha vida, não somente como adultos, família, mas também enquanto infância que um dia acaba, se vai restando-lhe somente lembranças de que um dia alguém jogou Minecraft comigo.

**Isac dos Santos Pereira** - Doutorando e Mestre em Comunicação audiovisual pela Universidade Anhembi Morumbi – UAM com pesquisa sobre Naruto na sala de aula. Especialista em Arte/Educação: teoria e prática, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP. Especialista em Neurociências Aplicada à Educação pela Universidade Anhembi Morumbi - UAM. Licenciado em Artes visuais pela Faculdade Paulista de Arte - FPA. Professor atuante de Arte no Ensino Fundamental I da rede Municipal de São Paulo, na EMEF Paulo Setúbal. E-mail: [isacsantos02@hotmail.com](mailto:isacsantos02@hotmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6351070667418404>

# Prêmio Paulo Fr de Qualidade do



**PARABÉNS**  
**CEU EMEF**  
**ÁGUA AZUL**

Nós, da Edições Livro Alternativo e da Revista Primeira Evolução sentimo-nos orgulhosos por termos colaborado com mais este projeto.

# eire 2021

## Ensino Municipal



CEU EMEF ÁGUA AZUL

# POESIA NA ESCOLA

"Nós somos muito mais do que  
com certeza, vamos muito além"

"Esse projeto que foi criado é ex  
Estou muito feliz por estar  
Obrigada a todos os colaborador

"Eu sou imensamente grata por  
Nunca imaginei que um texto me  
Imensamente grata."

"O projeto está fazendo muita  
minha filha Linda. Já há alg  
enfrentado a depressão mas, ne  
se sentido melhor, tem falado m  
que ela teve de se expressar. Par

"Eu estou muito feliz e muito  
mesma, pois nunca achei que in  
Eu achei que a minha poesia est  
mas, no final, deu tudo certo."

Livro Alternativo  
www.livroalternativo.com.br

Organizadores  
Anísio Carlos dos Santos Silva  
Cleia Teixeira da Silva Oliveira  
Fernando de Toledo Cardoso  
Gilvete Candida dos Santos de Brito  
José Wilton dos Santos

• 2021 •  
CENTENÁRIO  
PAULO FREIRE





## A DIDÁTICA E A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES

ANA PAULA MARIANO DA SILVA

**RESUMO:** O sucesso na realização do trabalho escolar, espelhada no trabalho docente, depende da integração e articulação entre os meios e os objetivos. O projeto pedagógico é um meio favorável de diminuir as diferenças dos métodos de ensino entre professores, o que pode ser bem trabalhado e alterado conforme a necessidade durante o ano letivo. A formação continuada dos professores é um item relevante nos diferentes métodos de ensino em diferentes áreas, para que haja troca de informações entre os mesmos, o que demonstra que tais interações podem obter resultados satisfatórios. Quando existe a dificuldade em tal sentido, o aluno não consegue assimilar nenhum conteúdo programático em nenhuma área de conhecimento, portanto, a plena sintonia entre professores se faz necessária para um trabalho sólido e conceituado. O principal objetivo aqui é o de verificar qual o melhor método para se fazer um processo de ensino e aprendizagem em sala de aula. A pesquisa utilizada é a bibliográfica e o instrumento de apoio é a observação diária dos métodos abordados neste tema.

**Palavras-chave:** Docência. Metodologias. Conhecimento.

### INTRODUÇÃO

Os professores são responsáveis pela formação dos alunos, ao que os atribui formas de compreensão: a docência, a atuação na organização, a gestão da escola e o conhecimento pedagógico.

Os debates sobre o papel da didática no processo de ensino-aprendizagem se refletem em todos os sentidos em bancos de faculdades e universidades, chegando até as escolas, o que leva os educadores a preocuparem-se com a necessidade de uma mudança na transmissão de conhecimentos no processo educativo.

A didática tem um papel fundamental como ferramenta de construção nesse processo. A relação professor-aluno e o processo de ensino-aprendizagem são elementos que devem ser trabalhados juntos. Partindo desse pressuposto, cabe ressaltar que aluno no desenvolvimento educacional tem sido a peça fundamental por ser o objeto principal para a construção do conhecimento. Portanto, o aluno não pode ser considerado uma máquina onde depositamos o que sabemos, ele não é um mero recebedor de conteúdos, ele deve participar ativamente a partir do que já sabe.

O educando pode despertar a sua criticidade a partir do momento em que se deixa envolver pelas questões políticas, sociais e culturais relevantes e que existem no meio em que vive, e leva essas discussões para dentro da sala de aula, interagindo com os demais, formando inúmeras opiniões com relação ao contexto social, político e cultural no qual está inserido.

Dessa forma, cabe uma reflexão acerca deste cenário real, pois estamos discutindo a didática no processo de ensino-aprendizagem e para isto torna-se imprescindível a compreensão dos fatos e a disposição da sociedade, principalmente dos órgãos de ensino a repensarem seus métodos de parâmetros educacionais, a fim de promover uma educação renovada de conhecimentos em seus aspectos sociais, políticos e culturais.

### RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Na escola, o profissional deve tornar seu saber pedagógico uma alavanca desencadeadora de mudanças. O professor deverá ser uma fonte inesgotável de conhecimentos no cotidiano de sala de aula, retirar dos elementos teóricos que permitam a compreensão e um direcionamento a uma ação consciente. Também deve procurar superar as deficiências encontradas e recuperar o real significado do seu papel como professor, no sentido de apropriar-se de um fazer e de um saber fazer adequados ao momento que vive a escola atual.

---

O trabalho docente constitui o exercício profissional do educador, representando seu primeiro compromisso com a sociedade. Sua responsabilidade, frente aos novos tempos e a uma nova era que se impõe, é a de preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho e na vida cultural e política. É, portanto, uma atividade fundamentalmente social, porque contribui para a conscientização e a conquista democrática.

A pedagogia que se inspira numa concepção consciente de educação está fundamentalmente interessada em introduzir, no trabalho docente, elementos de mudança que assegurem a qualidade pretendida para o ensino. E, coerente com esse pressuposto, busca-se garantir ao aluno, através do professor, uma formação mais sólida e abrangente, que privilegie o processo de construção do conhecimento.

O papel do professor é o de mediador e facilitador; que interage com os alunos na construção do saber. Portanto, é muito importante ajudar os professores a saber ensinar, garantindo assim que todos os alunos possam aprender e desenvolver seu raciocínio.

Se a aprendizagem, em sala de aula, for uma experiência de sucesso, o aluno constrói uma representação de si mesmo como alguém capaz. Se ao contrário, for uma experiência de fracasso, o ato de aprender tenderá a se transformar em ameaça. O aluno ao se considerar fracassado, vai buscar os culpados pelo seu conceito negativo e começa a achar que o professor é chato e que as lições não servem para nada. Procura-se, portanto, romper as diferenças de professor e aluno consagrados pela escola tradicional. Os papéis tradicionalmente desempenhados pelo professor – ensinar, transmitir e dominar – e pelo aluno – aprender, receber passivamente e obedecer – devem ser mudados. Só assim a escola poderá efetivamente atender a sua mais elevada finalidade: permitir o aluno a chegar ao conhecimento.

Nesse contexto, a qualidade de atuação da escola não pode depender somente da vontade de um ou outro professor. É preciso a participação conjunta da escola, da família, do aluno e dos profissionais ligados à educação.

Para tanto, o professor não mais será o “dono do saber” e passará a ser um orientador, alguém que acompanha e participa do processo de construção de novas aprendizagens. Para que a sociedade possa mudar é preciso que nós possamos provocar mudanças de forma significativa para o indivíduo.

Portanto, entende-se, que a relação das escolas deve se comparar com a comunidade e ainda, criar um clima favorável ao aprendizado, onde a contribuição e o compromisso são peças fundamentais para se obter a verdadeira escola, isto é, uma escola democrática, onde todos tenham acesso à coletividade.

Somente uma outra maneira de agir e de pensar pode levar-nos a viver uma outra educação que não seja mais o monopólio da instituição escolar e de seus professores, mas sim uma atividade permanente, assumida por todos os membros de cada comunidade e associada de todas as dimensões da vida cotidiana de seus membros. (FREIRE 1991, p. 117)

De acordo com essa visão, a escola tem que ser o local no qual professores e alunos, diante de uma relação democrática, demonstrem interesse num objetivo único, dedicando-se conjuntamente em atividades que elevam o seu modo de ser e de viver.

## **PROFESSOR E FORMAÇÃO CONTINUADA**

A saída possível para a melhoria da qualidade do ensino dentro do contexto educacional contemporâneo é a formação continuada. É uma tentativa de resgatar a figura do mestre, tão carente do respeito devido a sua profissão, tão desgastada em nossos dias.

“Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática”. (FREIRE, 1991: p. 58). Para o autor, formação permanente é uma conquista da maturidade, da consciência do ser. Quando a reflexão permeia a prática, docente e de vida, a formação continuada será exigência para que o homem se mantenha vivo, energizado, atuante no seu espaço histórico, crescendo no saber e na responsabilidade.

A modernidade exige mudanças, adaptações, atualização e aperfeiçoamento. Quem não se atualiza fica para trás. A parceria, a globalização, a informática, toda a tecnologia moderna é um desafio a quem se formou há vinte ou trinta anos. A concepção moderna de educador exige uma sólida formação científica, técnica e política,

---

viabilizadora de uma prática pedagógica crítica e consciente da necessidade de mudanças na sociedade brasileira (LIBÂNEO, 2001: p.83).

O profissional consciente sabe que sua formação não termina na universidade. Esta lhe aponta caminhos, fornece conceitos e ideias, a matéria-prima de sua especialidade. O resto é por sua conta. Muitos professores, mesmo tendo sido assíduos, estudiosos e brilhantes, tiveram de aprender na prática, estudando, pesquisando, observando, errando muitas vezes, até chegarem ao profissional competente que hoje são.

A universidade não é o que deveria ser: um centro de criação do conhecimento, de pesquisa e questionamento. O universitário continua passivo, esperando o "ponto" do professor, memorizando e repetindo na prova, que decide a sua aprovação.

Formação deficitária; dificuldade em articular teoria e prática: a teoria de que dispõe, de modo geral, é abstrata, desvinculada da prática e, por sua vez a abordagem que faz da prática é superficial, imediatista não crítica. (LIBÂNEO, 2001: p.89).

A universidade também não é nacional, nem universal. Não se comunica com a sociedade, não conhece o mundo empresarial e do trabalho, não contribui nem aproveita contribuições de outros setores. Não é universal: desconhece ou não aproveita a evolução e mudanças do mundo da ciência e da tecnologia. Está isolada, repetindo um currículo defasado, inócuo, desinteressante e fechado.

O professor, nela formado, deve ter bastante inteligência, tempo e decisão para superar essas deficiências. Por si mesmo, deve procurar atualizar-se, embasar-se teoricamente, observar a prática e tirar lições para melhorar seu desempenho. Um professor destituído de pesquisa, incapaz de elaboração própria é figura ultrapassada, uma espécie de sobra que reproduz sobras. Uma instituição universitária que não sinaliza, desenha e provoca o futuro encalhou no passado. (LIBÂNEO, 2001: p.90).

O professor repete o mesmo currículo de seus antecessores e, assim, a escola continua parada no tempo com alunos cada vez mais indisciplinados e desmotivados, passando conhecimentos sem contextualização e que em nada servem para a vida social, profissional e pessoal. O professor comprometido com seu trabalho deve, portanto, investir em sua formação, continuá-la para não frustrar-se profissionalmente, para poder exigir respeito e, mesmo, melhorias salariais.

Porém, o dia cheio e estafante não reserva tempo para a leitura, para o estudo ou para a devida preparação de aula. Os cursos propostos, geralmente aos sábados ou em horários impossíveis, não atraem o professor que, ao menos, nos fins de semana, quer ficar com a família e muitas vezes com os cadernos e provas para corrigir.

Como formar (ou reformar) o formador para a modernidade? Através de uma formação continuada, que, além de reforçar ou proporcionar os fundamentos e conhecimentos de sua disciplina, o mantenha constantemente a par dos progressos, inovações e exigências dos tempos modernos.

Carvalho (2002: p.66) aponta algumas características da formação continuada:

Uma ruptura com o individualismo pedagógico, ou seja, em que o trabalho e a reflexão em equipe se tornam necessários; uma análise científica da prática, permitindo desenvolver, com uma formação de nível elevado, um estatuto profissional; um profissionalismo aberto, isto é, em que o ato de ensino é precedido de uma pesquisa de informações e de um diálogo entre os parceiros interessados.

Para o autor, a formação continuada exige profissionais conhecedores da realidade da escola, capazes de trabalhar em equipe e de proporcionar meios para a troca de experiências, dotados de atitudes próprias de profissionais cujo trabalho implica a relação com o outro.

O Estado é o maior empregador. Só que não dispõe de verba para imitar as grandes empresas. Ou não tem vontade política para isso.

Massetto (1994: p.96) aponta as características que deve possuir a formação do professor:

Inquietação, curiosidade e pesquisa. O conhecimento não está acabado; exploração de "seu" saber provindo da experiência através da pesquisa e reflexão sobre a mesma; domínio de área específica e percepção do

lugar desse conhecimento específico num ambiente mais geral; superação da fragmentação do conhecimento em direção ao holismo, ao inter-relacionamento dos saberes, a interdisciplinaridade; identificação, exploração e respeito aos novos espaços de conhecimento (telemática); domínio, valorização e uso dos novos recursos de acesso ao conhecimento (informática); abertura para uma formação continuada.

Propostas de solução só a longo prazo. Se a escola não começar a mudar hoje, amanhã ela continuará a ser o que é. Se nossas crianças não forem alfabetizadas adequadamente, não aprenderem a ler o livro e o mundo, a perguntar, criar, participar, se impor; se os métodos não se tornarem ativos, se o conteúdo não se tornar significativo, de nada adianta falar em reforma ou melhoria de ensino em outros níveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de pensar e repensar o trabalho didático, assim como as relações professor-aluno, como propiciar o desenvolvimento e aperfeiçoamento profissional dos professores, no próprio contexto educacional, envolvendo todos os elementos responsáveis pelo processo.

Não depende apenas da conscientização do professor todas essas mudanças, mas sim do apoio técnico, pedagógico e administrativo, numa constante reavaliação e reformulação da prática educacional, buscando significado para seu ser e seu fazer.

O professor precisa se preocupar em sempre atualizar-se, procedendo a uma revisão crítica de sua proposta pedagógica e de sua atuação, possibilitando aprendizagens significativas, favorecendo o desenvolvimento afetivo cognitivo e o sucesso do processo ensino-aprendizagem.

Portanto, deve-se promover o desenvolvimento desse professor, orientando-o e assistindo-o na organização de um ambiente escolar e no processo ensino-aprendizagem significativo para o educando.

Pensar em formação de professores nos remete a pensar a escola como espaço privilegiado de formação. Se nas instituições formais de ensino, o professor realiza sua formação inicial, seja ela em nível médio ou superior, na escola, local de seu trabalho, ele encontra um espaço que promove sua formação continuada.

Para tanto, a formação continuada precisa ser tomada como um processo constante e não pontual, estando sempre interligada com as atividades e as práticas profissionais que estão sendo desenvolvidas dentro da escola. Essa formação deve ser voltada para o coletivo ou, pelo menos, deveria ser encarada sob esse prisma.

Finalmente, o trabalho do educador está inserido dialeticamente na prática e na teoria, e está sempre em busca constante de reformulação e construção de seu próprio pensar e fazer, para que aconteça a aprendizagem, vinculada necessariamente às experiências e vivências dos educandos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. A pesquisa no ensino, sobre o ensino e sobre a reflexão dos professores sobre seus ensinamentos, **Revista de Educação e Pesquisa**, vol. 28, n.2, São Paulo, Jul/dez. 2002.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Madalena. A Formação Permanente. In: **Freire, Paulo: Trabalho, Comentário, Reflexão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

LIBANELO, A. **Magistério: construção cotidiana**. Rio de Janeiro: Vozes. 4ª edição, 2001.

MASSETTO, F. **Currículo: políticas e práticas**. Campinas: Papyrus. 2ª edição, 1994.



### Ana Paula Mariano da Silva

Graduada em Pedagogia pela Faculdade Santa Izildinha. Segunda Graduação em Artes Visuais pela Faculdade de Educação Paulista (FAEP). Pós Graduada em Formação e Profissão Docente pela Faculdade de Educação Paulista (FAEP). Professora Alfabetizadora na rede privada. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental (PEIF) na prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

## O VALOR DA LITERATURA INFANTIL

DELMIRA MOREIRA DA CRUZ

**RESUMO:** Esse artigo pretende buscar reflexões a respeito da importância da literatura infantil. Os pontos relevantes desse artigo são: procurar abordar sobre as variedades de literatura. Educadores, pais e membros da comunidade devem ajudar os alunos a desenvolver amor e paixão pela leitura. A leitura infantil não é apenas importante no desenvolvimento de habilidades cognitivas para ter sucesso na escola ou no trabalho, mas também é valiosa por outras razões. Por meio desse estudo tem-se como propósito refletir sobre a literatura infantil como parte fundamental para o desenvolvimento das crianças, fornecendo aos alunos oportunidades de responder à literatura. Os métodos utilizados foram por meio de pesquisas bibliográficas, com autores que corroboram com o tema em questão. Os resultados obtidos levam a crer que a literatura é fundamental para o processo ensino aprendizagem desde a tenra idade. Conclui-se que o valor da literatura é muito importante para o desenvolvimento infantil.

**Palavras-chave:** Amor. Importante. Habilidades. Paixão.

### INTRODUÇÃO

O valor da literatura infantil vai além de leituras de livros infantis, ela fornece uma base para o processo ensino aprendizagem e corrobora para a alfabetização. É por meio dessa percepção que este artigo busca abordar reflexões que levam a pensar sobre a importância da leitura para o desenvolvimento das crianças desde a tenra idade.

O primeiro valor a ser observado é que a leitura oferece aos alunos a oportunidade de responder à literatura e desenvolver suas próprias opiniões sobre o assunto. Isso fortalece o domínio do desenvolvimento cognitivo, pois incentiva um pensamento mais profundo sobre os diversos tipos de leitura. Literatura de qualidade não diz ao leitor tudo o que ele precisa saber; permite alguma diferença de opinião. Um leitor pode tirar algo completamente diferente da obra literária do que o próximo leitor, com base nos dois pontos de vista e experiências pessoais. Os alunos podem aprender a avaliar e analisar a literatura, bem como resumir e formular hipóteses sobre o assunto. Norton afirma que, para as crianças, “os livros ilustrados sem palavras são excelentes estímulos para a linguagem oral e escrita” (2010, p. 9).

Em segundo lugar, a literatura fornece um caminho para os alunos aprenderem sobre sua própria herança cultural e as culturas de outras pessoas. É crucial que as crianças aprendam esses valores porque “desenvolver atitudes positivas em relação à nossa própria cultura e às culturas dos outros é necessário para o desenvolvimento social e pessoal” (Norton, 2010, p. 3). Portanto, ao ensinar os alunos sobre a herança cultural de outras pessoas, deve-se ter muito cuidado ao selecionar quais livros recomendar aos jovens leitores. Existem muitas histórias, alguns contos populares, que contêm estereótipos gritantes e imprecisões sobre certos grupos culturais.

Terceiro, ajuda os alunos a desenvolver a inteligência emocional. As histórias têm o poder de promover o desenvolvimento emocional e moral, contendo inúmeros momentos de crise, quando os personagens tomam decisões morais e contemplam as razões de suas decisões”, uma habilidade importante para as crianças serem modelada (Norton, 2010, p. 34).

Percebe-se que:

O corpo linguagem, o corpo palavra, o corpo escrita encontra na literatura seu mais perfeito exercício. A literatura não apenas tem a palavra em sua constituição material, como também a escrita é seu veículo predominante. A prática da literatura, seja pela leitura, seja pela escrita, consiste exatamente em uma exploração das potencialidades da linguagem, da palavra e da escrita, que não tem paralelo em outra atividade humana. Por essa exploração, o dizer o mundo (re)construído

---

pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como uma prática fundamental para a constituição de um sujeito da escrita. Em outras palavras, é no exercício da leitura e da escrita dos textos literários que se desvela a arbitrariedade das regras impostas pelos discursos padronizados da sociedade letrada e se constrói um modo próprio de se fazer dono da linguagem que, sendo minha, é também de todos (COSSON, 2005, p. 16)

A literatura é valiosa porque promove o desenvolvimento da personalidade e social. As crianças são muito impressionáveis durante os anos de formação, e a literatura infantil pode ajudá-las a se tornarem pessoas atenciosas, inteligentes e amigáveis. O psicólogo do desenvolvimento Jean Piaget diz que quando os alunos passam do estágio pré-operacional para o operacional do desenvolvimento cognitivo, eles se tornam menos egocêntricos. Enquanto os alunos da pré-escola e do jardim de infância podem estar totalmente focados em si mesmos, à medida que crescem, eles começam a levar em consideração os sentimentos e pontos de vista dos outros. Ser capaz de compreender os pontos de vista das outras pessoas e não ser egoísta são habilidades importantes que os adultos devem nutrir nas crianças, pois Norton afirma que "relacionamentos aceitáveis exigem uma compreensão dos sentimentos e pontos de vista dos outros" (2010, p. 27).

### FAIXA ETÁRIA DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil compreende os livros escritos e publicados para jovens que ainda não estão interessados nas histórias para adultos ou que podem não possuir as habilidades de leitura ou compreensão do desenvolvimento necessárias para sua leitura. Além de livros, a literatura infantil também inclui revistas destinadas ao público pré-adulto (NORTON, 2010)

A faixa etária da literatura infantil vai desde a infância até o início da adolescência, que coincide aproximadamente com as idades cronológicas de doze a quatorze anos. Entre aquela literatura mais apropriada para crianças e aquela mais apropriada para adultos está a literatura para jovens adultos. Normalmente, a literatura para jovens adultos é mais madura em conteúdo e mais complexa em estrutura literária do que a literatura infantil. (NORTON, 2010, p.29)

Percebe-se então que a maioria dos gêneros literários da literatura adulta também aparece na literatura infantil. Ficção em suas várias formas - realismo contemporâneo, fantasia e ficção histórica, poesia, contos populares, lendas, mitos e épicos - todos têm seus correspondentes na literatura infantil. Os livros ilustrados para crianças incluem livros de histórias, livros do alfabeto, livros de contagem, livros sem palavras e livros conceituais.

A literatura escrita especificamente para um público infantil começou a ser publicada em larga escala no século XVII. A maioria dos primeiros livros infantis eram didáticos, em vez de artísticos, destinados a ensinar os sons das letras e as palavras ou a melhorar a vida moral e espiritual da criança.

Autores todos da metade do século XIX são eles que confirmam a literatura infantil como parcela significativa da produção literária da sociedade burguesa e capitalista. Dão-lhe consistência e um perfil definido, garantido sua continuidade e atração. (LAJOLO; ZILBERMAM, 2003, p. 21).

Com o advento das técnicas de reprodução baseadas em computador na última parte do século XX, o antes tedioso e caro processo de reprodução em cores foi revolucionado e agora quase todas as mídias originais podem ser traduzidas com sucesso para a forma de livro ilustrado. Embora muitos artistas continuem a trabalhar com mídia tradicional, como gravura, caneta e tinta, fotografia e pintura, eles se juntaram a artistas que trabalham com escultura em papel, construções de mídia mista e computação gráfica.

Para Arroyo (1968, p.120):

As observações em torno dos primórdios do aparecimento da literatura infantil no Brasil indicam que o gênero do ponto de vista histórico baseou-se na literatura de leitura escolar. Isto é, naqueles livros, numerosos simplesmente destinados a fornecer leitura aos meninos nas escolas. Não se refere, nesse particular, às obras destinadas a infância de outros países para cá vindo através de traduções, pois estes tanto serviam para adultos como para crianças.

---

As mudanças na literatura para crianças mais velhas foram igualmente importantes.

Outra grande mudança na publicação para crianças foi o aumento da literatura infantil multicultural. Antes de meados do século XX, o mundo retratado nos livros infantis era em grande parte um mundo branco. Se personagens de uma cultura não-branca aparecessem em livros infantis, quase sempre eram estereotipados.

## A LINGUAGEM ORAL COMO BASE PARA A ALFABETIZAÇÃO

A linguagem oral fornece às crianças um sentido de palavras e frases e desenvolve a sensibilidade ao sistema de som para que as crianças possam adquirir consciência fonológica e fonética. Por meio de sua própria fala, as crianças demonstram sua compreensão do significado das palavras e dos materiais escritos.

As crianças criadas em famílias onde os pais fornecem uma linguagem rica e apoio à alfabetização têm melhor desempenho na escola do que aquelas que não o fazem. As famílias com pouca linguagem tendem a usar menos palavras diferentes em suas conversas cotidianas e o ambiente de linguagem tende a ser mais controlador e punitivo.

A aquisição da linguagem é o processo pelo qual a criança aprende sua língua materna, à medida que o indivíduo é estimulado pelo meio e também de acordo com suas capacidades neurológicas, emocionais e físicas. O desenvolvimento normal da linguagem oral garante um bom desempenho na aquisição da linguagem escrita. (SILVEIRA, 1992, p. 30)

Percebe-se então que existe uma forte relação entre o desenvolvimento do vocabulário e o desempenho em leitura. Compreender o significado das palavras é fundamental para entender o que uma criança lê. Bons leitores combinam uma variedade de estratégias para ler palavras. Mesmo quando as crianças têm grande familiaridade com o código alfabético, frequentemente encontram palavras cuja pronúncia não é facilmente previsível.

Ler envolve compreender textos escritos. O que as crianças trazem para um texto influencia a compreensão que elas tiram e o uso que fazem do que é lido.

Aprender a ler e escrever é um processo contínuo desde a infância. Ao contrário da crença popular, não começa repentinamente no jardim de infância ou na primeira série. Desde os primeiros anos, tudo o que os adultos fazem para apoiar a linguagem e a alfabetização das crianças é fundamental.

A fala dos adultos gera efeitos e sentidos sobre as crianças, tanto no que se refere a aspectos de seu desenvolvimento global, quanto da aquisição de sua linguagem, mostrando que a fala da criança tem que ser interpretada e compreendida, ressaltando que entre o adulto e a criança tem que haver diálogo. (SILVA, 2007, p.38)

Ler com adultos, olhar livros de forma independente e compartilhar experiências de leitura com colegas são algumas das maneiras pelas quais as crianças vivenciam os livros.

O leitor competente executa um trabalho de construção do significado, utilizando-se de estratégias como seleção e antecipação, inferência e verificação. A formação de leitores competentes, como processo anterior ao da formação de escritores, exige a participação do professor enquanto promotor de uma intertextualidade organizada em torno da diversidade de texto que circulam socialmente o aluno. Preparar este leitor é um trabalho que pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler, convencionalmente (CARVALHO, 2006, p. 95).

Quer dizer que a linguagem oral se desenvolve simultaneamente com o desenvolvimento da alfabetização e inclui compreensão auditiva, expressão verbal e desenvolvimento do vocabulário. O desenvolvimento da linguagem oral é facilitado quando as crianças têm muitas oportunidades de usar a linguagem nas interações com os adultos e entre si e quando ouvem e respondem às histórias. Crianças pequenas constroem vocabulário quando se envolvem em atividades que são linguisticamente estimulantes, encorajando-as a descrever eventos e construir um conhecimento prévio.

## LEITURA, ESCRITA E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Madalena Freire (1986, p. 39), ao desenvolver na pré-escola um trabalho articulado a partir dos interesses das crianças, conclui seu relatório com a certeza de que, para as crianças, a busca de

---

conhecimentos é “vida aqui e agora”. Não é preparação para nada, afirma a autora convicta, respondendo ao que estava posto na época como finalidade da pré-escola. A atualidade do seu relato, registrado no livro *A paixão de conhecer o mundo*, está nas concepções de infância e de educação infantil, que possibilitaram um trabalho autoral, desafiador e, sobretudo, vivido com entusiasmo num tempo-espaço onde histórias se juntaram e se entrelaçaram coletivamente.

A esse respeito Freire (1996, p. 86) ressalta:

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é um desafio e não uma “cantiga de ninar”. [...] É preciso que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, reconhecer.

O tema da leitura e da escrita desde há muito habita o universo de professores, famílias, crianças, sistemas de ensino e legislação. Presentes nos embates políticos, sob diferentes enfoques, várias áreas de estudo têm se dedicado à alfabetização, à leitura e à escrita das crianças. Visões distintas em disputa buscam lugar em estudos, políticas e também em práticas, exigindo dos educadores reflexões e retomadas de conquistas e posições.

O mesmo pode-se dizer da educação infantil, em que concorrem distintas formas de relação com o ensino fundamental, que vão desde a busca por funções e práticas específicas à subordinação de conteúdos e metodologias adotados no ensino fundamental. Nas sociedades contemporâneas, as práticas de leitura e escrita na educação infantil materializam grande parte dessas disputas, tanto pelo valor dado à alfabetização, devido ao viés grafocêntrico no qual se organizam, quanto pela ideia de produtividade, de abreviação do tempo livre, de exigência de produtos que comprovem resultados de investimentos feitos.

Conforme Gadotti (2002, p. 31):

Todas as definições sobre o que é ler levam a existência de um “leitor, de um “código” e de um “autor”. Através do código, o autor expressa os seus pensamentos, comunicando-se como leitor. O código é representado pelo texto, que deve ser compreendido, ou seja, é necessário que o leitor consiga atribuir-lhe significados dentro do contexto histórico em que vive.

Significa que os professores podem ajudar crianças fornecendo instrução de consciência fonológica que é sistemática e explícita, integrada às atividades diárias, incluindo sessões de instrução individuais e em grupo planejadas, e adaptadas às necessidades de aprendizagem das crianças em todos os níveis de desenvolvimento. Os alunos se beneficiam quando os professores usam uma pronúncia clara de sons e fornecem feedback para corrigir erros, incluindo fazer as crianças produzirem respostas corretas.

## O LEITOR E AS CARACTERÍSTICAS DE UMA LEITURA SIGNIFICATIVA

O leitor experiente tem duas características básicas que tornam a leitura uma atividade consciente, reflexiva e intencional: primeiro, ele lê porque tem algum objetivo em mente, isto é, sua leitura é realizada sabendo para que está lendo, e, segundo, ele compreende o que lê, o que seus olhos percebem seletivamente é interpretado, recorrendo a diversos procedimentos para tornar o texto inteligível quando não consegue compreender.

De acordo com Leffa (1996, p.143):

Ler é um fenômeno que ocorre quando o leitor, que possui uma série de habilidades de alta sofisticação, entra em contato com o texto, essencialmente um segmento da realidade que se caracteriza por refletir um outro seguimento. Trata-se de um processo extremamente complexo, composto de inúmeros subprocessos que se encadeiam de modo a estabelecer canais de comunicação por onde, em via dupla, passam inúmeras informações entre o leitor e o texto.

Por meio desse olhar sobre a leitura, pode-se observar que ela é um processo amplo e complexo, que exige mais do leitor do que simplesmente o conhecimento linguístico.

---

Segundo os PCNs (1997, p.53):

Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita.

Percebe-se então que a leitura é um processo complexo e rico, envolvendo a interação entre os elementos trazidos pelo texto e aqueles que o leitor carrega com ele.

Para Freire (1986, p.23):

A compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. [...] Linguagem e realidade se aprende dinamicamente. [...] A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela.

Portanto percebe-se que para que a leitura tenha significado deve ser trabalhada de acordo com os conhecimentos prévios que o indivíduo possui.

De acordo com Soares (2004, p. 37):

O uso de habilidades de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania.

Então nota-se que a leitura deve ser incentivada por meio de novas práticas de ensino, na qual os alunos tenham processo ensino aprendizagem significativo, que permita entender e se apropriar da complexidade do mundo da escrita.

## ESTRATÉGIAS DE LEITURA

De acordo com Koch (2007), qualquer texto traz várias ideias implícitas, perceptíveis pela mobilização do contexto sociocognitivo no interior do qual se movem os atores sociais (leitor e autor), isto é, as informações lidas produzem interacionalmente em conhecimentos novos para o leitor. Sendo assim, Koch (2005) compara a leitura com o jogo da linguagem, no qual os estrategistas ou atores sociais utilizam processos de ordem sociocognitiva, interacional e textual para produzir sentido.

Nesse processo, interage o escritor ou planejador, o qual planeja e organiza o texto, disponibilizando para o leitor as informações para ele pertinentes para a produção do sentido, o texto, o qual contém as informações explícitas e implícitas organizadas pelo planejador, e o leitor, que, a partir do texto, faz as representações necessárias a fim de construir um sentido para esse texto.

Isto é, existe uma série elementos explícitos ou implícitos que envolvem o texto para que se alcance a total compreensão do que seja um texto. Esses elementos podem ser inseridos no texto não só de maneira explícita (que se pode reconhecer), mas, também de maneira implícita, sendo que essa última não pode ser compreendida apenas com a decodificação dos símbolos da linguagem.

Os implícitos fazem com que o ato de leitura não se restrinja somente a leitura do código linguístico, mas permitam que, por meio deles, compreendamos as informações que não foram inseridas no enunciado de modo direto, claro.

Segundo Koch (2005, p. 24):

O conhecimento linguístico propriamente dito, o conhecimento enciclopédico, quer declarativo, quer episódico (frames, scripts), o conhecimento da situação comunicativa e de suas "regras" (situacionalidade), o conhecimento superestrutural (tipos textuais), o conhecimento estilístico (registros, variedades da língua e sua adequação às situações comunicativas), o conhecimento sobre os variados gêneros adequados às diversas práticas sociais, bem como o conhecimento de outros textos que permeiam nossa cultura (intertextualidade).

---

Portanto, o ato de ler ativa uma série de ações na mente do leitor, por meio das quais ele extrai informações. Segundo Koch (2005), a mobilização desses conhecimentos por ocasião do processamento textual realiza-se por meio de estratégias de diversas ordens:

- Cognitivas: inferências, focalização, a busca de relevância.
- Sociointeracionais: preservação das faces, polidez, atenuação, atribuição de causas a (possíveis), mal-entendidos, etc.;
- Textuais: conjunto de decisões concernentes à textualização, feitas pelo produtor do texto, tendo em vista seu “projeto de dizer” (pistas, marcas, sinalizações).

Pela citação de Koch percebe-se que o ato de ler está relacionado à diversas ordens, como cognitivas, sociointeracionais ou textuais.

Entretanto, para Solé (2008, p.69-70),

Estratégias de compreensão leitora são procedimentos de caráter elevado, as quais envolvem a presença de objetivos a serem realizados e o planejamento das ações que são desencadeadas para atingi-los, assim como sua avaliação e possível mudança.

Uma das características das estratégias consiste no fato de não prescreverem totalmente o curso de uma ação, elas são suspeitas inteligentes, embora, arriscadas, sobre o caminho mais adequado que se deve seguir. Então, ao ensinar estratégias de leitura em sala de aula, deve-se ter em mente que as técnicas que não são como receitas infalíveis na construção de um aluno-leitor proficiente, mas auxiliam o aluno a alcançar os objetivos propostos.

Para Solé (2008), poder ler é compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos, de maneira a contribuir de forma decisiva para autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é um instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada. Porém, para alcançar esse objetivo, é necessário que o professor tenha claro as estratégias de leitura que serão necessárias para o processo. Ainda, Solé (2008) ressalta que a maior parte das atividades escolares é voltada para avaliar a compreensão da leitura dos alunos e não para o ensino de estratégias que formem o leitor competente. Portanto, o trabalho com a leitura em sala de aula é apresentado pela autora consiste em três etapas de atividades com o texto: o antes, o durante e o depois da leitura.

Neste momento, o leitor reunirá o esforço da pré-leitura no sentido de construir uma interpretação possível do texto.

(...) para que um mau leitor deixe de sê-lo, é absolutamente necessário que possa assumir progressivamente o controle do seu próprio processo e entenda que pode utilizar muitos conhecimentos para construir uma interpretação plausível do que está lendo: estratégias de decodificação, naturalmente, mas também estratégias de compreensão: previsões, inferências, etc. as quais precisa compreender o texto (SOLÉ, 2008, p. 126).

Depois dos processos de pré-leitura e a própria leitura, chega-se ao momento em que se realiza uma interpretação mais profunda, pois, o aluno já possui os pré-requisitos desejados para que ocorra a busca dos implícitos do texto. Dessa forma, o aluno pode identificar com mais clareza qual é a ideia principal do texto, pode sintetizar os parágrafos ou o texto todo, etc.

Por fim, vale, no final do processo, certificar-se da compreensão do texto feita pelo aluno, pois, essa é maneira de saber se as estratégias de leituras foram empregadas corretamente ou se é necessário retomar mais alguns pontos obscuros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se pensar no processo da leitura o educando tem que buscar compreender e refletir a respeito do significado que a leitura representa para si.

O ato de ler está além da obrigatoriedade, transpassando o simples fato de saber ler, buscando o prazer em ler um livro ou um texto e aprendendo a apreciar uma leitura além do espaço escolar.

Percebe-se que nas salas de aula, muitas vezes a leitura de textos não tem significado e não fazem parte do contexto do educando. Com uma leitura mecânica e sem emoção a aprendizagem acaba

tornando-se um momento ineficiente na busca pelo entendimento do educando com o mundo letrado e é durante esse processo que os professores precisam mudar suas estratégias em forma de ser mediador e tornar a leitura mais prazerosa e significativa, fundamentalmente na alfabetização.

Ao ser estimulado por meio de situações prazerosas com a leitura, desperta-se no indivíduo o desejo de saber, com isso o ato de ler provoca uma fácil adaptação no processo da alfabetização.

O momento da leitura deverá ser pensado, repensado e planejado, fazendo parte do contexto com o que está sendo ensinado em sala de aula, beneficiando o aprendizado dos alunos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Leonardo. Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa – ensino da 1ª a 4ª série. Brasília: MEC / SEF, 1997.

CARVALHO, Silvana Oliveira. A importância da leitura e da produção textual na proposta das séries iniciais. In: Caderno de aplicações. Porto Alegre, 2006.

FREIRE, M. A paixão de conhecer o mundo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

COSSON, R. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

GADOTTI, Moacir. A Educação contra a educação. São Paulo: Cortez, 1982.

KOCH, Ingedore G. V. Desvendando os segredos do texto. 4 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

KOCH, Ingedore G. V. A interação pela linguagem. 10 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira: histórias e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2003.

LEFFA, Vilson Jose. Fatores da Compreensão na Leitura. Cadernos do IL, Porto Alegre, v.15, n.15, p.143-159, 1996

NORTON, D., & NORTON, S. Through the eyes of a child: An introduction to children's literature (8th ed.). Boston, MA: Prentice-Hall. 2010.

SILVA, C. L. C. A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem. 2007. 293 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SILVEIRA, J.A. M. Estudo da Deficiência Auditiva em crianças submetidas a exames de potenciais auditivos: etiologia, grau de deficiência e precocidade diagnóstica. 1992.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. São Paulo: Contexto, 2004.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6 ed. São Paulo: Artmed, 2008.



### **Delmira Moreira da Cruz**

Graduada em Pedagogia pela Universidade Santo Amaro (UNISA), SP, 2012. Segunda Licenciatura em Artes Visuais pelo Centro Universitário de Jales (UNIJALES) Jales, SP, 2018. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).



## A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

DJINANE DE ALMEIDA AMORIM

**RESUMO:** O presente trabalho evidencia a temática sobre a “contação de histórias” abordando diversos questionamentos acerca de como esta prática pedagógica pode contribuir com o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil. Contar histórias é uma atividade indispensável que transmite valores e conhecimentos, sua ação é decisiva na formação e no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, utilizá-la em sala de aula como uma prática pedagógica permanente, permite um ganho a todos os envolvidos, os alunos serão instigados a imaginar e criar muito mais e os professores poderão ministrar uma aula muito mais prazerosa e produtiva, além de atingir o objetivo de uma aprendizagem verdadeiramente significativa. As histórias representam indicadores efetivos para situações desafiadoras, assim como fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos, portanto, se faz necessário que os professores utilizem essa ferramenta para o desenvolvimento da criança, despertando pequenos leitores e estimulando para o mundo da imaginação.

**Palavras-chave:** Aprendizagens. Leitura. Literatura. Lúdico. Imaginação.

### INTRODUÇÃO

A literatura se faz presente nas brincadeiras, nas rodas cantadas, na arte e nos desenhos infantis, ela está sempre envolvida com as atividades lúdicas, pois promove o desenvolvimento da criança, além da imaginação, da criatividade e de seu senso crítico. A valorização da contação de histórias possibilita às crianças um desenvolvimento mais completo, pois na maioria das vezes é apenas na escola que elas têm contato com histórias que lhes ajudam a perceber a ludicidade das palavras, podendo criar e recriar novos textos e iniciar o gosto pela leitura. As histórias devem proporcionar a formação do caráter e dar à criança perspectivas, mostrando um caminho onde elas possam se posicionar criticamente, avaliando sua realidade. Este trabalho visa mostrar a importância da contação de histórias na aprendizagem da Educação Infantil, propondo técnicas e meios do educador trabalhá-las em sala de aula.

O trabalho em questão traz uma breve descrição sobre a história da Literatura Infantil, como e quando ela surgiu, os caminhos que trilhou até chegar às unidades de educação como recurso didático. Nesse ambiente educativo, potencializador de aprendizagens significativas, os livros ocupam, naturalmente, um lugar de destaque. A Literatura Infantil é uma fonte enriquecedora de conhecimento e informação, dispendo aos seus pequenos leitores momentos de grande alegria e aprendizado, concedendo-lhes novas experiências para seu desenvolvimento. Este artigo preleciona também, sobre a importância da leitura na Educação Infantil, uma vez que a partir do momento que a criança entra em contato oral com o universo literário, já inicia o desenvolvimento das habilidades que poderão torná-la uma leitora eficiente. O interesse pela leitura nasce da experimentação e do contato com o livro, logo, a criança precisa ter oportunizado esses momentos para aprender a gostar de ler, para sentir-se despertada. Assim, o papel do professor é essencial, pois ele será o principal responsável por viabilizar um ambiente propício e de interesse para que esse futuro leitor desenvolva seu interesse por esse mundo fascinante que é a literatura infantil.

### UMA BREVE DESCRIÇÃO SOBRE A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

No final do século XVII surge a Literatura Infantil com as fábulas de La Fontaine (1668) e Os Contos da Mamãe Gansa, de Perrault (1697). Em 1812, os irmãos Grimm, na Inglaterra, editam a coleção de contos de fadas. Com o sucesso, percebe-se que as crianças têm predileção por histórias com aventuras e acontecimentos fantásticos.

Conforme Barros (2013)

A revolução social imposta pelas guerras, que modificaram os costumes entre a Idade Média e os tempos modernos, criou uma compreensão da

---

particularidade da infância e sua importância tanto moral como social. Com a ascensão da burguesia, há um investimento na educação, na qual a infância passou a ser o centro das atenções. (BARROS, 2013, p. 15)

Como consequência de nova configuração de sociedade, a produção editorial infantil acompanha essas transformações. A burguesia se consolida como classe social e incentiva instituições que trabalham a seu favor.

Já no século XIX as crianças passaram a ter maior visibilidade e as produções voltadas para esse público começaram a surgir como mais força. A criança começa a ser vista como um sujeito que precisa ter suas necessidades e desenvolvimentos respeitados. Todavia a Literatura Infantil surge com caráter pedagógico, ao transmitir valores e normas da sociedade com a finalidade de repassar ensinamentos de acordo com o modo que o adulto quer que a criança veja o mundo, empregada dessa forma ofusca a capacidade de fornecer condições de o sujeito ter uma percepção autônoma e crítica perante a vida.

Dessa forma, Lajolo (2002) esclarece que os laços entre a literatura e a escola começam desde este ponto: a habilitação da criança para o consumo de obras impressas.

Muitas produções infantis foram escritas durante os séculos, através de pedagogos e professores clássicos, os livros sempre com sua função determinada. Geralmente com o objetivo de mostrar às crianças como viver em sociedade

Porém, apenas no século XX, no Brasil, é que as primeiras produções ganham forma com a "Turma do Sítio do Pica Pau Amarelo", de Monteiro Lobato. Esse fato impulsionou o lançamento de outros trabalhos visando o desenvolvimento intelectual e cultural das crianças e despertando a imaginação.

Monteiro Lobato acreditava que uma crescente indústria do livro seria de grande ajuda para o desenvolvimento brasileiro. "Um país se faz com homens e livros" (KOSHIYAMA, 1982, p. 7).

Mesmo tendo ciência que a população era apta à leitura, mas que o difícil acesso ao material impedia a interação leitor/livro, Lobato percebeu que uma das soluções seria vender livros que estivessem ao alcance da população. Assim, criou uma rede de distribuição de livros por todo o Brasil, mesmo os meios de transporte da época sendo escassos. Grande parte dos livros eram comercializados em trens e navios.

Lobato (1959, p. 253) afirma, em entrevista publicada na obra "Prefácios e entrevistas" que:

Aquela mercadoria que produzíamos – 'livro' - era uma mercadoria sem bocas de escoamento. Não havia pelo país inteiro mais que umas 40 ou 50 livrarias. Ora, como pensar numa indústria assim, sem saída para os seus produtos? E a Grande Ideia veio: romper aquela barragem, rasgar seteiras na muralha, levar os livros até onde houvesse um grupo de frequentes potenciais. (LOBATO, 1959, p. 253)

Além disso, inovou em termos da apresentação visual do livro e foi responsável por produzir capas mais atraentes do que as tradicionais, que eram amarelas e sem vida e seguiam o estilo francês, muito comum na época e que pouco encantavam seu público-alvo: os leitores. Vale ressaltar que de início haviam as traduções e adaptações da tradição europeia, mas como a literatura infantil também deveria auxiliar a escola, isso não bastava. Fazia-se necessária uma produção nacional, pois havia uma enorme carência de publicações brasileiras voltadas para as crianças. Lobato sempre soube que a leitura era essencial para o desenvolvimento humano. Num país com elevado índice de analfabetismo, estimulou a prática da leitura dos cidadãos. Sua literatura era renovadora. Também, como editor, teve enorme capacidade de aumentar o número de locais de vendas de livros de maneira impressionante, assim como o número de obras editadas, vendidas e lidas.

Como também escreve Coelho (1991)

A Monteiro Lobato coube à fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e Juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o de hoje. Fazendo a herança do passado imergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a Literatura Infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o nosso século exigia. (COELHO, 1991, p.225)

Durante o século XX, a Literatura Infantil passa por uma enorme expansão devido às pesquisas relacionadas ao desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e afetivo da criança.

---

Entre as décadas de 30 a 60, as obras literárias foram substituídas por cartilhas didáticas, livros informativos, gibis e novas linguagens tecnológicas. Além disso, os autores produziram uma quantidade considerável de obras, com repetição de personagens e temas. Sem renovação. Assim, Lajolo e Zilberman (2002, p.87), constatam que

O resultado levou ao menor reconhecimento artístico e à maior marginalização da literatura infantil, se comparada aos demais gêneros existentes. Talvez se tratasse de uma profissionalização precária, não pensando os riscos.(LAJOLO; ZILBERMAN, 2002, p.87)

Após o momento de estagnação criativa, multiplicam-se os autores que começam a reinventar histórias da literatura infantil brasileira, tendo assim, um crescimento qualitativo.

Apenas na década de 70, segundo Barros (2013):

A Literatura Infantil é redescoberta e elegida como fator importante ao desenvolvimento intelectual e cultural da criança. É nessa década que o Instituto Nacional do Livro (fundado em 1937) começa a coeditar, através de convênios, expressivo número de obras infantis e juvenis, nessa época autoridades educacionais, professores e editores começam a preocupar-se com os investimentos na produção de textos voltados para a população escolar, devido ao baixo índice de leitura.(BARROS, 2013, p. 18)

Os livros passam a ter maior relevância e a preocupação com aspectos gráficos assume autonomia e em alguns casos autossuficiência. O gênero assume uma forte ligação com o âmbito escolar, porém com a necessidade de reafirmar-se como obra literária.

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 5.692/71) as obras destinadas às crianças cresceram e ocorreu um aumento dos escritores e das editoras interessados na publicação desse tipo de material para o público infantil, ao decretar o ensino da língua nacional por meio de textos literários.

Segundo Lajolo (2002)

Outra forma de adequação a esse mercado ávido, porém desabituaado da leitura foi à inclusão, em livros dirigidos à escola, de instruções e sugestões didáticas: fichas de leitura, questionários e roteiro de compreensão de texto marcam o destino escolar de grande parte dos livros infanto-juvenis, a partir de então lançados, quando também se tornam comuns as visitas de autores a escolas, onde discutem sua obra com os alunos. (LAJOLO, 2002, p.123)

As crianças têm forte ligação com os livros de Literatura Infantil, pois esses divertem, aguçam a curiosidade, estimulam a imaginação, desenvolvem o raciocínio e permitem uma melhor compreensão do mundo. Sendo assim, para que as crianças possam ter acesso integralmente a esse rico material, faz-se necessário que dominem a língua escrita, capacidade esta que cabe à escola desenvolver, principalmente. Neste sentido "a escola passa a habilitar as crianças para o consumo das obras impressas, servindo como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo" (LAJOLO; ZILBERMAN, 2002, p.25).

A disseminação da literatura infantil continua ocorrendo dentro das escolas, uma vez que as editoras são as principais responsáveis pela circulação dos livros para as crianças, por meio de feiras de livros, doação de exemplares para os professores para possíveis adoções. O governo federal é um grande comprador desses livros, tornando-se assim uma grande influência na produção.

Como afirma Dias (2009)

Literatura infantil é, sim, literatura. Não por que destinada à criança deva ser um produto de menos importância. Ouve-se, com certa frequência, - até de educadores - referirem-se aos livros para crianças como, livrinhos, como historinhas. O uso desses diminutivos para se referir à literatura para crianças revela uma concepção de criança como um ser de pouca exigência, que consome produtos inferiores. (DIAS, 2009, p. 34)

Infelizmente, nos últimos anos, no Brasil, houve a publicação de um grande número de livros que deixam a desejar quando o assunto é qualidade. São obras que subestimam as crianças, que não expõem os conflitos existentes na vida, mostrando apenas o lado bom e a vida ideal.

---

Saber escolher um livro de qualidade é muito importante. Saber que autores consagrados nem sempre são sinônimos de boas publicações é fundamental. É muito comum acontecer de escritores serem pressionados pelo mercado editorial para continuarem produzindo mais livros com o mesmo tema, mesmos personagens, após um sucesso.

É importante salientar que a prática constante do hábito de ler dos professores e professoras auxilia na seleção de livros de qualidade. Quanto mais lemos para as crianças, mais chance de percepção adquirimos do que é bom e do que não é bom. Se um livro consegue prender a atenção e despertar a imaginação de um adulto, é muito provável que isso também ocorra com as crianças.

Ler é pensar, é fruição. Não se deve ler para produzir um produto, como normalmente acontece. Quando se organiza uma atividade de ilustração, de dramatização, ou qualquer outra atividade que visa certificar que a criança compreendeu o texto, essas substituem o diálogo com o livro, as discussões entre os leitores com a intervenção do professor. Ou também porque alguns professores não conseguem ler apenas pelo prazer, ler por ler.

Como justifica Lajolo (2002)

Por isso, a mera inclusão de textos tidos como bons e superiores entre os textos escolares não soluciona nenhuma das faces da crise da leitura. Pois a presença, de um excelente texto num manual pode ficar sem a contrapartida, qual seja o texto tido como bom pode ser diluído pela perspectiva de leitura que a escola patrocina através de atividades com que ela circunda a leitura. (LAJOLO, 2002, p. 20).

O papel do professor como mediador do processo livro e leitor é de grande importância. Uma vez que ele é um facilitador da aproximação entre ambos. Também, como leitor crítico, é capaz de analisar e selecionar o material que as crianças terão acesso.

## A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E LITERATURA NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

A inserção da criança no mundo da leitura deve acontecer mesmo antes de ser iniciado o processo de alfabetização, através de estratégias de leituras estimulantes e criativas, realizadas pelos professores e pela família.

A partir das interações do ser humano com o meio cultural em que vive, o ato de ler ocorre de forma espontânea. Já nos primeiros anos de vida, os bebês interagem com o mundo escrito, compreendendo e dando sentido ao que os cercam. O hábito de folhear as páginas mesmo quando as crianças ainda não tenham aprendido a decifrar o código escrito, vão dando significado ao que veem, vão compreendendo o que observam, desenvolvem a criatividade e abre as portas para o mundo da leitura, deixando aflorar seus sentimentos e sendo atraídos pela curiosidade. Um mundo repleto de emoções e fantasias.

Segundo Lopes (2012)

Entendemos, então, que a escrita representa uma conquista do ser humano.

Para perpetuar pensamentos, sentimentos, frustrações e esperanças ao longo de sua existência. Nesse âmbito, a leitura se manifesta como forma de curiosidade e também necessidade em revelar os segredos do mundo, de diálogo com a vida.

Ficamos então com a sensação de que o aprendizado da leitura é algo agradável e que podemos modificar o mundo por meio desta. E o leitor, nesse processo de leitura, não é passivo ele vai buscar significados no texto. Sendo assim, a leitura não se limita apenas a decifrar sinais gráficos, ela exige participação ativa do sujeito nesse processo, levando-o à construção do seu conhecimento. (LOPES, 2012, p.9-10)

O ato de ler torna-se uma necessidade para aquisição de significados onde a escrita está presente, deste modo, "a leitura seria a ponte para o acesso educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo" (MARTINS, 1990, p.25) e sua participação na sociedade.

De acordo com outros pesquisadores "a leitura deve sempre estar em conexão com o interesse intrínseco, ou com o valor daquilo que é lido. A leitura nunca deve ser feita ou concebida como um exercício" (BETELHEIM; ZELAN, 1992, p.29). A leitura precisa dar sentido ao mundo da criança.

---

A Literatura Infantil tem papel importante para o aprendizado da criança, pois relaciona essa com suas experiências pessoais. Sendo bem utilizada, é um importante instrumento na construção do conhecimento da criança, fazendo com que ela desperte para o mundo da leitura com uma aprendizagem significativa, mas também como uma atividade prazerosa em que é possível adentrar o mundo da imaginação. Permitindo o educando desenvolver a emoção e ampliar a interação humana, aprendendo assim, a conviver.

Segundo a concepção sociointeracionista de Vigotsky (1987), a criança deve ser entendida como ser social e histórico que apresenta diferenças de procedência socioeconômico, cultural, familiar, racial, de gênero, de faixa etária e que necessitam ser conhecidas respeitadas e valorizadas tendo como finalidade o desenvolvimento integral nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social contemplando a ação da família e da comunidade.

Psicólogos, pedagogos, professores e outros agentes educativos reconhecem hoje que o contato precoce e sistemático da criança com este objeto é de extrema relevância para o desenvolvimento cognitivo, psicológico, socioafetivo e emocional do ser em crescimento.

Segundo Lajolo (2002) “ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida.”(LAJOLO, 2002, p.7)

Podemos entender então, que as leituras acontecem independente da aprendizagem escolar, ou seja, na interação com o mundo em que se vive.

Quando a criança passa a frequentar a escola, ela traz consigo uma sucessão de experiências adquiridas na sua relação com a família e com o meio no qual ela está inserida, através das brincadeiras, jogos, experiências visuais/sonoras, passeios, lazer, histórias, brinquedos, entre outros artifícios que influenciam seu processo de aprendizagem.

Durante a aquisição da leitura e da escrita, a criança depara-se com um mundo repleto de atrativos (histórias, textos, letras). Esse processo torna-se muito mais prazeroso e agradável se elas puderem participar deles ativamente, enquanto sujeitos construtores de cultura infantil.

O interesse pela leitura nasce da experimentação, do contato e da relação com o livro, ou seja, a criança precisa ter oportunizado esses momentos para aprender a gostar de ler, para sentir-se despertada. E o adulto é o principal mediador desse encontro criança/livro.

Os bons livros de literatura infantil são ótimas ferramentas para aguçar a imaginação e a criatividade. Fazendo as crianças embarcarem num mundo de aventuras. Estimular esse público nessa busca por conhecer o conteúdo dos livros é valiosíssimo.

Nas palavras de Marafigo (2012)

A criança através da literatura é desafiada como ser humano a expressar seus pensamentos e opiniões, através da linguagem. A literatura é um subsídio no qual o leitor realiza trabalho de construção de conceitos a partir de objetivos e conhecimentos. Cada criança procura se assemelhar com os personagens dos contos encontrando possibilidades de descobrir o mundo imerso dos conflitos.(MARAFIGO, 2012, p. 6)

A literatura é uma importante ferramenta para a aquisição de conhecimentos, por meio da socialização e da comunicação. Além disso, enriquece e favorece o desenvolvimento, ou seja, a leitura contribui para o crescimento intelectual e para o amadurecimento psicológico do indivíduo. Também, é uma ferramenta que integra o homem às possibilidades que o rodeiam. Com isso, podemos perceber que uma nação só pode se transformar quando existirem indivíduos capazes de refletir e essa reflexão só é capaz por meio da leitura, na inserção dos livros na vida e nos ambientes sociais.

Segundo MALLMANN (2011, p.14), “a literatura infantil é um recurso fundamental e significativo, para a formação do sujeito, de um leitor crítico e ainda pode desenvolver os valores morais”.

O contato com a leitura deve começar desde a tenra idade quando as crianças estão mais flexíveis e com a curiosidade aguçada. Além disso, quanto mais precocemente isso ocorrer, maior será a probabilidade delas tornarem-se adultos leitores.

É na intervenção de um adulto, sendo exemplo de leitor ou lendo para as crianças que essa relação vai tomando outro sentido. A criança começa a enxergar os livros com outras possibilidades, como um transporte ao mundo da fantasia, da aventura de descobertas e de compreensão de mundo.

---

Sendo assim, é na infância que esse prazer precisa ser incentivado. É por meio do exemplo do adulto que a criança passa a imitá-lo. Se isso ocorre na escola e na família, a criança entende que ler é um ato prazeroso

Para Marafigo:

Ouvindo histórias pode-se também sentir emoções importantes, como a raiva, a tristeza, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade. Enfim, ouvir narrativas é uma provocação para mergulhar profundamente em sentimentos, memórias e imaginações. As histórias podem fazer a criança ver o que antes não via, sentir o que não sentia e criar o que antes não criava. O mundo pode se tornar outro, como mais significados e mais compreensões. (MARAFIGO 2012, p. 8)

Portanto, é possível afirmar que as histórias auxiliam no desenvolvimento psicológico da criança, pois a ajuda a compreender, inconscientemente, o mundo e a enfrentar os problemas ou questionamentos, oferecendo soluções temporárias para as suas dificuldades e propiciando seu amadurecimento.

Como justifica LOPES (2012, p.15):

Portanto, a leitura contribui para a criança tanto no seu desenvolvimento intelectual e da linguagem, como orienta, guia, diverte, enriquece a sua existência, ou seja, a leitura dá vida à criança onde extrai significados que a ajudam a lidar e enfrentar os seus problemas.

Se a criança tem em casa adultos leitores, a chance dela ser inserida no mundo da leitura é grande.

De acordo com Alquéres (2008, p. 11):

Dizem que o gosto pela leitura é um hábito que se consolida a partir da prática cotidiana, devendo, portanto, ser estimulado desde a infância, até tornar-se uma necessidade. Muitos afirmam que os pais são os principais responsáveis pelo incentivo à leitura e que um bom leitor se faz, fundamentalmente, em casa.

Todavia, fica sob incumbência da escolar tornar essa prática comum, pois muitas famílias ainda tem baixa escolarização e/ou não valorizam a leitura. Entretanto, a escola precisa repensar práticas pedagógicas de incentivo à leitura por meio do prazer, da valorização humana e que sejam significativas, pois corre-se o risco de acarretar aversão entre as crianças e jovens, já que alguns livros são indicados como obrigatoriedade, com período para serem lidos e atividade para verificação da interpretação de cada educando.

Portanto, quando o ato de ler se torna um atendimento ao interesse do leitor, onde inclusive, ele é livre para escolher seus livros, este acaba sendo motivado pelo prazer da leitura. Nesse sentido, Bordini e Aguiar (1993) afirmam que “o primeiro passo para a formação do hábito da leitura é a oferta de livros próximos à realidade do leitor, que levantem questões significativas para ele”.

Assim, a sala de leitura ou biblioteca se tornam importantes ferramentas para a ampliação desta prática. O uso destes espaços precisa ser incentivado pela escola. Ao professor cabe a função de aproximar a criança e o livro, sendo articulador de muitas e diversas leituras, tornando-as importante e essencial.

Quando o professor expõe sua opinião sobre determinado título e também encoraja suas crianças a fazerem o mesmo, acaba estimulando-as a criarem o hábito diário de ler e contribui para seu amadurecimento intelectual.

De acordo com MALLMANN (2011, p. 20):

A criança precisa habituar com a variedade de textos e estilos desde o começo da vida na escola, isso acontece porque nessa fase da escola, a criança se encontra em processo de aprendizado e de desenvolvimento de suas capacidades, mesmo que não tenha domínio da língua, ela necessita dessa relação com a literatura para no futuro, serem leitores críticos. Este é o instante de incentivar a habilidade de compreender e de pensar da criança.

Como afirmam MENDES; VELOSA (2016, p18):

Ou seja, apesar de a obra literária visar sobretudo a fruição estética e o prazer de ler/ouvir ler, parece inquestionável que ela pode contribuir

---

decisivamente para o desenvolvimento global da criança, a vários níveis (embora saibamos que não será assim com todas as crianças, de igual forma e ao mesmo tempo):

- Em termos cognitivos, por permitir à criança alargar a capacidade de entender o mundo que a rodeia, ao confrontar-se com novas formas de representação do real que lhe são fornecidas pelos mundos possíveis da ficção; por desenvolver o seu raciocínio e os esquemas mentais que o enformam, percebendo, por exemplo, a estrutura narrativa e as sequências temporais e espaciais em que ela se desenrola; por permitir relacionar o vivido e o por viver, o lido e o que nele se inscreve em termos de representação da condição humana; por permitir organizar o seu pensamento e estimular o pensamento divergente, o espírito crítico e reflexivo.

- Em termos linguísticos (lexicais, morfosintáticos e semânticos) e literários, por permitir alargar o capital lexical e morfosintático da criança e fazê-la entender os duplos sentidos que as palavras possuem no domínio do literário, relacionando o uso figurativo das palavras com o uso primário da língua e o sentido denotativo que as palavras possuem no mundo real; por permitir desenvolver a linguagem oral da criança, contribuindo para ampliar as suas estruturas fráscas em contextos diversificados e pragmáticos de comunicação (entre crianças e com os adultos); por facilitar a compreensão de analogias, comparações, metáforas e outros procedimentos literários que auxiliam a criança a desenvolver a sua capacidade interpretativa e a sua competência leitora.

- Em termos psicológicos, por permitir à criança projetar-se nas personagens de ficção e nos seus modos de agir, num processo psicológico de transferência que a ajudará a consolidar a sua identidade pelo confronto com o outro; por ajudar a criança a apaziguar alguns receios e angústias que se lhe colocam nesta fase do seu desenvolvimento, na medida em que ela encontra retratadas nos livros, frequentes vezes, situações e inquietações com as quais se identifica, mesmo que os livros não lhe forneçam as respostas que procura (pelo menos explicitamente).

- Em termos sociais e morais, por lhe permitir distinguir o bem e o mal, adquirindo valores sociais e morais que serão determinantes na formação do seu mundo interior; por lhe permitir colocar-se simbolicamente no lugar do outro e entender melhor as suas experiências de vida, os seus problemas, as suas contingências; por permitir relacionar-se melhor com as outras crianças e com os adultos, aceitando e respeitando as diferenças, numa clara afirmação do espírito de cidadania.

Portanto é possível afirmar que o contato da criança com os livros, desde bem cedo, além de trazer os benefícios citados acima, pode proporcionar a elas promoção ao desenvolvimento e a sua maturidade.

O professor deverá incentivar essa relação (livro/criança) por vários motivos, sobretudo para que seja oportunizada a reflexão por meio dos pequenos sobre atitudes e emoções com as quais, ao longo da vida, irão se deparar. Assim, quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de maneira mais clara, sentimentos que tem em relação ao mundo. Segundo Abramovich (1997) "As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos."

É importante lembrar que a criança se desenvolve com a experiência sócio histórica dos adultos e do mundo por eles criado. Segundo esse pensamento é imprescindível que o poder público, além de equipar as bibliotecas com bons materiais a leitura, necessita reconhecer o trabalho do docente brasileiro de modo que esse profissional da educação tenha condições, pelo menos satisfatórias, para ler e se atualizar, efetivando a aprendizagem da leitura como mudança social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa foi discutida a importância da Literatura Infantil na formação de leitores, principalmente no âmbito escolar. Também foi apresentada uma breve descrição sobre a origem histórica e a trajetória da Literatura Infantil e principais autores que contribuíram grandemente com esse gênero. Foi possível concluir o quanto a prática da leitura proporciona à criança viajar pelo mundo da imaginação,

pois o universo infantil é repleto de ludicidade e magia, contribuindo para o seu conhecimento e desenvolvimento intelectual e na valorização da cultura literária das crianças.

É importante salientar que para formar uma criança leitora é necessário que as experiências com a leitura sejam significativas e que elas sejam realizadas de maneira prazerosa, ou seja, é fundamental que as crianças se identifiquem e compreendam melhor o mundo que as rodeia. Assim, é possível perceber que as unidades educacionais têm um papel determinante na formação dos leitores, pois é a partir delas que as crianças têm acesso ao mundo da leitura. Sendo assim, o professor precisa atuar como mediador entre criança e livro, transparecendo seu encantamento pela leitura para que as crianças se sintam estimuladas a explorar esse objeto tão fascinante.

Vivemos numa sociedade em que a leitura e a escrita estão por toda a parte. Na qual a língua é um fenômeno social, cultural e dinâmico que muda de acordo com o contexto. A Literatura Infantil só tem a acrescentar como instrumento de transformação da própria realidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fani. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- BARROS, Paula Rúbia Peloso Duarte. **A contribuição da literatura infantil no processo de aquisição de leitura**. Lins: Realize, 2013
- BETTELHEIM, Bruno; ZELAN, Karen. **Psicanálise da alfabetização: um estudo psicanalítico do ato de ler e aprender**. Porto Alegre: Artes médicas, 1992.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: A formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CASTRO, Eline Fernandes de. **A importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança**. Trabalho científico apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, como requisito parcial para a obtenção do Título de graduada em Licenciatura Específica em Português. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-literatura-infantil-para-desenvolvimento.htm>. Acesso em: 02.OUT.2019
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- DIAS, Mara Cristina Rodrigues. **Escrever a leitura e ouvir a fala de jovens leitores**. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós Graduação em Educação. Área de Concentração: Linguagem e Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- KOSHIYAMA, Alice Mitika. **Monteiro Lobato, intelectual, empresário e editor**. - São Paulo: Edusp: Com Arte, 2006.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira. História e Histórias**. São Paulo: Ática, 2002.
- LOBATO, Monteiro. **Prefácios e entrevistas**. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- LOPES, Suellen. **A importância da literatura de Monteiro Lobato no Ensino Fundamental**. 2012. 57 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.
- MALLMANN, Michelle de Carvalho. **A literatura infantil no processo educacional: Despertando os valores morais**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.
- MARAFIGO, Elisangela Carboni. **A importância da literatura infantil na formação de uma sociedade de leitores**. Artigo Científico, apresentado ao curso de Pós-Graduação, do Centro Sul-Brasileiro de Pesquisa Extensão e Pós-Graduação, como requisito para a obtenção do Título de Pós-Graduação. São Joaquim, 2012.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 12.ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MENDES, Teresa; VELOSA, Marta. Literatura para a infância no jardim de infância: contributos para o desenvolvimento da criança em idade pré-escolar. **DOSSIÊ “Literatura, infância e espaços escolares”**. V. 27, N. 2 (80), p.115-132, 2016.
- VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.



### Djinane de Almeida Amorim

Graduada em Letras pelas Faculdades Integradas de Guarulhos (FIG). Segunda Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Paulista São José. Pós graduada em Educação Infantil pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras (FACEL). Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

## INCLUSÃO SOCIAL NAS ESCOLAS: A LEI E A REALIDADE EM SALA DE AULA

ELIDA EUNICE DA SILVA

**RESUMO:** O presente trabalho objetiva discutir o tema da inclusão escolar no Brasil, sobre a necessidade de uma escola mais democrática e humana onde todos serão aceitos e terão seus direitos respeitados, recebendo uma educação de qualidade que tenha como finalidade formar cidadãos, independentemente de suas diferenças. Para tanto, apresentamos as leis que garantem esses direitos e também um histórico da Educação Inclusiva no Brasil, percorrendo o caminho da total falta de atendimento dos portadores de deficiência, passando pelo Paradigma da Institucionalização, o Paradigma de Serviços até os dias atuais onde as políticas educacionais defendem a Inclusão, paradigma que defende a inserção do aluno no meio social independentemente de suas limitações. O maior objetivo é incentivar discussões e reflexões, sobre o que a lei garante e sobre o que realmente é oferecido nas escolas, já que esse é o ambiente mais favorável para a construção do processo educativo por meio dos diversos saberes disponibilizados por todos os envolvidos.

**Palavras-chave:** Acessibilidade. AEE. Aprendizagem. Atendimento educacional especializado. Acessibilidade. Integração.

### INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é um assunto que nos últimos tempos tem ganhado um espaço significativo para a construção de uma educação de qualidade. No entanto, a discussão sobre inclusão escolar implica a reflexão sobre políticas públicas educacionais, sobre os modelos até então construídos de educação e sobre os obstáculos e dificuldades que as instituições de ensino devem enfrentar para que de fato as escolas venham a ser um espaço para todos. Serão abordadas neste trabalho questões sobre a educação inclusiva, sobre a inclusão nas escolas.

Existem algumas metas a serem alcançadas, metas como universalizar o acesso à educação básica e educação especial no ensino regular, garantindo um sistema educacional inclusivo. A ideia de pensar sobre inclusão de alunos com deficiência no ambiente escolar foi porque presenciamos, no momento do estágio, algumas dificuldades e desafios para todos os envolvidos. Nossa intenção é colaborar para mais discussões e sermos mediadores da inclusão escolar. Apresentamos nesse trabalho um dos desafios históricos da inclusão, caminhos trilhados até hoje, enriquecidos com importantes citações de autores, além de trazer a importância das adaptações curriculares, sistemas de apoio, colaboração entre profissionais da educação especial e ensino regular. Tratamos ainda como os profissionais de todas as escolas devem ser preparados e ensinados a lidar com os desafios do dia a dia de uma escola inclusiva. A seguir apresentamos um levantamento das informações sobre os procedimentos da pesquisa, e do papel da escola e da sociedade diante da inclusão, finalizando com nossas considerações para que as instituições de ensino se tornem de fato uma escola para todos.

O interesse surgiu após a experiência em sala de aula durante o estágio no ensino fundamental e advém de uma indagação: qual a formação necessária aos professores para atender os alunos portadores de deficiências? Uma vez que os mesmos se dizem despreparados e não confortáveis com esses alunos em sala de aula.

Nosso objetivo maior é esclarecer a comunidade escolar a necessidade de transformação desse ambiente, que os profissionais da educação saibam utilizar as ferramentas disponíveis para tornar mais fácil o acesso ao conhecimento, que conheçam a rede de apoio, pois uma escola inclusiva não se faz sozinha, ela está inserida numa sociedade e tem que utilizar dos meios disponíveis para atender da melhor forma possível esse aluno. A escola necessita ser responsável pelo aprendizado de todos os alunos e não apenas de alguns, reconhecendo em todos o potencial de aprender aproveitando a convivência entre os diferentes como base para a sua ação pedagógica, entendendo que a partir dessa convivência cria-se o respeito, a empatia e a diversidade, tão necessários na nossa sociedade atual.

---

A proposta de inclusão escolar parte do princípio de que pessoas, com ou sem deficiência, sejam beneficiadas pelo compartilhamento do processo pedagógico inclusivo em que estão inseridos. Pode-se verificar que são diversos os obstáculos enfrentados na concretização das propostas de inclusão, passando por diversos níveis, desde a esfera governamental até no âmbito de cada indivíduo.

O ponto principal sobre a inclusão escolar está em como desenvolver no dia a dia das escolas uma postura efetiva com políticas e práticas inclusivas, onde existe uma lacuna imensa, principalmente pela falta de capacitação na área, recursos financeiros para custear cursos de especialização e adequação das instalações físicas e principalmente o preconceito das pessoas.

As instituições escolares devem conhecer todas as políticas públicas educacionais existentes, suas práticas e posturas, que devem ser adotadas e direcionadas a fim de desenvolver ações inclusivas efetivas. Realizar o diagnóstico do contexto em que a escola está inserida, conhecendo a realidade e o cotidiano, dimensionando e analisando seus aspectos à luz da legislação existente, das políticas a serem aplicadas, dos recursos humanos capacitados e dos materiais disponíveis ou que deverão ser criados.

Este estudo que fizemos, constitui-se em uma pesquisa da legislação vigente, aspectos de como uma escola inclusiva deve ser e outros assuntos pertinentes ao tema, que devem ser levados em consideração para abordarmos nossas considerações críticas sobre o assunto em questão.

## ALGUNS TRECHOS DA HISTÓRIA DA INCLUSÃO ESCOLAR NO BRASIL

O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa de todos os estudantes estarem juntos aprendendo e participando sem nenhum tipo de discriminação.

A partir das décadas de 1960 e 1970, há um movimento para tirar as pessoas com deficiência das instituições. A LDB n 4.024/61, artigo 61, estabelece que: "a educação de excepcionais deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los à comunidade" (BRASIL, 1961). Esse texto reafirma o princípio da integração, presente no Paradigma de Serviços, disponível no Portal do MEC. Nesse caso, a pessoa com deficiência deve ser integrada ao sistema de ensino regular, e se não tiver condições de frequentar a sala regular, ela será atendida em salas especiais ou nas instituições, para ser preparada para frequentar a sala comum. Nesse caso o aluno tem que se adaptar à escola, e muitos nunca foram considerados aptos para frequentar uma sala regular, pois essas deficiências não se curam, o que continuou sendo uma forma de segregação.

As pessoas que possuíam qualquer tipo de deficiência não eram incluídas na rotina social, pois eram vistas também como um atraso para as demais pessoas e que causavam desconfortos nas diversas situações enfrentadas do dia a dia. A igreja por desempenhar um papel essencial de igualdade social, desenvolvia trabalhos em prol do respeito ao próximo já que todos eram considerados como "filhos" do mesmo deus.

Atualmente as políticas educacionais defendem o princípio da inclusão, no qual o aluno deve ser inserido no meio social independentemente de suas limitações. Nesse caso a sociedade é quem deve ajustar-se a eles, fornecendo suportes para que tenham acesso à vida em comunidade. Mas, novas ideologias foram surgindo o que acarretou novas pesquisas referentes a diversos temas sociais, inclusive relacionados às diversas deficiências. Muitos foram os interessados a investigar conceitos relacionados à deficiência física e mental, tendo como referência ícones da arte e ciências da época como Beethoven e Galileu Galilei. Segundo Mazzotta:

A própria religião, com toda sua força cultural, ao colocar o homem como 'imagem de Deus', ser perfeito, inculcavam a ideia da condição humana como incluindo perfeição física e mental. E não sendo 'parecidos com Deus', os portadores de deficiências (ou imperfeições) eram postos à margem da condição humana. (MAZZOTTA, 2005, p. 16)

De acordo com Aranha (2000), a concepção de igualdade requer que as pessoas diferentes sejam tratadas em condições apropriadas, de acordo com as suas particularidades específicas, portanto dando tratamento igual aos iguais e desigual aos desiguais. As relações das pessoas com necessidades educacionais especiais e a sociedade vem sofrendo mudanças relativas a conceitos, a valores, percepções e práticas prevaletentes, havendo assim mudanças nos paradigmas da educação especial.

O século XVI foi caracterizado por Mendes (2002) como o período em que a história da educação especial começou a ser escrita. A educação especial nasceu com médicos profissionais que desafiaram

---

o conceito do momento e acreditaram nas possibilidades educacionais de indivíduos até então vistos como impossíveis de educar.

## A INCLUSÃO ESCOLAR

A educação inclusiva é uma modalidade de ensino que se dirige às pessoas com deficiência, ou seja, aquelas que têm algum tipo de dificuldades sensoriais (deficiências visuais e auditivas), motoras (deficiências físicas) e/ou mentais (deficiências ou altas habilidades). Incluir os educandos com necessidades educacionais, que têm condições de frequentar o ensino regular, implica lhes proporcionar acesso, permanência e sucesso escolar para que não fiquem fora da escola regular ou dentro dela segregados.

A política de inclusão de alunos que apresentam necessidades educacionais especiais na rede regular não consiste na permanência física desses alunos junto aos demais educandos, mas representa a ousadia de rever concepções e paradigmas, bem como desenvolver o potencial dessas pessoas, respeitando suas diferenças e atendendo suas necessidades. O respeito e a valorização da diversidade dos alunos exigem que a escola defina sua responsabilidade no estabelecimento de relações que possibilitem criação de espaços inclusivos bem como procure superar a produção, pela própria escola, de necessidades especiais. A proposição dessas políticas deve centrar seu foco de discussão na função social da escola, que deve propiciar ações que favoreçam determinados tipos de interações sociais, definindo, em seu currículo, uma opção por práticas heterogêneas e inclusivas. (BRASIL, 2001, p. 01)

A construção de uma nova sociedade é algo que pode ser feito a cada dia, em casa, no bairro e no trabalho pode-se buscar um relacionamento melhor e que ajude a interferir positivamente no ambiente e aprender a partir dos relacionamentos. A educação voltada para as crianças com algum tipo de deficiência passou por muitas mudanças no decorrer dos anos tanto no Brasil como no mundo, devido às concepções que evoluíram de acordo com diversos fatores culturais que foram transformados juntamente com o avanço da tecnologia e os ideais dos homens.

De maneira silenciosa, tais pessoas sempre existiram, mas não podiam se manifestar, pois não eram aceitas devido à deficiência. Com isso, para serem aceitas algumas lutas foram acontecendo com intuito de incluir tais pessoas nas atividades cotidianas juntamente com as demais, sem nenhum tipo de discriminação.

Bem diferente do passado, atualmente todas as pessoas possuem os mesmos direitos perante a lei independente da condição. Pensando na historicidade social, a forma discriminatória de exclusão de uma pessoa com deficiência ocorre desde a Antiguidade fazendo uma relação com possessões sobrenaturais, sendo então rejeitadas, desprezadas e abandonadas já que não eram vistas com nenhum tipo de valor perante a sociedade.

Até o século XIX, elas eram separadas do convívio das demais crianças, não podiam aparecer nas ruas, tendo o confinamento como missão. Sem nenhum tipo de respeito, eram tratadas como pessoas aprisionadas em locais que não tinham estrutura física nenhuma para suprir as necessidades delas.

Ao passar dos anos, na virada do século leis foram sendo criadas igualando os direitos delas com as demais pessoas na sociedade, porém a discriminação continuou por muito tempo.

Aproximadamente na década de 1960, os familiares das pessoas com deficiência passaram a se movimentar para lutar a favor da possibilidade de envolvimento delas no meio social. A partir disso, acaba sendo criada a Educação Especial no documento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN). Já a nova Constituição Federal do Brasil passa a garantir o atendimento nas escolas para as pessoas portadoras de deficiência nas salas comuns.

Anos mais tarde, os direitos passam a ter registros em mais leis como por através da Convenção na Guatemala ocorrida em 2001 com leis que garantem a inclusão das crianças sem nenhum tipo de distinção na educação pública de forma regular, proporcionando meios que contribuam para a eliminação de todo e qualquer tipo de ação discriminatória contra a criança portadora de deficiência.

As pessoas com deficiência têm o mesmo direito que qualquer cidadão ao acesso de bens e serviços públicos e algumas leis vieram para formalizar estes direitos que, na maioria das vezes e, cotidianamente são

---

negados, ainda não há efetividade no cumprimento destes, mas houve épocas em que eles não existiam. (NASCIMENTO, 2009, p.8)

Após a criação de amparos legais em relação à pessoa com deficiência, foram criados alguns institutos para garantir o atendimento de todos. Entre eles o Imperial Instituto dos Meninos Cegos e dos surdos-mudos. Mesmo contando com a existência de uma APAE no sul do país, somente através da Sociedade Pestalozzi que se inicia o atendimento para pessoas diagnosticadas com algum tipo de deficiência mental.

O ensino inclusivo não deve ser confundido com educação especial, a educação especial lida com aqueles fenômenos de ensino e aprendizagem que não tem sido ocupação do sistema de educação regular, porém têm entrado em pauta nas últimas duas décadas, devido ao movimento de educação inclusiva. No Brasil a educação inclusiva assegura o acesso ao ensino regular a alunos com diferentes deficiências, e tem o objetivo de garantir a todos, direitos iguais quanto ao acesso, permanência e aprendizagem.

No processo de inclusão surge uma exigência de transformar a escola. Segundo Mendes (2002), para atender os alunos com necessidades educacionais com qualidade, a escola deve modificar-se no aspecto político, educacional e pedagógico.

Além de aprender a adaptar o planejamento e os procedimentos de ensino, os educadores precisam olhar para as competências dos alunos e não apenas para suas limitações, de acordo com Alonso (2013). Os sistemas de apoio ajudam o professor na interação com o aluno e entre os próprios alunos, o professor deve pertencer a uma rede de apoio e sentir-se ajudado por toda a equipe escolar, e profissional da educação especial, valorizando suas competências pedagógicas.

O ensino colaborativo envolve a todos ao caminho da inclusão, a parceria dos profissionais possibilita um melhor processo de ensino-aprendizagem e uma educação voltada realmente para a inclusão, a colaboração entre profissionais da educação especial (fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, educador físico, psicólogo, professor de educação especial, entre outros) e profissionais do ensino regular, pode ser uma alternativa para enfrentar os desafios da educação inclusiva. É preciso também, atualização profissional: espaços de discussão em que se valorize a observação, análise e reflexão crítica sobre a própria prática, com a participação de toda equipe escolar. No projeto político pedagógico é preciso que exista um planejamento para a educação especial, pensado por todos da educação junto à família, para que as potencialidades desses alunos sejam trabalhadas. A proposta curricular inclusiva deve ser flexível e se adaptar às necessidades do aluno, tendo ele também acesso a esse currículo.

Na inclusão, a diferenciação curricular que se procura é aquela na qual não se separam os alunos com base em determinadas categorias, mas em que se educam os alunos em conjunto, procurando aproveitar o potencial educativo das suas diferenças, em suma, uma diferenciação na classe assumida como grupo heterogêneo (Rodrigues, 2003).

A escola será inclusiva quando atender com equidade às necessidades educacionais de todos os estudantes, fazendo com que todos possam desenvolver a aprendizagem e respeitar a diversidade.

Atualmente muitos indivíduos foram excluídos da sociedade devido às suas condições, sejam elas econômicas, raciais, físicas, culturais ou intelectuais, e a inclusão escolar tem o objetivo de fornecer a mesma oportunidade para todos, sendo assim desenvolvendo uma sociedade democrática em que exista respeito à diversidade e direito de exercer cidadania. Entende-se que a inclusão "reconhece e aceita a diversidade na vida em sociedade." (Aranha, 2000, p. 2).

A integração entre as crianças no ponto de vista pedagógico é vantajosa por existir interação, e assim ocorrer um desenvolvimento conjunto. No entanto, pode ocorrer uma imensa dificuldade de adequação das escolas, em integrarem as crianças com necessidades educativas especiais pela necessidade de criar condições adequadas para essas crianças. A educação especial tem que lidar com métodos de ensino e aprendizagem diferentes do comum nos ensinos regulares. É necessário que o sistema regular de ensino se adapte para se tornar inclusive sendo preparado com materiais, equipamentos e professores especializados e abertos às novas experimentações

Diante da diversidade em salas de aulas regulares notou-se a necessidade de adaptações no currículo escolar. Para Heredero (2010), uma educação inclusiva exige "mudanças nos processos de gestão, na formação de professores, nas metodologias educacionais, etc. com ações compartilhadas e práticas colaborativas que respondam às necessidades de todos os alunos." (HEREDERO 2010, p. 197). Um currículo mais adequado às reais necessidades dos alunos, pode contribuir para atender às necessidades específicas dos alunos

---

[...] permite-nos delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também àquilo que está em processo de maturação. (VIGOTSKI, 2010, p. 113)

As escolas devem ser espaços vivos, de acolhimento e de formação para todos os envolvidos, sendo ambientes educacionais absolutamente inclusivos. A inclusão origina-se de sistemas educativos que não possuem diferenciação entre regular e especiais, pois ambas devem receber alunos com suas individualidades, com capacidade de aprender, de acordo com suas características pessoais.

## **INCLUSÃO ESCOLAR: UMA PERSPECTIVA DO PAPEL DO PROFESSOR**

Pensando nessa perspectiva a pesquisa de Mantoan (2006) traz subsídios para nossa discussão. As escolas devem ser espaços vivos, de acolhimento e de formação para todos os envolvidos, sendo ambientes educacionais absolutamente inclusivos. A inclusão origina-se de sistemas educativos que não possuem diferenciação entre regular e especial, pois as duas devem receber alunos com suas características individuais, com capacidade de aprender, de acordo com suas características pessoais.

Segundo a autora, nas redes de ensino público e particular que já adotaram a inclusão escolar, as mudanças podem ser vistas sob três ângulos: os desafios oriundos dessa inovação, o das ações para efetivá-las nas turmas escolares, incluindo a formação de professores e o do leque de oportunidades que se abrem à educação escolar, quando da implementação de projetos inclusivos. A inclusão é uma modernidade que requer um esforço de inovação e reestruturação das condições da maioria das escolas atuais, ao admitirem que as dificuldades dos alunos não são apenas deles, mas da maneira como o ensino é ministrado e do como a aprendizagem é elaborada e avaliada.

Apesar de muitos avanços, muitos são os desafios para garantir a qualidade da educação em nosso país, especialmente quando nos referimos às condições de trabalho e formação dos professores, agentes fundamentais para efetivar essas mudanças.

As mudanças educacionais pressupõem novas formas de planejar, de ensinar, de avaliar e de organizar o conhecimento. Só se efetivam ao serem concretizadas pelos professores. Nesse sentido, é impossível mudar a educação sem que se tome também como objeto de mudança o professor, sua identidade, as condições de trabalho, seus saberes e práticas profissionais.

Conhecer os profissionais da educação, suas condições de vida, os saberes que possuem, entender suas expectativas e motivações são os maiores interesses de inúmeros pesquisadores e estudiosos, que buscam contribuir para melhorar a educação voltada para todos e subsidiar o processo de formação continuada dos profissionais.

Uma das principais contribuições das pesquisas e dos trabalhos teóricos tem sido a ideia de que o professor é capaz de construir seu desenvolvimento profissional e produzir conhecimentos a partir de sua prática. Nessa perspectiva surge um professor reflexivo e que reelabora seus saberes iniciais a partir das experiências cotidianas e escolares.

Para além dos estereótipos e preconceitos, o professor deve ser entendido como um profissional reflexivo, que toma decisões, avalia, seleciona, cria formas de atuar e produz interações com os alunos. Seu fazer exige capacidade de ação e reação às situações complexas que se operam nos contextos escolares. Pressupõe autonomia e liberdade para identificar problemas e imprevistos, julgar e solucionar caminhos.

Tanto a formação inicial como a continuada devem abarcar aprendizagens que permitam ao professor o desenvolvimento profissional em prol de uma atuação efetiva visando a qualidade na educação pela produção de saberes e a tomada de consciência sobre as práticas educativas.

Conhecer sua identidade e as necessidades formativas que possui também é uma ação que diz respeito ao próprio professor. Desse modo, torna para si a construção de sua identidade profissional. Contrapõem-se a estereótipos e a preconceitos que não correspondem à realidade educacional que enfrenta. Pode, com isso, gerir seu processo de formação de maneira coerente com as necessidades de aprendizagem que possui, com vistas ao fortalecimento do ofício que exerce.

Hoje a profissão de professor sofre profundas transformações sob o efeito conjugado de múltiplos fatores. Entre estes temos que considerar, de um lado, o crescimento do número de alunos e sua heterogeneidade pela diversidade encontrada em sala de aula, a demanda pela população de uma certa qualidade de escolarização, o impacto de novas formas metodológicas de tratar os conhecimentos e o

---

ensino, e de outro, a ausência de priorização político-econômica concreta da educação e as estruturas hierárquicas e burocráticas, no mais das vezes, centralizadoras e inoperantes em seus diferentes níveis. E é desse trabalho que a sociedade em geral realimenta-se no ato de garantir a transmissão e a continuidade da experiência humana, pela comunicação, manutenção ou criação e recriação dos saberes selecionados numa dada tradição.

O trabalho dos professores é central quando se pensa em qualidade do ensino, e se as políticas educacionais não se norteam por este eixo, com certeza estarão mais fadadas ao fracasso do que ao sucesso. Justamente para se ter uma compreensão melhor sobre os aspectos desse trabalho e da pessoa do professor que o exerce, para se obter um perfil dos educadores em suas condições sociais, condições de trabalho, de formação de cultura, suas próprias opiniões – as quais orientam atitudes diante do ensino – é que esse tema foi escolhido.

Cabe observar a importância que os professores atribuem ao preparo para lidar com a comunidade, ênfase que talvez apareça pelo desenvolvimento de maior reivindicação dos pais e das lideranças comunitárias em relação à escolarização de seus filhos e ao estímulo, em alguns períodos, à participação dos pais em Conselhos de escola.

Os problemas que são apontados na sua formação também aparecem quando são instados a propor temas para cursos que consideravam como os mais úteis em sala de aula. Com isso, reflete-se na avaliação do que fazem em relação às facilidades ou limitações encontradas em suas tentativas de mudar alguma coisa em sua prática, quando colocam fatores mais relevantes, de um lado as próprias condições de trabalho a que estão submetidos e, de outro, os seus conhecimentos pessoais. Como se vê, trazem parte do problema ou do sucesso para uma condição associada à sua formação específica.

Pode-se inferir que o clima profissional dos professores não parece ser dos mais alentadores, pois embora encontrem gratificação no trabalho em sala de aula e nas relações afetivas, estes nem sempre representam condição suficiente, pelas respostas assinaladas adicionalmente, os baixos salários, a ausência de condições de trabalho e oportunidades de atualização e as exigências extraclasse não contribuem em nada para um clima motivador para o trabalho e, portanto, para a superação das dificuldades que se apresentam.

A não realização não se vincula, pois, as questões ligadas diretamente às atividades como profissional da escola, mas à remuneração e situação social. A relação da remuneração com o desempenho profissional, embora não linear, é questão que merece exame para além das precondições que vêm sendo exaradas, uma vez que ela se associa a aspectos de autoestima e valor social tendo, com isso, impacto direto no perfil do profissional e em suas condições básicas para atuar eficazmente.

Todavia é preciso apontar que o segundo motivo, em termos de frequência, para não realização das expectativas dos docentes é o “desinteresse dos alunos”. Embora saibamos que as crianças de fato muitas vezes manifestam falta de motivação, desinteresse e apatia, é preciso considerar que essas manifestações em geral são respostas às condições que lhes são oferecidas no próprio ambiente escolar e à forma como se lida com elas. Criar ambientes estimulantes e adequados para a aprendizagem é uma das funções dos professores. As deficiências apontadas na própria formação talvez se relacionem com a alta frequência de demandas dos docentes para melhor compreender os aspectos psicológicos das crianças e para se habilitar na elaboração de materiais didáticos. Assim é que boa proporção dos professores levanta que na prática é difícil realizar as propostas teóricas: sendo a aprendizagem e o ensino um processo, não tendo as escolas condições favoráveis que vão desde a ausência de trocas e apoios mútuos até a falta de materiais de ensino, a realização daquilo que se propõem a fazer se torna muito difícil.

O educador deve ouvir, refletir e interagir com seus alunos. É imprescindível identificar as necessidades e as etapas do desenvolvimento de cada grupo. É fundamental entender suas condições de vida e o meio em que vivem. Conhecer a realidade do professor implica reconhecer os elementos que compõem seu modo de ser, de estar, de agir e sentir o mundo.

Definir as particularidades e habilidades necessárias para o trabalho docente é sempre uma tarefa árdua e complexa. O objeto de trabalho é a relação ensino-aprendizagem. Nossa preocupação se encontra na qualidade da relação entre esses dois polos complexos que constituem a educação. Mas, de nada adianta o professor não compreender seu aluno de forma particular.

É imprescindível estabelecer um clima de confiança, estar presente e em permanente troca com as crianças, perceber o modo como as relações se estabelecem e como são construídas. Os alunos necessitam de firmeza e da clareza do professor. A comunicação deve ser transparente e respeitosa.

---

Com isso, o professor deve estabelecer um contrato que evidencie os limites de cada parte. O professor necessita conhecer seus limites, suas dificuldades e funções, estando sempre comprometido com o trabalho docente.

Nos primeiros anos escolares, a oposição entre o adulto e a criança aparece, muitas vezes, quando o professor busca ensinar novos padrões de comportamento. Nessa faixa etária as crianças lutam pela sua independência. No entanto, necessitam de que os professores deem apoio e controlem seu aprendizado de forma segura, mas também maleável. As crianças ficam mais seguras em ambientes organizados, onde a rotina deve ser conhecida e variar de acordo com as necessidades dos alunos. Com frequência, eles testam os limites apresentados pelo professor. Por isso, conhecimento, tranquilidade e capacidade de negociação são fundamentais. Segurança, apoio afetivo e poder de decisão são imprescindíveis para favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento.

A aprendizagem nessas circunstâncias é acentuada, ora destacando o lógico, o intuitivo, o sensorial, ora os aspectos social e afetivo dos alunos. Em suas práticas e métodos pedagógicos predomina a experimentação, a criação, a descoberta e a coautoria do conhecimento. Vale o que os alunos são capazes de aprender hoje e o que podemos oferecer-lhes de melhor para que se desenvolvam em um ambiente rico e verdadeiramente estimulador de suas possibilidades. (MANTOAN, 2002, p. 66)

A busca da autonomia está centrada na compreensão do mundo que a cerca, e as relações com outras crianças e gestão do tempo e espaço precisam ser regradas. Com isso, elas conseguem aprender a dialogar e conviver, respeitando a diversidade em que está inserida, a expressão cultural e as diferenças de ritmos para assimilar o conhecimento. Cabe ao professor construir esse conhecimento de forma transversal e interdisciplinar por meio de saberes extraescolares que se fundem com o aprendizado escolar, dando sentido para a compreensão da realidade.

## EDUCAÇÃO INCLUSIVA COMO DIREITO À EDUCAÇÃO PÚBLICA

Com a criação da Constituição Federal no ano de 1988, os direitos sociais se tornaram como um estatuto jurídico para o Brasil, com princípios descentralizadores para o desenvolvimento de ações inclusive no âmbito educacional. Desde os anos 1990 o governo tem implementado ações diversas em prol da sistematização envolvendo a proteção social, passando por uma adequação em relação aos demais países no crescimento da economia.

Por volta dos últimos anos da década de 1990, aconteceu uma grande tensão no quadro social e econômico do país, pois de um lado se defendia as políticas sociais como o direito e qualidade da saúde e educação, enquanto por outro a restrição da economia tendo a necessidade da terceirização.

O Brasil acabou participando da Conferência Mundial sobre Educação para Todos nos anos 1990, adquirindo assim a responsabilidade da educação se tornar um direito para todos os cidadãos sem preconceitos e discriminação, tendo a garantia do atendimento das necessidades básicas de cada criança por meio dos conteúdos essenciais para sua aprendizagem.

É comum a sociedade exercer o papel de criar conceitos padronizados em relação às pessoas, ditando situações e características como normais ou anormais. Cabendo à escola o cuidado de não julgar num primeiro momento em que a criança passa a frequentar as aulas, tendo elas deficiência ou não. Devendo fazer uma averiguação de suas habilidades e competências para conseguir avançar no processo de aprendizagem.

O ambiente escolar precisa ser uma instituição que tenha capacidade de dar continuidade ao processo de aquisição de conhecimento a todos, respeitando a diversidade encontrada na sociedade, desenvolvendo de maneira correta as potencialidades, as crianças possuindo ou não necessidades específicas de aprendizagem.

Contudo, ao perceber alunos com dificuldades de evolução em sua aprendizagem, se tratando daqueles que possuem algum tipo de deficiência, o currículo proposto para a escola pode se tornar uma ferramenta de exclusão com ações que evidenciam a “diferença” entre as pessoas por meio da desigualdade, por meio de um estigma. Segundo Goffman:

Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e conceito, embora eu proponha a modificação desse conceito, em parte porque há importantes atributos que em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito. (GOFFMAN, 1980, p.13)

---

Uma escola para todos, engloba as crianças com algum tipo de deficiência, tendo suas propostas voltadas para determinados elementos de forma específica, tendo transformações que aconteceram em diversos países sendo desencadeadas por meio de ações atualmente.

Nos anos 1980 notou-se que as escolas em sua maioria eram separadas da Educação Especial, o que fez com que a UNESCO concluísse que a formação de uma criança com deficiência não é completa por meio de sua frequência unicamente nos centros especializados. Com isso:

É necessário introduzir mudanças tanto nas escolas especiais como nas regulares [...] Há muitas indicações de que em um número elevado de países de todo o mundo a integração é um elemento central na organização da educação especial [...]. Esse projeto parece adequado para os países do Terceiro Mundo, dada a magnitude das necessidades e as inevitáveis limitações de recursos disponíveis. (AINSCOW, 1995, p. 18)

Os registros criados pela UNESCO se referem aos mesmos documentos que foram encontrados sobre a Educação Especial como a "Declaração de Salamanca" em 1994:

A experiência, sobretudo nos países em via de desenvolvimento, indica que o alto custo das escolas especiais supõe, na prática, que só uma pequena minoria de alunos [...] se beneficia dessas instituições... [...] Em muitos países em desenvolvimento, calcula-se em menos de um por cento o número de atendimentos de alunos com necessidades educativas especiais. A experiência [...] indica que as escolas integradoras, destinadas a todas as crianças da comunidade, têm mais êxito na hora de obter o apoio da comunidade e de encontrar formas inovadoras e criativas de utilizar os limitados recursos disponíveis (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 24-25)

Art. 1º Para a implementação do Decreto nº 6.571/2008, os sistemas de ensino devem matricular os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas classes comuns do ensino regular e no Atendimento Educacional Especializado (AEE), ofertado em salas de recursos multifuncionais ou em centros de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos. (BRASIL, 2009, p. 30)

A terminologia "Inclusão" está muito acima do ato de inserir algo ou alguém, sendo mais específico, de conduzir a criança portadora de alguma deficiência para dentro da escola. Mas necessita conduzir um envolvimento, uma participação efetiva em prol de uma aprendizagem significativa. Propor situações prazerosas faz parte desse processo para se desenvolver melhor dentro do processo educativo, tendo o respeito como principal fator como garantia de toda aprendizagem e permanência de todos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão é uma possibilidade para a escola se modernizar e aperfeiçoar suas práticas educativas, mesmo que alguns professores ainda não se sintam confortáveis e preparados para receber crianças especiais em suas salas de aula. É também importante ressaltar que a maioria dos professores reconhece a necessidade de adaptação curricular e reformulação das práticas pedagógicas já que o ensino proposto não reconhece as especificidades de quem aprende. Há um descompromisso por parte do sistema educacional, tanto na parte pedagógica quanto de infraestrutura, pois não oferece suporte técnico aos profissionais e não providencia adequação do ambiente. Infelizmente, até hoje, algumas escolas ainda esperam que o aluno tenha que se adequar ao seu sistema, em vez de a escola instrumentar-se para o atendimento adequado desse educando.

A educação inclusiva vem sendo o alvo de inquietações e ainda constitui um sistema paralelo de instituições e serviços especializados que promovem o ensino adequado aos alunos com necessidades especiais, sendo a inclusão total desses alunos um ideal ainda utópico.

A inclusão escolar do aluno com necessidades especiais deve ser de forma bastante criteriosa e deve ser uma relação de reciprocidade com os outros alunos da escola. A escola deve ser um ambiente interessante e encorajador, para que todos que estejam incluídos nela tenham o prazer de estar lá. Os alunos com necessidades especiais devem aprender a usar e desenvolver as suas habilidades pela

interação com os professores e com os colegas, de forma assistida, participando de todas as atividades que são propostas na escola, com aulas de artes, teatro, educação física, e todas as obrigatórias no currículo escolar.

A escola será inclusiva quando atender com qualidade às necessidades educacionais de todos os estudantes, a proposta curricular inclusiva deve ser flexível, se adaptar às necessidades e ser acessível para o aluno.

Esse é ainda o início de uma longa caminhada a ser traçada na busca pela excelência na educação do Brasil. A educação inclusiva representa um novo rumo para a sociedade, vindo à cavalcadas com um novo paradigma para a educação, destruindo barreiras do preconceito e ascendendo uma cultura de democratização e valorização da vida humana e da igualdade de todos da sociedade em que vivemos.

Vale ressaltar que todas as partes envolvidas são responsáveis para que a educação inclusiva ocorra efetivamente, que seja de fato inserida na educação regular, como professores, pais, alunos, comunidade, corpo diretivo escolar e o governo, sendo todos instrumentos responsáveis por uma transformação social e que não exista mais diferença entre educação regular e educação inclusiva, havendo apenas educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AINSCOW, M. **Processo de inclusão é um processo de Aprendizado**. Portal do governo do estado de São Paulo. Entrevista concedida à Secretaria de Estado de Educação Especial, 1995.
- ALONSO, Daniela. **Os desafios da Educação inclusiva: foco nas redes de apoio**. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/554/os-desafios-da-educacao-inclusiva-foco-nas-redes-de-apoio>>. Acesso em 01 setembro 2021.
- ARANHA, M. S. F. Inclusão social e municipalização. In: MANZINI, E. J. (Org.). **Educação Especial: temas atuais**. São Paulo: Marília, 2000.
- BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. CNE: Brasília, 2001.
- BRASIL, CNE. **Resolução n. 4**, de 2 de outubro de 2009, que institui diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na educação básica, modalidade educação especial. Brasília: 2009.
- GOFFMAN, E. **Estigma-Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada**. Brasil: Zahar Editores, 1980.
- HEREDERO, E. S. A escola inclusiva e estratégias para fazer frente a ela: as adaptações curriculares. *Acta Scientiarum. Education*, v. 32, n. 2, 2010.
- MANTOAN, Maria Teresa Egler. **Igualdade e diferenças na escola como andar no fio da navalha**. Educação (PUC/RS), Porto Alegre, 2006.
- MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- NASCIMENTO, Márcia M. do; RAFFA, Ivete. **Inclusão Social: primeiros passos**. São Paulo: Giracor, 2009.
- RODRIGUES, D. Educação Inclusiva: as boas e as más notícias, in: David Rodrigues (Org.) **"Perspectivas sobre a Inclusão; da Educação à Sociedade"**, Porto Editora, Porto, 2003.
- UNESCO. **Declaração de Salamanca e Linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. [adotada pela Conferência Mundial sobre Educação para Necessidades Especiais]. Acesso e Qualidade, realizado em Salamanca, Espanha, entre 7 e 10 de junho de 1994. Genebra, UNESCO 1994.
- VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



### Elida Eunice da Silva

Licenciada em Pedagogia Plena pela Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN). Pós Graduada em Alfabetização e Letramento; Arte e Musicalidade; e Psicologia Escolar. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).



## O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E OS DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM

GLADYS APARECIDA DA SILVA

**RESUMO:** No Brasil a história da Educação Especial é bem recente, considerando que a discussão se tornou mais persistente nos últimos 80 anos. No caso do Transtorno do Espectro Autista (TEA), a característica pode vir a ser identificada desde os primeiros anos de vida. Nesta perspectiva, a criança precisa ser compreendida e respeitada como qualquer ser humano que tem direitos e necessita de recursos planejados para seu desenvolvimento, incluindo metodologias flexibilizadas através de diversas estratégias e oferta de oportunidades, além da necessidade de respeitar tempo de aprendizagem que cada um traz consigo. Desta forma, este estudo trata-se de natureza teórica-empírica, através de pesquisa qualitativa sobre o tema, com a finalidade de discutir o desenvolvimento educacional do estudante com TEA. Os resultados encontrados demonstraram que a matrícula em classes comuns é desafiadora, sugerindo que o docente aprofunde seu conhecimento por meio de estratégias e intervenções que sejam eficazes.

**Palavras-chave:** Educação Especial. Autismo. Ensino Fundamental. inclusão.

### INTRODUÇÃO

A Educação Especial no Brasil é relativamente recente, pois, a discussão se tornou mais forte sobre a questão por volta de 80 anos. Em 1854, foi constituído o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, através do Decreto nº. 1.428/1854, com o intuito de acolher pessoas com deficiências visuais. Após cem anos do Decreto foi criada Associação de Pais e Amigos de Excepcionais (APAE), visando contemplar o atendimento de diferentes deficiências de forma mais humana e democrática.

O médico norte-americano Kanner, foi quem fez a primeira pesquisa sobre o autismo analisando as características de alguns pacientes na década de 1930. Seu trabalho contava com onze crianças com transtorno semelhante sendo oito meninos e três meninas (KANNER, 1943).

O autismo sempre foi um paradigma para vários especialistas como biólogos, geneticistas e psicanalistas, sendo uma incógnita sua origem e progressão. Sendo difícil diagnosticar sua manifestação ativa ou voluntária, se tinha ligação com deficiências biogenéticas do modo que se articulam, criando desordens na vida dessas crianças (AMY, 2001).

Assim, o presente estudo teve por objetivo discutir sobre o ensino e o desenvolvimento da criança com (Transtorno do Espectro Autista) TEA na escola de ensino regular, já que apesar das inúmeras formas diferenciadas de trabalhar, muitas vezes as expectativas criadas ainda deixam e desejam, interferindo no desenvolvimento com qualidade.

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa.

### TRANSTORNO DO AUTISMO NA MEDICINA

Durante muito tempo, diversos especialistas acreditavam que esse tipo de transtorno fosse determinado por algum fator externo, não encontrando até aquele momento relação com fatores biológicos:

O autismo era objeto de hipóteses mecanizadas por biólogos, geneticistas e psicanalistas. Então, permanece um mistério o seu verdadeira origem e sua evolução. Sendo assim, e sem dúvidas difícil determinar se a manifestação é ativa ou voluntária dessas crianças, se tem posição com deficiências biogenéticas cujas origens ainda são ignoradas de modo que se articulam, entre si criando desordem e anarquia no universo dessas crianças (AMY, 2001, p. 19).

---

A primeira vez que o termo autismo foi utilizado ocorreu em 1911, onde o pesquisador Bleuler, compreendia o autismo como sendo uma característica da esquizofrenia. Passados 32 anos, Kanner, trouxe o autismo com uma definição clínica mais específica:

O autismo era objeto de hipóteses mecanizadas por biólogos, geneticistas e psicanalistas. Então, permanece um mistério a sua verdadeira origem e sua evolução. Sendo assim, e sem dúvidas é difícil determinar se a manifestação é ativa ou voluntária dessas crianças, se tem posição com deficiências biogenéticas cujas origens ainda são ignoradas de modo que se articulam, entre si criando desordem e anarquia no universo dessas crianças (AMY, 2001, p. 19).

Vários foram os conceitos relacionados ao termo autismo neste tempo todo, sempre ligados a psicose e a esquizofrenia, incluindo o Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID) e o Transtorno global de desenvolvimento (TGD). Na atualidade, a Neurociência tem o autismo como uma patologia neurológica utilizando o termo Transtorno do Espectro Autista (TEA), incluindo o autismo em si, a Síndrome de Rett e a Síndrome de Asperger (CONSENZA e GUERRA, 2011).

O autismo era até então descrito pela dificuldade de socialização e comunicações sendo percebidas durante a infância. Ainda, existem diferenças no comportamento, o que realça a presença desse tipo de transtorno. A questão está relacionada a uma série de características com diferentes graus de severidade e relação com outros tipos de transtornos; onde cada criança apresenta desafios diferentes para a família, a instituição escolar e os médicos (KOHANE et al., 2012).

Ainda, segundo o autor, algumas características podem estar presentes também como: o isolamento da criança; desinteresse no que acontece ao redor; o não envolvimento afetivo com outras pessoas; problemas na fala; não gostar de mudanças na rotina; se apegar a determinados objetos; evitar o contato visual com as pessoas e crises de agressividade.

A nova classificação encontra-se baseada na Neurociência, trazendo:

Que indivíduos com autismo aparentam ter dificuldades na área cognitiva de funções executivas. Essas funções são um conjunto de processos neurológicos que permitem que a pessoa planeje coisas, inicie uma tarefa, controle-se para continuar na tarefa, tenha atenção e, finalmente, resolva o problema (SILVA et al., 2012, p. 41).

No Brasil, apesar da dificuldade de se ter estudos epidemiológicos para computar os dados nacionais, uma pesquisa realizada na última década indicou que os índices de acometimento pelo autismo são de 27,2 casos a cada 10.000 habitantes (LEVENSON, 2015).

Esse aumento pode ser explicado por diferentes aspectos, como as alterações nos diagnósticos, maior reconhecimento por parte dos familiares e da população, além, do aumento de serviços voltados para esse tipo de transtorno (VOLKMAR e McPARTLAND, 2014).

## TEA E EDUCAÇÃO

Por volta do século XVIII, era possível perceber muita exclusão com relação aos direitos das pessoas com deficiência, pois, as mesmas eram retiradas do convívio social e não eram aceitas pela sociedade. No século seguinte, houve uma reclusão parcial, ao mesmo tempo que tiveram acesso a instituições específicas, como a APAE, voltadas para o atendimento desse público em especial.

A implementação de uma legislação específica, provocou transformações importantes na inclusão de pessoas com deficiências. As Políticas Públicas voltadas para o processo educativo: “O simples fato de o aluno frequentar a escola, tendo a oportunidade de conviver com os demais colegas e professores, justificaria sua permanência em sala de aula. Negligencia-se a construção do conhecimento em prol da socialização do sujeito” (HATTGE e KLAUS, 2014, p. 329).

A aprendizagem não ocorre do mesmo jeito, porque as informações não são transformadas completamente em conhecimento, assim, é preciso considerar essas diferenças, pois, esses estudantes não estão ali apenas para se socializarem, mas para aprenderem como os demais. Assim, é preciso desenvolver as potencialidades desses estudantes a fim de que eles se tornem autônomos e se desenvolvam de forma plena.

---

No Brasil, segundo pesquisas, menos de 20% dos docentes possuíam formação específica na área de Educação Especial até de 2017, não havendo dados suficientes para registrar capacitação específica para lidar com o autismo (AZEVEDO, 2017).

Assim sendo:

Se por um lado estas mudanças nas concepções incitam a criação de novas expectativas educacionais por parte das pessoas com deficiência, das suas famílias e da sociedade em geral, além de incitar a reavaliação dos projetos pedagógicos das unidades escolares, em específico, dos seus objetivos e dos sistemas de avaliação, em todos os níveis; por outro, projetam uma perspectiva muito otimista para a educação especial, considerando como ela tem se desenvolvido até agora [...] (FERREIRA, 2002, p. 98).

O docente precisa trabalhar neste caso a tolerância, a paciência, a solidariedade e a confiança, para que o estudante com TEA se sinta acolhido e amparado: “[...] para que ocorra a educação para uma criança autista, alguns fatores devem ser levados em consideração, por exemplo: a dificuldade de comunicação do autista, dificuldade na fala e as alterações repentinas de humor dessas crianças” (PEREIRA, et al., 2013, p. 65).

Assim, deve-se criar oportunidades para que essa criança desenvolva independência, autonomia e se socialize plenamente. As habilidades do autista, assim como das demais crianças, devem ser considerados no trabalho pedagógico a ser desenvolvido:

No caso do autista, o que está em jogo são as habilidades. É nelas que se deve investir para, assim, desenvolver as inabilidades (...). Isso reafirma a necessidade de não se esperar um comportamento dado, ao que a maioria dos indivíduos do espectro autista não corresponde (BASÍLIO e MOREIRA, 2014, p. s/n).

Compreender e identificar o modo peculiar como a criança se encaixa no mundo permite uma prática que auxilie o seu desenvolvimento, bem como auxilia as famílias, para que se sintam capacitadas e ajudem seus filhos, dando-lhes autonomia e novas oportunidades.

Ainda, deve-se considerar outro problema: muitos são diagnosticados tardiamente com TEA:

Por isso, mais do que a aprendizagem em si, é preciso se ater à qualidade de ensino oferecida. “É necessário um plano de ensino que respeite a capacidade de cada aluno e que proponha atividades diversificadas para todos e considere o conhecimento que cada aluno traz para a escola”, sugere Maria Teresa. A educadora aponta que é fundamental se afastar de modelos de avaliação escolar “que se baseiam em respostas pré-definidas ou que vinculam o saber às boas notas”, critica (BASÍLIO e MOREIRA, 2014, s/p.).

Por isso, o docente pode trabalhar utilizando situações concretas para ajudar no desenvolvimento da coordenação motora e auxiliar as interações sociais, onde o estudante se sinta pertencente aquele ambiente. Ou seja, a escola deve prestar atendimento, podendo vir a influenciar de forma direta sobre o desenvolvimento desse educando em especial (DESSEN e POLONIA, 2007).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A matrícula dos estudantes com TEA em classes comuns instiga ao docente o desafio de pesquisar mais sobre o assunto, buscar mais informações, elaborar diferentes estratégias para que se atinja uma educação de qualidade.

Assim, incluir crianças autistas deve oportunizar a participação e a aprendizagem desses estudantes. A escola deve ter compromisso com o seu desenvolvimento garantindo a inclusão, o que deve trazer também um olhar individualizado, levando-se em consideração as especificidades dessas crianças, pois, um trabalho direcionado e efetivo pode fazer toda a diferença na vida desses educandos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMY, M.D. **Enfrentando o autismo: a criança autista seus pais e a relação Terapêutica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

AZEVEDO, M. O. **Práticas pedagógicas desenvolvidas com alunos com transtorno do espectro autista na escola regular: uma revisão integrativa da literatura**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017, 153 p.

CONSENZA, R.M.; GUERRA, L.B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto alegre, Artmed, 2011.

CRUZ, Talita. **Autismo e Inclusão: experiências no ensino regular**. Jundiaí: Paco editorial, 2014.

DESSEN, M.A.; POLONIA, A.C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, 2007.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educação e Sociedade**. Ano XXIII, n. 79, ago, 2002.

HATTGE, M.D.; KLAUS, V. A Importância da Pedagogia nos Processos Inclusivos. **Revista Educação**. Especial | v. 27 | n. 49 | p. 327-340| maio/ago. 2014 Santa Maria. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X7641>. Acesso em: 07 set. 2021.

KANNER, L. Autistic Disturbances of Affective Contact. **Nervous Child**, 1943, n. 2, p. 217-250.

LEVENSON, D. Autism in siblings often caused by different faulty genes, study says. **Am J Med Genet A**. 2015;167 (5): 5-14.

PEREIRA, C.A. V.; PEREIRA, C.F.V.; PEREIRA, C.C.V. AUTISMO INFANTIL: aplicações do ensino estruturado na inclusão escolar. **Rev. Ciunc. Saúde Nova Esperança** – Dez. 2013. Disponível em: [http://www.facene.com.br/wpcontent/uploads/2010/11/12Autismo-infantl-aplica%C3%A7%C3%B5es-doensino-estruturado-na-inclus%C3%A3o-escolar\\_editado.pdf](http://www.facene.com.br/wpcontent/uploads/2010/11/12Autismo-infantl-aplica%C3%A7%C3%B5es-doensino-estruturado-na-inclus%C3%A3o-escolar_editado.pdf). Acesso em: 12 set. 2021.

SILVA, A.B.B; GAIATO, M.B.; REVELES, L.T. **Mundo singular: entenda o autismo**. Editora Fontana, 2012.

VOLKMAR, F.R.; McPARTLAND, J.C. From Kanner to DSM-5: autism as an evolving diagnostic concept. **Annu Rev Clin Psychol**. 2014; 10:193-212.



### **Gladys Aparecida da Silva**

Graduada em Magistério e Educação Infantil pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Licenciada em Letras/Espanhol pelo Centro Universitário Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID). Pós Lato Sensu em Práticas Educativas - Criatividade, Ludicidade e Jogos pela Faculdade de Educação Paulista (FAEP). Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

## EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA: PRINCÍPIOS E VALORES

JONATAS HERICOS ISIDRO DE LIMA

**RESUMO:** Uma educação democrática envolve desde questões relacionadas a uma Gestão Democrática, dentro dos princípios da Gestão Escolar, bem como a atuação dos docentes em sala de aula, visando à melhoria da qualidade de ensino e o exercício da cidadania. O presente artigo tem como objetivo discutir sobre as contribuições da educação democrática sobre o planejamento e as práticas pedagógicas a fim de nortear o processo de ensino e aprendizagem dos educandos. Pensando nisso, o planejamento é um processo que deve ser democrático a fim de estabelecer onde precisa chegar, como avançar e quais as maneiras mais adequadas para desenvolver os educandos, em sua individualidade. O mesmo baseou-se numa pesquisa bibliográfica. Os resultados indicaram que repensar no planejamento é essencial para garantir uma boa aprendizagem aos educandos, cumprindo com sua função social que é o desenvolvimento de cidadãos críticos e envolvidos com a democracia. Ainda, a educação se torna democrática a partir do momento em que consideramos as necessidades individuais de cada educando, respeitando-o.

**Palavras-chave:** Acesso. Acolhimento. Coletivo. Desenvolvimento. Planejamento.

### INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, o planejamento auxilia em muito a aprendizagem dos educandos, principalmente, quando o docente deixa claro os objetivos e os métodos de avaliação. Assim, o planejamento e as práticas pedagógicas viraram motivo de discussão não só no âmbito educacional, mas também, para as Políticas Públicas, principalmente no tocante à qualidade da educação pensando no processo de uma educação democrática.

O planejamento deve seguir um formato contínuo e dinâmico, exigindo reflexão e tomadas de decisão. O plano já pronto é o produto dessa reflexão, podendo ser destrinchado na forma ou não de registro. Para Vasconcellos (2000), o planejamento é permanente, enquanto que o plano é provisório e pode ser alterado.

É possível afirmar que o planejamento é importantíssimo, pois, faz com que o docente consiga focar nas aprendizagens e nas competências e habilidades que precisa desenvolver junto aos educandos revelando a relação que existe entre a atividade proposta e a avaliação que será aplicada, verificando o que o educando de fato aprendeu e sobre o que ele ainda não conseguiu, a fim de planejar novamente a sua prática trabalhando com atividades diversificadas que atinjam o propósito de desenvolver as competências e habilidades necessárias para determinado conteúdo.

Esse tipo de prática pode ser considerado um tipo de educação democrática, em que se prioriza também as individualidades do educando. Ou seja, o planejamento deve estabelecer onde se quer ir e quais as maneiras adequadas para chegar nesses objetivos, pautando-se não só no presente, mas, também no futuro, de modo que a educação atenda ao mesmo tempo as necessidades da sociedade como um todo, e principalmente as do educando, o que muitas vezes acaba não acontecendo, o que gera problemas no processo educacional.

Por isso, existe a necessidade de se pensar na prática docente do ponto de vista pedagógico, incluindo o planejamento para que se possa atingir e respeitar os direitos dos educandos no âmbito da aprendizagem e ao desenvolvimento dos mesmos.

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, a partir de revisão bibliográfica sobre o tema em questão.

Os resultados encontrados demonstraram que as práticas educativas e o planejamento são elementos essenciais para o desenvolvimento pleno da aprendizagem do educando, de forma democrática.

---

## O PLANEJAMENTO ENQUANTO PRÁTICA DE UMA EDUCAÇÃO MAIS DEMOCRÁTICA

O planejamento sempre fez parte da vida dos seres humanos, uma vez que é preciso organizar as atividades para desenvolvê-las. O planejamento no contexto escolar está relacionado às atividades que discutem a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem, bem como as condições externas que influenciam sua aplicação. É preciso destacar que o planejamento prevê a articulação entre o ensino e a avaliação porque, esta serve de instrumento para a previsão, organização, pesquisa e reflexão.

Vasconcellos (2000), discute que o planejamento docente deve englobar uma situação real para que se possa transformá-la. A mediação por parte do docente tem por finalidade fazer com que as coisas aconteçam sendo necessário estabelecer aquilo que é pretendido com o educando ao longo do ano, não só em termos de currículo, mas também no que o docente pretende desenvolver com esses educandos, priorizando as suas necessidades individuais, só assim, podemos considerar a educação como sendo democrática.

A participação da comunidade também se torna democrática a partir de um instrumento facilitador para o processo de ensino e aprendizagem onde todos falam a mesma linguagem e compreendem as mesmas ações, facilitando e contribuindo com o desenvolvimento dos educandos. Fazemos parte de uma sociedade do conhecimento, o que exige demais do docente em relação às atribuições que lhe são dadas (TORMENA e FIGUEIREDO, 2010).

A prática pedagógica dos docentes deve envolver uma pedagogia que tenha comprometimento, onde eles precisam escolher atividades e temas que façam a conexão entre os conteúdos e o cotidiano em questão:

Estes temas se chamam geradores porque, qualquer que seja a natureza de sua compreensão como da ação por eles provocada, contém em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas a serem cumpridas (FREIRE, 1974, p. 124).

Atualmente, é preciso utilizar metodologias diferenciadas que propiciem conhecimentos mais significativos, fazendo com que o educando se torne protagonista do seu próprio conhecimento, sendo uma das práticas fortalecedoras desse processo a utilização de projetos:

A organização dos projetos de trabalho se baseia fundamentalmente numa concepção da globalização entendida como um processo muito mais interno do que externo, no qual as relações entre conteúdos e áreas de conhecimento tem lugar em função das necessidades que traz consigo o fato de resolver uma série de problemas que subjazem na aprendizagem (HERNANDEZ e VENTURA, 1998, p. 63).

Quando se muda o planejamento, pode-se perceber a complexidade e a importância dessa transformação e libertação, além de observar a importância dessa conscientização, transformando a prática pedagógica a favor do educando.

Trabalhar dessa forma a partir do planejamento e da prática pedagógica pode favorecer diferentes competências e habilidades nos educandos, fazendo com que eles aprendam a fazer, a interagir com o mundo que os cerca e construir sua identidade (DELORS, 2001).

O docente deve se preocupar em rever seu planejamento, pois, infelizmente para muitos é prático utilizar o planejamento do ano anterior do que refazê-lo para o ano seguinte, desconsiderando as singularidades da turma, da individualidade do educando, do contexto na qual ele está inserido e nem que apresenta comportamentos e formas diferentes de aprendizagem:

Uma boa parte dos atos de ensino não está, deixaram de estar ou nunca estiveram sob o controle da razão e da escolha deliberada. Por um lado, a profissão é composta por rotinas que o docente põe em ação de forma relativamente consciente, mas sem avaliar o seu carácter arbitrário, logo sem as escolher e controlar verdadeiramente. É a parte de reprodução, de tradição coletiva retomada por conta própria ou de hábitos pessoais cuja origem se perde no tempo (PERRENOUD, 1993, p. 21)

A prática pedagógica não pode ser apenas a aplicação de um determinado conteúdo com regras fixadas ou receitas prontas. As práticas vão muito além de regras, convenções já estabelecidas e discussões educacionais que envolvem também a rede de ensino pública e privada, o que diferencia também na atuação profissional, nos recursos e no que é ensinado, infelizmente.

---

É preciso que a comunidade educacional como um todo repense em como as crianças e jovens aprendem hoje em dia. As práticas devem ser norteadoras a fim de construir novos conhecimentos, discussões e saberes pedagógicos, além de novas possibilidades quanto ao processo de ensino e aprendizagem, acontecendo dentro de toda a extensão da Educação Básica.

É preciso ainda que o docente leve em consideração na hora de fazer seu planejamento uma reflexão constante sobre suas práticas, estruturadas na observação, no registro, no planejamento e na avaliação.

O conceito do aprender fazendo de Dewey, por exemplo, tornou-se um pensamento construído na história da pedagogia. Tanto a concepção antiga (tradicional) quanto a atual, amplamente consolidadas, possuem um lugar garantido na educação do futuro (GADOTTI, 2000).

Ainda, na chamada sociedade do conhecimento, a escola deve servir de norte, a fim de superar a visão utilitarista que incita a competitividade, na busca por resultados. Ou seja, o papel da escola deve ser o de orientar criticamente, na busca de uma informação que os façam amadurecer da forma mais democrática possível.

Por isso, na área da Educação sabe-se o quanto é importante um bom planejamento e uma prática alinhada com as expectativas de aprendizagem que pretendemos desenvolver nos educandos.

A Educação não se preocupa mais só com o conteúdo, pois atualmente, isso não é mais suficiente e está sendo modificado constantemente pelas mudanças que o mundo atual exige, a partir das competências e habilidades e de um contrato pedagógico que implica a forma como o docente deve ensinar e ministrar os saberes (GASPARIN, 2011).

Para que isso passe a acontecer é preciso primeiro rever a posição do ambiente educacional, trazendo as práticas para dentro da realidade dos seus educandos e familiares, buscando desenvolver e aprimorar novas estratégias, sem simplificar o que o ensino representa para os educandos.

Assim, no caso dos pequenos, é muito importante o planejamento e a fundamentação por trás da prática pedagógica, em que a criança precisa ser observada como um indivíduo que se encontra em construindo a sua personalidade, conhecendo o mundo e apresentando curiosidade para aprender (BARBOSA e HORN, 2008).

Os docentes devem enfrentar as mudanças que os tempos atuais exigem, percebendo a importância de replanear as ações, compreendendo a sua função dentro do processo de ensino e aprendizagem. As novas formas de ensinar vão surgindo conforme vão ganhando forma e sendo colocadas em prática, trazendo clareza e refletindo-se de forma crítica.

Assim, é preciso estar atento ao planejamento e as ações pertinentes diminuindo distâncias, dificuldades e resistências entre o planejamento e o cotidiano do trabalho docente.

## **O QUE UMA EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA ESPERA DOS ESTUDANTES?**

É preciso repensar no que a Educação espera dos seus estudantes, buscando novas práticas, sem se perder nos objetivos e expectativas de aprendizagem. A escola precisa construir uma educação que ultrapasse os interesses das Políticas Públicas, desvinculando-se de um ensino tradicional e descontextualizado do que a sociedade espera nos dias atuais.

Nesse contexto muitos docentes sentem-se inseguros diante de tanta tecnologia, pois, atualmente a educação exige um bom conhecimento das tecnologias para desenvolver práticas pedagógicas e o planejamento, inclusive para fazer diários de classe, relatórios sobre o educando, o planejamento das práticas pedagógicas, entre outras ações (MOSÉ, 2013).

Outra questão está relacionada à insegurança durante a escolha de práticas pedagógicas adequadas que comprometem e limitem muitas vezes, o processo de ensino e aprendizagem. Por isso, faz-se necessário um novo olhar acerca do processo educativo, a fim de buscar ações que contemplem inovações didáticas e metodológicas, como motivador de todo o processo.

O conceito do aprender fazendo de Dewey, tornou-se um pensamento enraizado na história da Pedagogia. Tanto a concepção tradicional quanto a atual, amplamente consolidadas, possuem um lugar garantido na educação do futuro (GADOTTI, 2000).

Ainda, segundo o autor, na chamada sociedade da informação, a escola deve servir de norte, a fim de superar a visão utilitarista que incita a competitividade na busca por resultados. Ou seja, o papel da escola deve ser o de orientar criticamente, na busca de uma informação que os façam amadurecer.

---

De acordo com Custódio (2011), a educação é fundamentada pela relação que tem com o mundo comum, que aprofundada pelo pensamento de Arendt, traça o panorama da herança social da educação a partir da influência das transformações culturais pela inserção de novas gerações, o que compreende enquanto ruptura das tradições na educação a partir do seu conceito de natalidade.

Por isso, é muito importante valorizar uma educação democrática, uma vez que a crise na educação contemporânea, tem trazido:

Na condição humana, sua principal obra teórica, a autora afirma que cada nascimento humano constitui um novo início, distinguindo-se, assim, da aparição de um ser segundo o modo da repetição de uma ocorrência já previamente dada. Para os humanos, nascer não significa simplesmente aparecer no mundo, mas constitui um novo início no mundo. A natalidade não se confunde, portanto, com o mero fato de nascer, mas constitui o ser no modo de ser do iniciar, da novidade. É a condição humana da natalidade que garante aos homens a possibilidade de agir no mundo, dando início a novas relações não previsíveis (CESAR e DUARTE, 2010, p.825).

A ideia é que essa herança social seja utilizada como parâmetro para sustentar as transformações que se fazem necessário, de acordo com a cultura que emerge das novas gerações e que se expressam no ambiente escolar. Para os autores, Arendt compreende que a crise na sociedade atual está relacionada às influências que ocorrem na Educação.

Rauter (2012), por fim, explica que a indisciplina e o desinteresse, os problemas na infraestrutura das escolas, o baixo salário docente e a falta de perspectivas na carreira docente são alguns dos problemas enfrentados pela educação no Brasil.

A modernidade trouxe consigo o afastamento de tudo aquilo que é considerado tradição, transformando a escola em um espaço de opressão e preconceitos que devem ser superados. Ao desconsiderar o vínculo da tradição no processo educativo bem como a democracia educacional, enfraquece-se a legitimidade e a autoridade das escolas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação precisa de acordo com as necessidades da sociedade a não se preocupar só com o conteúdo, pois, nos dias atuais, isso não é mais o suficiente e está sendo modificado constantemente pelas mudanças que o mundo atual exige, a partir das competências e habilidades e de um contrato pedagógico que implica a forma como o docente deve ensinar e ministrar os saberes.

Por isso, a grande necessidade atual é trabalhar com uma educação mais democrática, direcionada e respeitosa, revendo-se a posição do ambiente educacional, trazendo práticas para dentro da realidade dos educandos e buscando desenvolver e aprimorar novas estratégias, sem simplificar o que o ensino representa para a vida do educando.

Desta forma, toda a Educação Básica precisa pensar em um bom planejamento e fundamentá-la a partir de práticas pedagógicas, em que o educando seja observado enquanto indivíduo que se encontra em construção da sua personalidade, conhecendo o mundo e apresentando curiosidade para aprender.

Por fim, é preciso ter coragem e enfrentar as mudanças que os tempos atuais exigem, percebendo a importância de planejar suas ações, compreendendo a sua função dentro do processo de ensino e aprendizagem. As novas formas de ensinar vão surgindo conforme vão ganhando forma e sendo colocadas em prática, trazendo clareza e refletindo-se de forma crítica e democrática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CESAR, M.A.; DUARTE, A. Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 823-837, set/dez. 2010.
- CUSTÓDIO, C. O mundo comum e o sentido da educação: reflexões à luz do pensamento de Hannah Arendt. In **Anais do 10º Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste (online)**, Rio de Janeiro, 2011. Rio de Janeiro: ANPED, Região Sudeste, 2011. Disponível em: [http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/trabalhos/POSFE\\_USP\\_324.388.478-08\\_trabalho.pdf](http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/trabalhos/POSFE_USP_324.388.478-08_trabalho.pdf). Acesso em: 16 set. 2021.
- DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir**. 5a ed. São Paulo: Cortez, 2001. 288 p.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. 184 p.

- 
- GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 2000.
- GASPARIN, J.L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **Organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 199 p.
- MOSÉ, V. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas profissão docente e formação perspectivas sociológicas**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1993. 201 p.
- RAUTER, L. **Crise na educação e teoria da história: alguns apontamentos**. 2012. Disponível em: <http://snhhistoriografia.wordpress.com/2012/05/09/crise-naeducacao-e-teoria-da-historia-alguns-apontamentos-luis-rauter/>. Acesso em: 06 set. 2021.
- TORMENA, A.A.; FIGUEIREDO, J.A. **Planejamento: a importância do plano de trabalho docente na prática pedagógica**. 2010. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes\\_pde/2010/2010\\_fafipa\\_ped\\_artigo\\_ana\\_aparecida\\_tormena.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_fafipa_ped_artigo_ana_aparecida_tormena.pdf). Acesso em: 07 set. 2021.
- VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico**. 9 ed. São Paulo: Libertad, 2000.



### **Jonatas Hericos Isidro de Lima**

Formado no Magistério. Licenciado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraí (UVA) e em História pela Universidade Santo Amaro (UNISA). Especialista em Docência no Ensino Superior e Pedagogia Empresarial pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Professor no Estado (SEE) e na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).



## A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO RENDIMENTO ESCOLAR DOS ESTUDANTES

José Luís André António

**RESUMO:** No processo de ensino aprendizagem, deparamo-nos com várias particularidades umas mais complexas, e outras menos complexas. Assim o presente artigo teve como objectivo, trazer uma abordagem a cerca da influência da família no rendimento escolar dos estudantes. Esta pesquisa teve uma abordagem quantitativa e qualitativa ou mista, debruçamo-nos acerca dos pais como encarregados de educação, a relação entre a escola e a família, a importância do director de turma na relação escola família e como incentivar o filho a estudar.

**Palavras-chave:** Influencia. Família. Rendimento. Aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

A relação entre pais e filhos começa muito cedo, muito antes do nascimento. No ventre o bebezinho já consegue ter um contacto com o pai, quando este acaricia a barriga da mãe e fala com ele mesmo não sabendo se o bebezinho está ouvindo ou não. E a relação com a mãe como é obvio começa desde o princípio já que está em seu ventre.

Não nos restam dúvidas de que os pais são os primeiros educadores da criança e que, ao longo de toda a sua escolaridade, continuam a sendo os principais responsáveis pela sua educação e bem-estar. Não devemos esquecer que a família é o primeiro local de socialização, é com a família que vai passar as primeiras experiências da vida, vai aprendendo a andar, a falar, a conviver com os outros, é importante que nessa fase os pais estejam sempre presentes, de modo a moldar alguns comportamentos desviantes e dirigir a criança para um bom porto.

Para Fonseca (2001) os pais e professores acusam-se dia-a-dia sobre o comportamento apresentado pelas crianças em casa ou na escola, os pais culpam os professores pelo comportamento incorrecto dos filhos em casa, em quanto que os professores culpam os pais pelo comportamento desajustado apresentado pelos alunos na escola.

### OS PAIS COMO ENCARREGADOS DA EDUCAÇÃO

A intervenção dos pais na educação dos filhos é indiscutivelmente essencial, dar apoio e cuidados aos filhos é uma responsabilidade bastante exigente.

A relevância do papel de quem educa é crucial e de tal sorte é também a chance que a criança possui num dado período de sua vida. Assim sendo, caso exista boa educação na infância, os resultados tendem a ser mais favoráveis ao desenvolvimento de virtudes, Sirqueira Neto, (2016, p. 28).

Toda criança e adolescente necessitam orientação. O adulto, no caso os pais, têm o dever de orientar seus filhos a desenvolver hábitos frente aos estudos. A tarefa de educar não cabe somente a escola, embora também seja um dos seus papéis. A participação da família na escola é fundamental para o bom desempenho escolar.

Os pais devem envolver-se na educação dos filhos tanto em casa como na escola. Foi-se o tempo em que os pais abandonavam os filhos na escola, deixando transparecer que a partir daquele momento a escola era a única responsável pela educação académica dos meninos. A educação dos filhos é uma preocupação dos pais e educadores.

Os pais são os responsáveis pelo ensinamento de valores. A escola também deve ajuda-los, porém a responsabilidade é do grupo familiar, os pais ou cuidadores são insubstituíveis.

Luther King, Liderava firmemente a sua congregação e os filhos por meio do exemplo ao enfretar a desigualdade racial. O seu sonho foi tão

---

poderosamente implantado no coração do filho Martin Jr., que isso literalmente mudou uma nação. Meier Jr (2014, p. 27).

Os pais ou cuidadores, são responsáveis pelos ensinamentos que a criança necessita para que aprenda a fazer as escolhas correctas. Isso vale para a vida social, afinal temos que escolher até o tipo de companhias que se mal escolhidas, influenciarão negativamente as condutas sociais. Todas crianças necessitam aprender a lidar com as frustrações e dificuldades, isto é, deve aprender a crescer, ter a maturidade individual necessária para superar momentos de desequilíbrio e frustração diante da realidade.

Sirqueira Neto, (2016, p. 28). Estimular a criança a exercitar cotidianamente a moral é acção educacional necessária ao estabelecimento das virtudes que se almeja para ela. Percebe se o empenho que deve ter o responsável por esta educação, empregando energia na convivência, exemplo, consistência e certa obstinação.

Os pais, educadores ou responsáveis têm enorme responsabilidade sobre este tipo de formação. Não é sem razão o incontável número de crianças e adolescentes contemporâneos que se encontram distantes do desenvolvimento moral.

## **RELAÇÃO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA**

Há um problema muito sério concernente a este assunto na nossa sociedade, muitos são os pais que não têm uma relação salutar com a escola de seus filhos, há pouca divulgação até na comunicação social da importância da família para o desenvolvimento da criança enquanto estudante.

Para Almeida (2014) a criança ao nascer é inserida na sociedade pela influência das famílias, e assim acaba por incorporar a cultura que a cerca, a qual engloba modelos de valores, morais, crenças, religião e ideias, que lhe serve como base de comportamento.

Almeida (2014). Para que haja uma relação de confiança entre pais e escola, é necessário um trabalho em conjunto de ambas as partes, para que a comunicação seja estabelecida de maneira eficaz.

Muitas vezes a família não se aproxima da escola, pois pensa ser um ambiente muito diferente do qual esta acostumada, "a timidez diante dos professores, o medo da reprovação dos filhos e a distância que sentem da "cultura" da escola os levam a ver a escola não como uma continuidade em suas vidas, mas como algo separado de suas experiências.

## **A IMPORTÂNCIA DO DIRECTOR DE TURMA NA RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA**

O Director de turma é alguém que está em contacto permanente com os estudantes de uma determinada turma, e a ele compete saber tudo o que se passa com os alunos para poder compreender as debilidades deles, para que o Director possa ajuda-los a superar as dificuldades, não de forma isolada deverá entrar em contacto com a família. Se os fizessem bem o seu trabalho diminuiria de certa forma o elevado número de reprovações nas nossas escolas, assim como diminuiria o índice de insucesso escolar na nossa sociedade.

Para Marques apud Casarin (2007, p.33) o director de turma é o eixo em torno do qual gira a relação educativa.

Isto porque qualquer situação que acontecer com o aluno na escola, tanto a direcção como os encarregados tendem em primeira instancia falar com o director de turma. No entanto este funciona como o porta-voz de ambos os lados.

## **COMO INCENTIVAR O FILHO A ESTUDAR**

É importante que os pais ou responsáveis pela criança demonstrem interesse em tudo que diz respeito à escola do filho, para que este perceba que estudar é algo prazeroso e indispensável para a vida humana. A participação dos pais na educação formal dos filhos deve se proceder de maneira constante e consciente, integrando-se ao processo educacional, participando activamente das actividades da escola.

Se os pais valorizam acima de tudo as qualidades morais, os filhos serão conduzidos naturalmente a disposição moral meta final da educação. Para Schmidt (1965), quando os pais comportam-se com urbanidade, são morais não só em casa, são justos com eles mesmos e com os demais estarão a incutir de forma indirecta o sentido moral da vida nos seus filhos.

---

Os pais devem saber levar os filhos a autonomia, e a condição primeira para se obter tal resultado, é saber mandar e organizar as tarefas. As tarefas bem distribuídas e controladas, dão aos pequeninos o sentido da sua missão de vida. Ainda, segundo Schmidt (1965), a arte de educar pode ser definida como a arte de motivar as tarefas.

Ela consiste na grande arte de inclinar a vontade livre para direcção do bem. A pratica de fazer o bem e evitar o mal, não se aprende numa escola com carteiras, quadro, giz e professores previamente preparados para ensinarem de forma rigorosa e metodológica. Na maior parte dos casos aprende-se na família onde os métodos não têm uma nomenclatura.

Estimule seu filho a ter metas, a procurar o sucesso no estudo, no trabalho, nas relações sócias, mas não pare por aí. Leve-os a não ter medo dos seus insucessos. Não há pódio sem derrotas. Muitos não sobem no pódio, não por não terem capacidade, mas porque não souberam superar os fracassos do caminho. Muitos não conseguem brilhar no seu trabalho porque desistiram nos primeiros obstáculos. Cury (2003, p.20)

Os pais precisam começar a orientação profissional, académica e social, muito cedo estimulando a criança sobre os desafios que irá enfrentar na sociedade, preparando-a para as possíveis perdas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre a escola e a família é um dos factores que influencia de forma positiva no rendimento escolar dos educandos.

O director de turma é um dos elementos muito importante na relação escola e família, pois o director de turma, antes de mais é um educador, ele é o professor que acompanha, apoia e coordena os processos de aprendizagem, de orientação, de maturação dos alunos e de orientação e de comunicação entre os docentes, alunos, pais/encarregados de educação e restantes agentes da acção educativa.

O comportamento dos pais enquanto encarregado de educação, influencia no rendimento escolar dos seus educando. grande parte dos encarregados não têm uma relação saudável com seus educandos. Maioria dos encarregados não ajudam seus educandos a fazerem as tarefas, não têm comparecido regularmente na escola, isto tem contribuído em grande medida para o fraco rendimento escolar dos educandos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, E. B. de. **Relação entre pais e escola: A influencia da família no desempenho escolar dos alunos**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Campinas, 2014.
- CASARIN, N. E. F. **Família e a aprendizagem escolar**. 1ª Edição. Porto Alegre: Faculdade de Física da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.
- CURY, A. J. **Pais brilhantes professores fascinantes**, 1º Edição. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003.
- FONSECA, V. da. **Cognição e Aprendizagem**, 1ª Edição. Lisboa: Editora Ancora, 2001.
- MEIER JR, M. A. **Pais que mudaram o mundo. (História inspiradoras de homens que fizeram a diferença para seus filhos e no mundo)**. 1ª Edição, Rio de Janeiro: Editora Habacuc, 2014
- SCHMIDT, M. J. **A Família por dentro**. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Livraria Agir, 1965.
- SIRQUEIRA NETO, A. C. de. **A Educação sob Olhar Docente**, 1 ed., São Paulo: Mogi Mirim, 2016.



### José Luís André António

Nasceu em Luanda capital de Angola. Licenciou-se em Ensino de Psicologia pelo Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED - Luanda). Professor de Geografia, na Escola do 1º Ciclo do Ensino Secundário N° 5093 em Viana, é Palestrante e Orador, tendo como foco assuntos sociais principalmente temas escolares de fórum Psíquico.



## ALGUMAS CONTRADIÇÕES HUMANAS

EMILY REIS RODRIGUES E ISABELLA SILVA PEDROSO

PROFESSOR ORIENTADOR: JOSÉ WILTON DOS SANTOS

**RESUMO:** Neste artigo buscou-se entender como as atitudes humanas, impensadas e focadas apenas no momento presente geram contradições evidentes por parte destes que dizem chamar-se de Homo Sapiens. Ao pensar na forma como a agricultura brasileira é cuidada, percebe-se o quanto o ser humano é imediatista, já que a busca por um melhor resultado financeiro parece ser mais importante que a saúde da população. É aplicada na floresta amazônica o mesmo relapso usado na agricultura, pois o desmatamento produzido está cada vez mais fora de controle. Não satisfeitos com isso, o ser humano se especializou em poluir a pouca água potável que existe no planeta e dessa forma, sofre com a falta desse recurso em condições razoáveis de consumo. Diante de tantas contradições, segue-se atualmente os mesmos passos da política adotada pela sociedade capitalista, quando optou por investir cada vez mais em transportes particulares, gerando lucros exacerbados para as grandes indústrias da área automobilística, não se preocupando com os subprodutos dessa opção. E ainda, não satisfeitos com todo o mal que são produzidos no planeta, o ser humano envereda-se por uma estrada espacial, e o pior, nessa nova estrada continuam deixando os mesmos rastros de sujeiras e poluição que sucumbiu com o planeta Terra.

**Palavras-chave:** Homo Sapiens. Transporte. Doenças. Poluição. Agricultura. Lixo espacial.

### INTRODUÇÃO

A espécie Homo Sapiens existe há aproximadamente 50 mil anos (segundo a Paleontologia), e tem no bojo do seu processo evolutivo, muitas contradições, ao longo desse tempo de existência.

Os seres humanos, na tentativa de satisfazer suas necessidades aprenderam a explorar das mais variadas formas, os recursos do planeta Terra. Esta exploração, quase sempre gera subprodutos nocivos, entretanto, ainda assim as explorações continuam de forma exacerbada (SANTOS et al., 2014).

Para Pouey (2017), os animais utilizam a natureza pelo mero fato de estarem presentes nela. O homem, ao contrário, modifica a natureza e a obriga a servir-lhe, domina-a. E aí está, em última análise, a diferença essencial entre o homem e os demais animais.

Apresentaremos no transcórre deste trabalho, contradições que se originaram da necessidade imediata do ser humano e da disponibilidade de recursos naturais disponíveis no planeta.

### OBJETIVOS

Este trabalho buscará apresentar de forma simplificada (sem perder o rigor científico) algumas das ações humanas que acabam resultando em contradições, tais como: o uso de agrotóxicos na agricultura alimentar, que por vezes lançam mão de substâncias tóxicas que causam danos à saúde; os desmatamentos, em especial da floresta amazônica, que é um regulador de clima mundial; uso inadequado dos rios, causando poluição dos mesmos, privando a todos de água com qualidade e em abundância; poluição do ar, com a liberação de elementos químicos provocados quase sempre pela queima de combustíveis fósseis; e ainda a poluição espacial, na busca incessante de exploração do espaço sideral.

### METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste trabalho tem caráter qualitativo, por meio de pesquisas bibliográficas, junto a bancos de dados confiáveis. Apoiando-se em trabalhos de referências, citados ao longo do texto. Mesmo tendo referenciais teóricos abrangentes sobre estas temáticas, focou-se em trabalhos mais atuais, publicados nos últimos 07 (sete) anos.

## USO DE AGROTÓXICOS NAS PLANTAÇÕES

A maioria dos alimentos consumidos no Brasil, são resultados de produções agrícolas, cultivadas em nosso país, como por exemplo, feijão, arroz, milho, etc. A agricultura é a base alimentar do brasileiro, por isso, é inconcebível o tanto de agrotóxicos que são aplicados em nossas plantações (figura 1).

As substâncias tóxicas são capazes de provocar a morte ou danos à saúde humana quando ingeridos, inalados ou através do contato com a pele (CETESB), mesmo em pequenas quantidades, os danos podem ser fatais à vida humana.

Comumente é entendido que as frutas, legumes, verduras e outros alimentos naturais oferecem nutrientes e vitaminas que o corpo humano precisa, mas, não acontece exatamente dessa forma devido ao excesso de agrotóxicos que são utilizados nas plantações e cultivos.



Figura 1: Aplicação de agrotóxicos nas plantações (DINIZ, 2020)

Estas substâncias químicas são usadas aos montes na agricultura brasileira, a tal ponto que, desde 2008, o Brasil ocupa o posto de campeão mundial no uso de agrotóxicos para manter as pragas longe das lavouras (DINIZ, 2020).

Não podemos envenenar os nossos alimentos, em detrimento de conseguir produzir uma maior quantidade, em troca de obter mais lucro com as nossas plantações. Há a necessidade de equalizar melhor essa balança: veneno e produção. Pois, não é mais aceitável continuar colocando a saúde coletiva em risco, em troca de maior produção e de maior lucratividade.

## DESMATAMENTOS AMAZÔNICO

A floresta amazônica tem grande influência sobre o clima do planeta Terra, em especial, sobre o clima do Brasil. É importante citar que a umidade que a floresta amazônica produz é determinante para a distribuição das chuvas nas regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste. Segundo Clemente e Higuchi (2016), entre 20 e 50% das chuvas que caem na região Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo) são oriundas da Amazônia.

O deslocamento da umidade produzida na floresta amazônica para a região Sudeste dá-se através dos “Rios Voadores” (figura 2). Segundo Marengo (2016), os Rios Voadores são “cursos de água atmosféricos”, formados por massas de ar carregadas de vapor de água e que passam sobre nossas cabeças carregando umidade da bacia Amazônica.



Figura 2: Rios Voadores (MARENGO, 2016).

Essa umidade, em contato com uma frente fria vinda do Sul (Polo Sul do Planeta), precipita-se em chuva e é responsável por grande parte do abastecimento de água das maiores cidades do País, São Paulo e Rio de Janeiro.

A Amazônia funciona como uma grande bomba D'água. Ela puxa para dentro do continente a umidade evaporada pelo Oceano Atlântico (que banha nosso País) através dos ventos “Elísios” (deslocamento de massas de ar, que tem direção a regiões de baixa pressão). Essa umidade resulta em chuvas sobre a floresta amazônica (TORDIN, 2018). Pela ação da transpiração das árvores e posterior evaporação, a floresta devolve a água das chuvas para a atmosfera na forma de vapor, a partir desse momento, por intermédio dos ventos, esse ar úmido é deslocado para as regiões Centro-Oeste, Sul e Sudeste, provocando as chuvas.

Diante de todo esse ciclo tão importante, que tem na floresta amazônica sua peça chave, afirmar que o desmatamento na Amazônia prejudica grandemente nossas vidas, aqui na cidade de São Paulo, é incontestável, pois a importância vai muito além do controle do gás carbônico (CO<sub>2</sub>) e produção de oxigênio (O<sub>2</sub>), que são benefícios localizados. Cortar as nossas árvores influenciam na quantidade de água das nossas represas que servem para o abastecimento da população.

Uma árvore grande, com copa de 20 metros de diâmetro por exemplo, pode evapotranspirar mais de 1.000 (mil) litros de água por dia. Estima-se que haja em torno de 400 (quatrocentos) bilhões de árvores na floresta amazônica, o que resulta em aproximadamente 20 bilhões de litros de água produzidos por dia (TORDIN, 2018).

Diante desses números, é possível deduzir o quanto de água nossos rios voadores perdem diariamente, uma vez que, segundo o Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE) cerca de 1 (um) bilhão de árvores são desmatadas por ano. Esses dados, em parte, respondem ao porquê das nossas represas estarem abaixo do nível ideal.

Proteger nossa floresta amazônica é muito mais que um mero cuidado com o meio ambiente, é imprescindível para a continuação da existência da espécie homo sapiens no planeta.

## POLUIÇÃO DOS RIOS

Atualmente, os recursos hídricos causam preocupações e estão gerando muitos debates no mundo inteiro, pois estes, quando mal manejados, provocam impactos prejudiciais não somente ao meio ambiente, mas também a saúde pública.

As fontes de contaminação da água são bastante variáveis, sendo de fundamental importância a compreensão dos processos pelos quais a natureza influencia a saúde humana, a fim de que possibilite decisões mais adequadas no futuro (BARROS et al., 2020).

Na cidade de Pombal – PB constata-se um problema dessa natureza, uma vez que o rio piancá encontra-se bastante poluído devido aos diversos tipos de resíduos sólidos e líquidos que é depositado em seu leito, por meio dos canais de esgotos. Esse rio é de grande importância para a cidade de Pombal, pois o consumo de água da população depende exclusivamente dele (GOMES et al., 2016).

Existe pouco ou quase nenhum cuidado com os rios não somente na cidade de Pombal, na Paraíba, mas, em diversas outras cidades no Brasil e no mundo. A cidade de São Paulo (maior metrópole da América Latina), é um exemplo desse descuido, basta adentrar na área urbana, pela avenida marginal Tietê, para constatar essa falta de zelo pelas águas dos nossos rios, pois o Rio Tietê (rio que corta o município de São Paulo) é extremamente poluído e não viável ao consumo humano.



É importante estar atento aos dados que o Pena (2019), nos traz: A água cobre 70% da superfície do planeta Terra, sendo que desta quantidade 97,5% do volume total de água está distribuída nos mares e oceanos e a água doce é apenas 2,5% distribuídas em rios, lagos e outros reservatórios (figura 3). Mesmo assim, essa água está distribuída de forma desigual no planeta, ou seja, em alguns lugares há muita água e em outros existem poucas. No Amazonas, por exemplo, estado da região Norte, há muita água, enquanto a Paraíba, na região Nordeste, é marcada pela escassez de água.

Figura 3: Distribuição das águas no planeta Terra (PENA, 2019).

Levando em consideração a pouca quantidade de água doce no planeta e ainda toda a irregularidade que existe na distribuição dessas águas ao longo do planeta, há urgência em cuidar melhor desse recurso natural tão importante para todos os seres vivos.

É de extrema importância que a água de abastecimento humano seja tratada, bem como é fundamental a proteção dos mananciais e ações de Educação Ambiental em todos os setores da sociedade (BARROS et al., 2020).

## POLUIÇÃO DO AR

A poluição atmosférica tem se agravado cada vez mais e atualmente é considerado problema de saúde pública, uma vez que tem resultado em número elevado de mortes no mundo todo.

Oliveira, Sousa e Oliveira (2020), acrescentam que a poluição atmosférica tem se destacado como um problema socioambiental contemporâneo, que tem impactado na qualidade ambiental e na qualidade de vida humana, tornando-se uma problemática de saúde pública.

O CONAMA, por meio da resolução 003 de 1990, traz a seguinte definição: "Entende-se como poluente atmosférico qualquer forma de matéria ou energia com intensidade e em quantidade,

concentração, tempo ou características em desacordo com os níveis estabelecidos, e que tornem ou possam tornar o ar: I - impróprio, nocivo ou ofensivo à saúde; II - inconveniente ao bem-estar público; III - danoso aos materiais, à fauna e flora; IV - prejudicial à segurança, ao uso e gozo da propriedade e às atividades normais da comunidade”.

A urbanização acelerada tem sido considerada a responsável pela crescente emissão de poluentes no meio ambiente e na atmosfera terrestre, isso deve-se a necessidade vertiginosa de energia para as indústrias e para os automóveis, que em geral vem dos combustíveis fósseis. A queima de combustíveis fósseis libera no meio ambiente grande quantidade de poluentes.

Estima-se que atualmente cerca de 50% da população mundial habita em cidades e aglomerados urbanos podendo estar sujeitas a níveis crescentes de poluentes do ar e devido à grande área de contato entre a superfície do sistema respiratório e o meio ambiente, a qualidade do ar interfere diretamente na saúde respiratória (TORRES et al., 2020).

A poluição atmosférica causa impactos diretos à saúde humana, comprometendo a qualidade de vida das pessoas, especialmente pela entrada desses poluentes no corpo humano por meio das vias respiratórias, resultando em muitas doenças respiratórias, que em casos extremos têm levado a morte (OLIVEIRA et al., 2020).

No Brasil, estima-se que a poluição do ar atmosférico cause aproximadamente 20 mil óbitos por ano (TORRES et al., 2020). A resolução 491 de 2018 do CONAMA indica os poluentes primários presentes na atmosfera monitorados no Brasil, são eles: monóxido de carbono (CO), os óxidos de nitrogênio (NOx), o dióxido de enxofre (SO<sub>2</sub>), o ozônio (O<sub>3</sub>), a fumaça e os materiais particulados. Dentre as matérias consideradas poluentes atmosféricos destacam-se os gases e material particulado proveniente, sobretudo de fontes antrópicas como os veículos automotores e as indústrias (TORRES et al., 2020).

Diante do exposto, resta evidente a necessidade de se adotar medidas mais drásticas que visem a redução da emissão de poluentes, já que o número de mortes em decorrência das ações humanas tem sido muito grande e vem aumentando ano a ano.

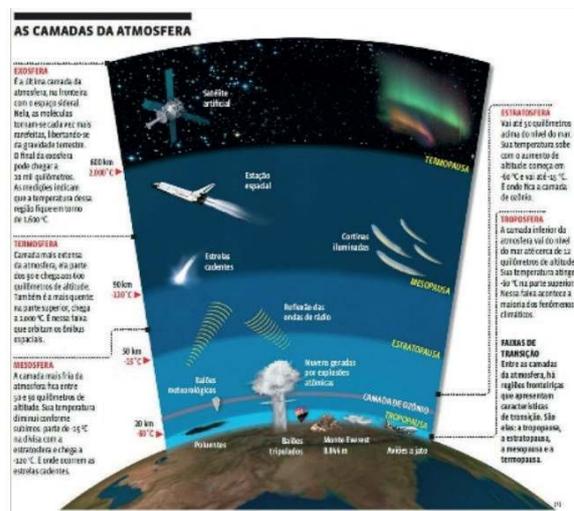
## POLUIÇÃO DO CÉU

Na busca incessante para conhecer cada vez mais o universo e sobretudo, na busca por novas tecnologias que possam facilitar a vida humana na Terra, os satélites artificiais foram criados e lançados ao espaço com objetivos diversos, dentre estes: comunicações, previsões e monitoramentos climáticos, observações científicas e segurança nacional, etc. A dependência que nós, humanos, temos dos satélites artificiais, é exageradamente grande, vez que, não conseguimos nos imaginarmos sem as previsões do tempo (cruciais para a agricultura), sem as possíveis previsões de catástrofes naturais (furacões, vulcões, terremotos, etc, que preservam tantas vidas) ou mesmo, como viver atualmente sem a internet (fundamental nas comunicações permitindo-nos falar com qualquer pessoal em qualquer ponto da Terra, além de possibilitar a compra de qualquer objeto com poucos cliques, bem como a quantidade de empregos que gera, etc.). Diante desse cenário, impossível não reconhecer o quanto os satélites artificiais são importantes e que se tornaram um caminho sem volta para os humanos.

Figura 4: Camadas da atmosfera terrestre (ALMEIDA, 2019).

Os satélites artificiais localizam-se em posições variadas ao longo da atmosfera terrestre, em uma região chamada Linha de Kármán (baixa órbita) e uma grande quantidade deles fora da atmosfera terrestre, há cerca de 2.000 (dois mil) quilômetros de altitude (figura 4).

Atualmente, segundo a Nasa, existem cerca de 7.200 (sete mil e duzentos) satélites no espaço, sendo que mais de 2.000 (dois mil) destes satélites já estão desativados (figura 5). Segundo Almeida (2019), esses objetos ficam “viajando” pelo espaço a uma velocidade de até 36.000 km/h, e aproximadamente 200 deles caem na Terra todo o ano.



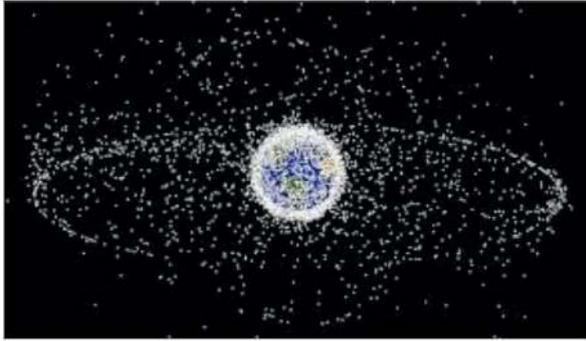


Figura 5: Imagem feita pela Nasa, mostrando o cenário atual dos satélites (ROSSETTO, 2018).

Cada satélite é lançado com uma quantidade de combustível que determinará seu tempo de vida. Esse combustível é utilizado para fazer as correções orbitais necessárias, a fim de mantê-los dentro de uma região suficiente para garantir a cobertura de sinal de comunicação para uma área definida. Quando esse combustível se esgota, perde-se total controle do mesmo, então, o satélite passa a se movimentar em função das perturbações orbitais. A

partir desse momento, estes objetos tendem a cruzar as órbitas dos satélites operacionais, gerando riscos de colisões e passam a ser chamados de lixo espacial (ROSSETTO, 2018).

Almeida (2019), define “Lixo espacial é qualquer objeto lançado no espaço orbital da Terra que não tenha mais utilidade, tais como satélites desativados, fragmentos de satélite ou de foguetes, e até mesmo instrumentos e ferramentas perdidos por astronautas durante missões espaciais”.

Esse lixo espacial, gera perigo para as naves espaciais tripuladas e para os satélites que estão ativos, mas, aparentemente gera pouco perigo para os habitantes da Terra, já que, esses objetos quando entram na rota de colisão com a Terra, tendem a ser queimados e destruídos pelo efeito da atmosfera terrestre. Entretanto, torna-se cada vez mais urgente a necessidade de pensar nesse problema de forma séria, vez que está aumentando cada vez mais os números de satélites artificiais que são lançados no espaço.

Os gastos para lançar um objeto ao espaço são elevadíssimos, dessa forma, ainda é inviável, financeiramente, aplicar algum método que tenha como finalidade ir ao espaço para recolher esses objetos (lixo espacial). Almeida (2018) acredita que a melhor forma de gerenciar esse problema, atualmente, é direcionar os satélites para as chamadas órbitas-cemitério, o que seria basicamente programar um satélite para seguir uma rota orbital distante da Terra, assim que seu tempo útil se esgote.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscou-se trazer à luz as contradições de cada um dos tópicos abordados: Uso de agrotóxicos nas plantações, Desmatamento amazônico, Poluição dos rios, Poluição do ar, Poluição do céu.

Resta evidente o quanto é incoerente o uso exagerado dos agrotóxicos em nossa agricultura, pois, ao mesmo tempo em que protege as plantações das pragas, gera resultados preocupantes na saúde da população, neste sentido, não é aceitável que essa prática continue. Sendo urgente a necessidade de alguma regulamentação mais rigorosa, buscando limitar o uso dos agrotóxicos nas plantações.

É inquestionável a importância da floresta amazônica para todo o Brasil, em especial para a cidade de São Paulo, vez que boa parte das chuvas são oriundas da floresta amazônica. Desse modo, desmatar a Amazônia é muito mais que uma contradição humana, é um crime ambiental, é um crime contra a própria humanidade.

O descarte de resíduos sólidos e líquidos no leito dos rios, por meio dos canais de esgotos, beira a sandice, pois a água doce, conforme Pena nos alerta, é em porcentagem muito pequena, apenas 2,5% de toda a água do planeta, e levando em consideração que a água é imprescindível para a existência humana, logo, é um contrassenso evidente quando identificamos a ausência dos cuidados necessários para com esse recurso natural.

Também é sabido que os automóveis geram conforto aos seus proprietários, entretanto, esse conforto é apenas sobre o deslocamento. Um dos subprodutos desse conforto é a poluição do ar, resultando em muitas doenças respiratórias e um grave desconforto à saúde. Dessa forma, os humanos trocam a saúde do corpo por um conforto passageiro, deixando claro mais uma contradição.

Quanto ao céu, as pesquisas no campo da astronomia/astrofísica, vem gerando uma quantidade gigantesca de lixo espacial, não sendo possível mais adiar a busca para solucionar esse problema, que embora possa não parecer grave, já que não é visto a olho nu, é uma poluição tão real quanto a poluição dos rios, da atmosfera e das plantações. Estamos criando uma barreira de lixo espacial em volta de nós mesmos, em breve, não conseguiremos mais sair da Terra para tentar colonizar outros locais na imensidão do cosmos.

---

Este artigo não esgota os assuntos dos temas abordados, não tem essa pretensão, porém, espere-se que a leitura desse documento provoque no leitor não somente conscientização, mas também atitudes mais responsáveis e coerentes. E para encerrar, fiquemos com o texto “**Pálido Ponto Azul**” de Carl Sagan (2019):

“A espaçonave estava bem longe de casa. Eu pensei que seria uma boa ideia, logo depois de Saturno, fazer ela dar uma última olhada em direção de casa. De saturno, a Terra apareceria muito pequena para a Voyager apanhar qualquer detalhe, nosso planeta seria apenas um ponto de luz, um “pixel” solitário, dificilmente distinguível de muitos outros pontos de luz que a Voyager avistaria: Planetas vizinhos, sóis distantes. Mas justamente por causa dessa imprecisão de nosso mundo assim revelado valeria a pena ter tal fotografia.

Já havia sido bem entendido por cientistas e filósofos da antiguidade clássica, que a Terra era um mero ponto de luz em um vasto cosmos circundante, mas ninguém jamais a tinha visto assim. Aqui estava nossa primeira chance, e talvez a nossa última nas próximas décadas.

Então, aqui está – um mosaico quadriculado estendido em cima dos planetas, e um fundo pontilhado de estrelas distantes. Por causa do reflexo da luz do sol na espaçonave, a Terra parece estar apoiada em um raio de sol. Como se houvesse alguma importância especial para esse pequeno mundo, mas é apenas um acidente de geometria e ótica. Não há nenhum sinal de humanos nessa foto. Nem nossas modificações da superfície da Terra, nem nossas máquinas, nem nós mesmos. Desse ponto de vista, nossa obsessão com nacionalismo não aparece em evidência. Nós somos muito pequenos. Na escala dos mundos, **humanos são irrelevantes**, uma fina película de vida num obscuro e solitário torrão de rocha e metal.

Considere novamente esse ponto. É aqui. É nosso lar. Somos nós. Nele, todos que você ama, todos que você conhece, todos de quem você já ouviu falar, todo ser humano que já existiu, viveram suas vidas. A totalidade de nossas alegrias e sofrimentos, milhares de religiões, ideologias e doutrinas econômicas, cada caçador e saqueador, cada herói e covarde, cada criador e destruidor da civilização, cada rei e plebeu, cada casal apaixonado, cada mãe e pai, cada criança esperançosas, inventores e exploradores, cada educador, cada político corrupto, cada “superstar”, cada “lídere supremo”, cada santo e pecador na história da nossa espécie viveu ali, em um grão de poeira suspenso em um raio de sol.

A Terra é um palco muito pequeno em uma imensa arena cósmica. Pense nas infindáveis crueldades infringidas pelos habitantes de um canto desse pixel, nos quase imperceptíveis habitantes de um outro canto, o quão frequentemente seus mal-entendidos, o quanto sua ânsia por se matarem, e o quão fervorosamente eles se odeiam. Pense nos rios de sangue derramados por todos aqueles generais e imperadores, para que, em sua glória e triunfo, eles pudessem se tornar os mestres momentâneos de uma fração de um ponto. Nossas atitudes, nossa imaginaria auto-importância, a ilusão de que temos uma posição privilegiada no Universo, é desafiada por esse pálido ponto de luz.

Nosso planeta é um espécime solitário na grande e envolvente escuridão cósmica. Na nossa obscuridade, em toda essa vastidão, não há nenhum indício que **ajuda possa vir de outro lugar para nos salvar de nós mesmos**. A Terra é o único mundo conhecido até hoje que alberga a vida. Não há outro, pelo menos no futuro próximo, no qual nossa espécie possa imigrar. Visitar pode, assentar-se, ainda não. Goste ou não, por enquanto, a Terra é onde temos de ficar.

Foi dito que a astronomia é uma experiência que traz humildade e constrói o caráter. Talvez, não haja melhor demonstração das tolices e vaidades humanas que essa imagem distante do nosso miúdo mundo. Ela enfatiza nossa responsabilidade de tratarmos melhor uns aos outros, e de preservar e estimar o único lar que nós conhecemos... **o pálido ponto azul.**”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. R. **Lixo Espacial**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/lixo-espacial.htm>. Acesso em 20 de junho de 2021.

BARROS, A. T., FARIAS, F. L. B., SILVA, E. J. A., SILVA, M. J. **Percepção Ambiental sobre poluição dos rios: impactos ambientais e saúde pública**. Paraíba, 2020. Disponível em: < <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/65031> >. Acesso em 26 de junho de 2021.

BRASIL. **Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE)**. Disponível em: <[www.inpe.br](http://www.inpe.br)>. Acesso em 02 de junho de 2021.

BRASIL. (1990). **Resolução CONAMA nº 3**, de 28 de junho de 1990. Dispõe sobre padrões de qualidade do ar, previstos no PRONAR. Brasília: CONAMA. Disponível em: <<http://www2.mma.gov.br/port/conama/res/res90/res0390.html>>. Acesso em 01 de junho de 2020.

CLEMENT, R. C., HIGUCHI, N. **A Floresta Amazônica e o Futuro do Brasil**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo>>. Acesso em 01 de junho de 2021.

DINIZ, M. **Veneno Invisível**. São Paulo, 2020. Disponível em <https://www.uol/estilo/especiais/veneno-invisivel>. Acesso em 25 de maio de 2021.

GOMES, N. S. F., NOGUEIRA, C. G. M., ALMEIDA, F. C. M. **Evitando a poluição do rio piacó em Pombal**. Paraíba, 2016. Disponível em: <<https://www.gvaa.com.br/revista>>. Acesso em 27 de junho de 2021.

MARENGO, J. **Fenômeno dos rios voadores**. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://riosvoadores.com.br/o-projeto/fenomeno-dos-rios-voadores>>. Acesso em 02 de junho de 2021.

OLIVEIRA, T. S., SOUSA, C. A. A., OLIVEIRA, J. L. S. **Poluição Atmosférica: Impactos no Meio Ambiente e na Saúde Humana**. Paraná, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo>>. Acesso em 18 de junho de 2021.

PENA, R. F. A. **A distribuição da água no mundo**. São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/a-distribuicao-agua-no-mundo.htm>>. Acesso em 28 de junho de 2021.

POUEY, J. F. F. **Construção civil e meio ambiente: o homem versus necessidades básicas e suas contradições**. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.revistaea.org/artigo>>. Acesso em 25 de junho de 2021.

ROSSETTO, E. A. S. **Lixo espacial e seu monitoramento**. Rio de Janeiro, 2018. São Paulo. **A Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (CETESB)**. Disponível em: <[www.cetesb.sp.gov.br](http://www.cetesb.sp.gov.br)>. Acesso em 01 de junho de 2021.

SAGAN, C. **Pálido Ponto Azul**. Tradução de Rosaura Eichenberg. 2ª ed. São Paulo: Editora Companhia das letras, 2019.

SANTOS, J. W., CELSO, I. A., RAMOS, L., COSTA, S. M. B. **Logística da distribuição de Energia Elétrica no Brasil**. 2014. Artigo – Faculdades Metropolitanas Unidas. São Paulo, 2014. Disponível em: <[wiltonusp-blogwilton.blogspot.com.br](http://wiltonusp-blogwilton.blogspot.com.br)>. Acesso em 20 de junho de 2021.

TORDIN, C. **Rios Voadores**. Amazonas, 2018. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/32923145/rios-voadores-e-floresta-amazonica-influenciam-nas-chuvas-de-boa-parte-do-territorio-nacional>>. Acesso em 03 de junho de 2021.

TORRES, L. M., PINHEIRO, C. D. P. S., AZEVEDO, S. D., RODRIGUES, P. R. S., SANDIM, D. P. R. Poluição atmosférica em cidades brasileiras: uma breve revisão dos impactos na saúde pública e meio ambiente. **Natureae**, v.2, n.1, p.23-33, 2020.



#### **EMILY REIS RODRIGUES**

Pesquisadora e Estudante. Nasceu em 12 de fevereiro na cidade de São Paulo/SP (Bairro Itaim Paulista), tem 11 anos e está cursando o 6º Ano na E.M.E.F Armando Cridey Righetti. Adora ler e desenhar. Costuma ajudar os colegas de escola em suas disciplinas preferidas: Ciências e Matemática. Atualmente faz parte da direção do Grêmio Estudantil de sua escola. Sonha ser Médica ou Design de Moda.

E-mail: [emilyrrodrigues.12022010@edu.sme.prefeitura.sp.gov.br](mailto:emilyrrodrigues.12022010@edu.sme.prefeitura.sp.gov.br)



#### **ISABELLA SILVA PEDROSO**

Pesquisadora e Estudante. Nasceu em 11 de abril na cidade de São Paulo/SP (Bairro Itaim Paulista), tem 12 anos e está cursando o 6º Ano na E.M.E.F Armando Cridey Righetti. Gosta de estudar e de ajudar os colegas de escola. Suas disciplinas preferidas são: Ciências, Matemática e Geografia. Atualmente faz parte da direção do Grêmio Estudantil de sua escola. Sonha ser Advogada ou Arqueóloga.

E-mail: [isabellaspdrso.11042009@edu.sme.prefeitura.sp.gov.br](mailto:isabellaspdrso.11042009@edu.sme.prefeitura.sp.gov.br)



#### **JOSÉ WILTON DOS SANTOS**

Professor, Engenheiro, Cientista e Poeta. Nasceu em 12 de fevereiro na cidade de Arapiraca/AL. Cursando atualmente Mestrado em Matemática pela Universidade Federal do ABC. Possui Graduação em Ciências da Natureza pela USP (2012), Engenharia Civil pela FMU (2018) e Pedagogia pela FAEP (2021). Cursos Aperfeiçoamento em Astronomia e Astrofísica pelo IAG/USP (2013). Professor de Matemática (convitado) na Instituição de ensino Passe Bem Concursos e Professor de Ciências na Prefeitura Municipal de São Paulo, desde 2018.

Link: <http://lattes.cnpq.br/9994460191635628>

E-mail: [josew@sme.prefeitura.sp.gov.br](mailto:josew@sme.prefeitura.sp.gov.br)



## CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS E A RELAÇÃO COM AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS

MANUEL FRANCISCO NETO

**RESUMO:** O atual artigo, pretende-se levar a ideia sobre como as consequências psicossociais das famílias e dos professores influenciam de maneira negativa nas dificuldades de aprendizagem dos alunos. O estudo identifica-se com a pesquisa bibliográfica, já que se consultaram diferentes livros, trabalho de investigação tutelado, artigos, textos de apoio, palestra e outros documentos que forneceram informações úteis para esta pesquisa. As consequências psicossociais se imbuem em dois âmbitos. O primeiro das famílias e o segundo dos professores. Portanto, as consequências psicossociais das famílias influenciam de maneira negativa nas aprendizagens dos alunos, suscitando a falta de acompanhamento das famílias na vida escolar dos filhos, assim como a falta de afetividade e por vezes a falta de meios financeiros para adquirir os recursos didáticos de seus educandos. Assim como, também as consequências psicossociais dos professores que afetam os conhecimentos dos alunos, que se circunscrevem com a baixa autorrealização e o abuso psicológico do professor. Porém, tanto as famílias como os professores devem se esforçar para melhorar os seus comportamentos e atitudes nos quefazeres educativos de seus educandos, visando o bem plácido social.

**Palavras-chave:** Alunos. Famílias. Comportamento. Educação. Professores. Práticas educacionais.

### INTRODUÇÃO

As consequências psicossociais das famílias e dos professores são assuntos atuais e pertinentes que se caracterizam por um leque de aspetos tais como: a falta de amabilidade, que têm a ver com a ausência do fôlego, assim como a inexistência do calor humano; com a falta de diálogo, o não acompanhamento da vida escolar de seus filhos. Assim mesmo, alguns pais manifestam indisciplina familiar quando discutem diante dos filhos.

Várias famílias não têm tato psicológico, ralam, dirigem-se sem maneiras e sem educação perante os filhos, não têm caráter nem postura cívica, exacerbam o abuso psicológico e aparentam falta de recursos financeiros na aquisição dos materiais escolares dos seus petizes, entre outras.

As consequências da baixa autorrealização dos professores, diante das aprendizagens dos alunos, ocorrem através dos desfalques de vários professores, quando não querem mais se superar academicamente nem profissionalmente, devido que se acham já supersábios. Alguns dos mesmos rotulam os alunos, menosprezando-os psicossocialmente. Resulta que muitos dos mesmos nem deveriam estar a lecionar devido não possuírem status pedagógicos, alguns são agressivos, pois que sancionam os alunos nas salas de aulas. No entanto, muitos dos mesmos não possuem valores humanísticos, nem virtuosos, já que herdaram essas más maneiras de seus progenitores e ou tutores.

### TEIMOSIA E ZANGA DAS FAMÍLIAS

A teimosia e a zanga circunscrevem-se como dois efeitos psicossociais que tem a ver com a postura interna natural e social das quais as crianças por vezes adquirem dos pais, das famílias, enfim.

Partindo deste pressuposto, a teimosia e a zanga são compulsões que abrangem a revolta, a impulsão, as mudanças de comportamento, intolerância, entre outros. Denota-se mais frequentes nos rapazes do que nas raparigas, também pode-se apresentar a desatenção sem hiperatividade. Neste caso, se constata todos os indícios de antecedentes, exceptos a hiperatividade e impulsividade, pelo que afeta a baixo nível os vínculos sociais (Ruiz, 2000).

Neste sentido, os pais destes infantis e ou adolescentes sentem-se muito arruinados ao verificar estas inquietações nos seus filhos, das quais tendem a prejudicar e influenciar de forma negativa a vida escolar dos mesmos.

---

Conforme Neto (2008) torna-se difícil sempre pôr um travão perante a criança, a teimosia é uma ação espontânea em muitos seres humanos. Por vezes a pessoa obteve a teimosia por influência do habitat em que o mesmo vive. Uma pessoa teimosa esta imbuída de hábitos e condutas nefastas e espírito de deixa andar diante das atividades escolares, caseiras, entre outras.

Significa dizer que a família deve ser muito cautelosa quando se depara no seu seio, filhos com esta fissura de atitudes pois que traz comportamentos rebeldes, de inconformismos, indiferentes, ante muitas situações educativas.

### **INDISCIPLINA DAS FAMÍLIAS**

Segundo Marchesi (2003, citado por Feltrin, 2004, p. 123) a indisciplina dos filhos no seio familiar na opinião dos pais, é devido em grande medida por culpa dos ensinadores, já que estes não lecionam bem as aulas, assim como também os educandos não se preocupam pelos estudos.

Quer dizer que os pais quase sempre atiram a culpa aos docentes pela não aprendizagem de seus filhos nas salas de aulas. E isso nem sempre corresponde com a veracidade, já que possa ser que a indisciplina dos filhos pode vir a partir de casa, isto é, as desavenças que ocorrem no âmbito familiar ocasiona precalços psicológicos no infantil.

A indisciplina das famílias é um assunto que deve ser resolvido com a presença dos pais e os estabelecimentos escolares, de maneira que este conflito seja sarado (Reis, 2010).

Compreende-se que o problema da indisciplina das famílias veicula uma melhor atenção dos pais diante das vidas escolares dos filhos, de forma que os filhos não levem para escola este imbróglio familiar.

### **FALTA DE AFETIVIDADE E DE CARÁTER DAS FAMÍLIAS**

Neto (2008) afirma que provavelmente os pais na atualidade indicam várias situações tais como a falta de afeto, de amor, de compaixão, diante de seus educandos, tendo como uma das causas mais prementes a ausência ou a inconstância dos mesmos na vida educativa e escolar do filho. A educação dos pais ante os filhos é um processo social que deve ser preservado e materializado. Muitos pais se levantam cedo para irem ao local de serviço e só regressam à casa ao pôr do sol.

Todavia, o mesmo autor pontualiza que a emancipação das mães, em grande medida, trabalham fora de casa de forma a auxiliar aos esposos. Nesta mesma senda, vários pais só se deparam com os filhos no fim de semana, já que os pais somente têm tempo neste período. E como é visto, ocorre algum vazio na educação dos educandos, pois que, nota-se a falta integral de algumas ferramentas psicológicas e humanistas, tais como: a falta de partilha, do altruísmo, da carícia, da paixão, do sentimento, da bondade, entre outras.

### **ABUSO PSICOLÓGICO DAS FAMÍLIAS**

Para Garbarino, Guttman e Seeley (1986) os abusos psicológicos na criança são provenientes da família que através de suas ações incoerentes fazem com que o infantil se torne violentos.

Quer dizer que os pais, os adultos entre outros são os que introduzem os maus hábitos na criança, seja através dos maus-tratos morais.

Conforme Marchesi (2006) os discentes com retrocessos nos seus estudos, até certo ponto podem trazer desânimos para os seus educadores, devido a mansidão das suas aprendizagens. Pois que os alunos destronados psicologicamente implicam muito trabalho por parte dos professores, assim como dos pais.

Necessita-se de muita paciência por parte dos docentes que ensinam as crianças escolares com deficiência mental já que estas requerem mais atenção primordial e acutilante.

### **FALTA DE RECURSOS PEDAGÓGICOS DAS FAMÍLIAS**

Neto (2008) refere que há famílias com certas emoções negativas muito exageradas, cujas causas são subjetivas ou objetivas por um lado e por outras possuidoras de salários paupérrimos, com falta de certas necessidades básicas no lar e isso suscita por vezes mudanças de atitudes e de comportamentos severos, diante dos filhos.

---

Ainda, o mesmo autor frisa que existem famílias que se furtam de comprar materiais didáticos para os seus filhos, alguns por possuírem poucos recursos monetários, mas existem outros que é devido a certo desprimor perante os seus filhos que estão a estudar e pautam pela ignorância dos educandos ante o acompanhamento da sua vida escolar.

Numa outra perspectiva Marchesi (2006) refere que as deficiências nas assimilações dos saberes, suscitam desânimos nos docentes, talvez pela letargia do sucesso em aprender, pois que os discentes que não aprendem, por vezes, impedem aos ademais de aprenderem.

Significa que o professor que transmite os conhecimentos aos diversos aprendizes não deve aborrecer-se, pois que deve manter a calma e trabalhar individualmente com os mais difíceis, de forma a haver um certo equilíbrio entre os alunos.

## **CONSEQUÊNCIAS PSICOSSOCIAIS NO PROFESSOR**

As consequências psicossociais no docente, abrangem os déficits psicológicos tais como a falta de empatia, a falta de bondade, o baixo autoconhecimento de superação, enfim.

## **FALTA DE AFETIVIDADE E DE CARÁTER DO PROFESSOR**

Segundo Álvarez, Cases, Colén, Salamanca, CPR, Forfoleda, Cra, Flor et al (2001) o docente deve ter vocação para dar aulas, bom humor e compaixão.

Quer dizer que o professor como possuidor de valores e de virtudes deve saber se colocar no lugar do aluno, para poder ensinar bem.

Numa outra índole, e de acordo com Chaves (2017) na atualidade existe um certo afastamento da afetividade dos professores, perante os discentes.

Significa afirmar que neste instante existe um determinado abandono por parte dos docentes ante ao afeto diante dos alunos.

Para Neto (2008) provavelmente hajam docentes que não possuem uma educação de berço, isto é não têm uma educação moral e cívica, pois lhe faltam a calma, a carência da orientação vocacional e educacional.

## **BAIXA AUTORREALIZAÇÃO DO PROFESSOR**

Conforme Neto (2008) provavelmente que há docentes com uma baixa autorrealização, uns por não quererem mais estudar e outros por falta de oportunidades. Tais docentes com estas peculiaridades fazem sofrer os discentes, por razões desmotivadoras, já que os mesmos necessitam de aperfeiçoamentos psicopedagógicos.

Segundo Marchesi (2006) a ausência de liberdade e de falta de competência é um dos motivos fulcrais que corrói o professor quando este se dedica somente a transmissão dos conhecimentos receptivos vinculados à escola velha.

Entende-se que é necessário que o professor se verse em princípios democráticos, no qual tenha em consideração a participação do aluno em todos os momentos da aula, já que o educando também tem sempre uma opinião a dar no decorrer da aula.

## **ABUSO PSICOLÓGICO DO PROFESSOR**

Na óptica de Neto (2008) alguns docentes em ocasiões recalcam o abuso psicológico através de seus entes queridos, sejam eles pais/encarregados de educação e ou professores. Ainda assim, isso deve-se também quando um certo professor foi batido na infância e ou na adolescência em casa ou na no estabelecimento escolar, mais cedo ou mais tarde, o mesmo poderá repetir estas ações de violências aos seus filhos (alunos). Caso que isso ocorra, isso não é pretexto ou desculpa de que o docente deve castigar aos seus alunos. Pois o professor deve ser um mero educador com um pendor de autocontrole.

Todavia, o referido autor, enfatiza alguns exemplos deste episódio contraproducente da escola antiga na qual alguns docentes atuam nefastamente na mente dos seus alunos, quando estes gritam, rotulam, se embirram, chamando nomes aberrantes tais como: "tu és um burro; sai daqui; vai lá sentar; nunca mais aprendes; desaparece da minha frente". Estas rotulações não devem ser expressadas aos alunos pois que pejora aos mesmos nas suas aprendizagens.

Em outra versão Souza (2003) enfatiza que o professor deve conter boas atitudes, bons valores e virtudes adequadas de maneira que os alunos sejam influenciados por estas magníficas ações. O docente eufórico, não pode e nem deve incitar a fúria aos educandos.

Pelo inverso, o ensinador deve alinhar-se como um mediador e ensinar o autodomínio e a autovalorização nos educandos, abrindo-lhes chances para que a afetividade seja uma realidade, no seio dos aprendizes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, as consequências psicossociais das famílias, contemplam a teimosia e a zanga que tem a ver com o desânimo, falta de paciência, gritaria exuberante, atitudes negativas, violência no agir, entre outros. Neste sentido, há famílias que suscitam os filhos queixosos, mal-humorados, irônicos, coléricos, conflituosos, cínicos, cépticos, barulhentos, entre outros. Há famílias que sobretudo assolam as discussões entre si na presença dos filhos, tais ações podem influenciar nos educandos para que estes levam os maus sinais de educação na escola. Entretanto, outras consequências das famílias tem a ver com a falta de amor, o rechaço, a falta de partilha, o egoísmo, a falta de empatia e de afeto, enfim. Assim como agressividade e a hostilidade, a falta de relação amigável entre pais e filhos, tal como o espírito de deixa andar e de irresponsabilidade por parte de vários pais.

As consequências psicossociais dos professores, se cingem na falta de afetividade e de caráter, dos quais têm a ver com a falta de paixão, ausência de boas emoções e de ótimas intuições, a falta de cortesia, a falta de afeto, a falta de humanismo, entre outros. Ainda assim, há professores que apresentam falta de vontade em querer se superar profissionalmente. Da mesma maneira existem docentes que postulam posições de agressividade, de intolerância, já que recalcam do passado, más atitudes e comportamentos nefastos oriundos de seus progenitores e ou de seus professores.

É imperioso, que tanto as famílias como os professores deixem de praticar estas más ações psicológicas, porque só trazem malefícios sociais para os educandos em particular e para a sociedade no geral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁLVARIZ, A. A., CASES, I., COLÉN, M. T., SALAMANCA, CPR, DE, FORFOLEDA, CRA, DE, FLOR, J. I. et al. La formación del profesorado. Proyectos de formación en centros educativos. Caracas: Grao, 2001.
- CHAVES, M. B. **A afetividade professor - aluno: uma prática importante no processo de ensino e aprendizagem.** Trabalho de Conclusão de Curso. Tabatinga: Universidade do Estado do Amazonas, 2017.
- FELTRIN, A. E. **Inclusão social na escola.** São Paulo: Paulinas, 2004.
- GARBARINO, J. GUTTMANN, E., E SEELEY, J. W. **Criança maltratada psicologicamente.** São Francisco: Editores Jossey-Bass, 1986. Disponível em: <https://www.ojp.gov/ncjrs/virtual-library/abstracts/psychologically-battered-child>. Acesso em: 17 set. 2021.
- MARCHESI, A. **?Que será de nosotros, los malos alumnos?** Madrid: Alianza, 2006.
- NETO, M. F. **Problemas de aprendizagem. Comunicação nas XI jornadas científicas da Universidade Jean Piaget de Angola.** Luanda: Universidade Jean Piaget de Angola. (Por publicar), 2008.
- REIS, F. F. DOS. **Indisciplina ou falta de limite familiar.** Itambé: Universidade Federal do Paraná-Escola de Gestores, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/68414/E%20-%20FRANCINILDA%20FRANCO%20DOS%20REIS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 set. 2021.
- RUIZ, A. **Psicologia do casal e da família.** São Paulo: Paulinas, 2000.
- SOUZA, C. D. M. DE. **Psicologia da aprendizagem.** Petrópolis: Vozes, 2003.



### MANUEL FRANCISCO NETO

Doutor em Psicologia Social pela Universidade John Kennedy (UK), Buenos Aires - Argentina. Mestre em Ciências Pedagógicas, opção Pedagogia e Psicologia pelo Instituto Pedagógico Superior do Estado de Moscovo - Rússia. Professor Auxiliar do Instituto Superior de Ciências da Educação - Luanda (ISCED) - Angola.

## AS APRENDIZAGENS E A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MARIA APARECIDA DA SILVA ROCHA

**RESUMO:** Nesta pesquisa buscou-se tecer o acolhimento das crianças com necessidades especiais de aprendizagem ao investigar o histórico de crianças com dificuldades neste sentido, sendo elas portadoras de necessidades especiais. Aqui é apresentado o brincar como forma de aprendizagem, uma vez que a brincadeira se mostra um aporte para todas as crianças com dificuldades cognitivas. As particularidades que envolvem cada criança geram um desafio adicional para as escolas e psicoterapeutas, pois muitas vezes os cursos de graduação e especialização dos professores não lhes dão formação específica para a inclusão. Vivenciamos um momento em que amplamente debatemos a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, principalmente na rede regular de ensino. A legislação é explícita quanto à obrigatoriedade em acolher e matricular todos os alunos, independentemente de suas necessidades ou diferenças. Diante desta obrigatoriedade, muitas questões emergem principalmente relacionados à família e à escola. Entretanto, deve-se pensar que só o acolhimento não seja suficiente, mas que a criança com necessidades educacionais especiais tenha condições efetivas de aprendizagem e desenvolvimento de suas potencialidades dentro da Educação Infantil. Refletindo sobre tal problemática, se considera discutir sobre o processo de inclusão como um aspecto que foca nas aprendizagens e os acompanhamentos das famílias.

**Palavras-chave:** Educação Inclusiva. Brincadeiras. Espaços. Materiais.

### INTRODUÇÃO

A inclusão é um tema muito discutido em todas as unidades escolares, alguns ainda acham difícil de ser realizada nas condições atuais das escolas. Porém existe uma legislação que garante a inclusão de crianças especiais em todos os níveis de ensino. Quando se pensa no processo de inclusão isso se torna ainda mais desafiador, mas alguns educadores vêm se mostrando mais flexíveis e acolhedores para as crianças com necessidades especiais.

Ao trazer este tema para debate, tem-se como objetivo desencadear reflexões sobre a inclusão real e como a aprendizagem ocorre para os alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) ou aqueles que apresentam dificuldades nas aprendizagens que estão na Educação Infantil. Trata-se também de como o Currículo pode ser adaptado para estas crianças. É fato que a presente pesquisa pode justificar-se pela importância da educação inclusiva na formação e desenvolvimento de crianças portadoras de necessidades especiais de aprendizagem e como esta pode ser amparada pelas conquistas de novas experiências em seus espaços terapêuticos.

Pensar em como atender tanto crianças com necessidades especiais quanto as crianças com dificuldades de aprendizagem na escola e nos espaços terapêuticos exige entender como ocorre o desenvolvimento e as interações destas crianças. NOTBOHM (2005) chama a atenção para o auxílio necessário e fundamental nas interações sociais destas crianças. Estruturar e definir o começo e o fim das atividades pedagógicas pode contribuir para a participação da criança, uma vez que expressões faciais, emoções e linguagem corporal são, em sua maioria, mais complicadas para a criança entender. Vale ressaltar dois aspectos para que esta adaptação e aprendizagem sejam pontuais e eficazes: conhecer o diagnóstico e realizar adaptações curriculares e parcerias para que o desenvolvimento entre nesta rede de apoio. Muitas escolas são acolhedoras, mas uma inclusão de qualidade, projeto pedagógico bem elaborado e profissionais qualificados ainda caracterizam uma busca constante para a gestão e docência.

### AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E A INCLUSÃO

As crianças muitas vezes têm dificuldade em aprender de maneira tradicional. É preciso entender que as crianças aprendem de maneira diferente e podem precisar de apoio extra em áreas específicas que o educador pode auxiliar como:

- 
- **Compreensão:** algumas crianças têm dificuldades na compreensão, organização e planejamento da linguagem. Pode ser um desafio entender o que está acontecendo em uma história;
  - **Perspectiva:** uma criança com dificuldade de aprendizagem pode não entender como funcionam os pensamentos e sentimentos dos outros, e não entender a motivação dos personagens nos livros, por exemplo;
  - **Atenção:** em alguns momentos, a criança com necessidades especiais ou com dificuldades na aprendizagem sentem dificuldades em manter o foco e a atenção na história, além de sentirem dificuldade em compreender a história geral às vezes.

Existem técnicas de aprendizagem específicas que podem ser realizadas e que ajudam nesse processo de aprendizagem. Entre elas está a metodologia fônica, ou seja, primeiro são ensinados os sons de cada letra até chegar à pronúncia da palavra e permite que a criança consiga ler. Destacar o som das letras pode tornar o processo de aprendizagem mais simples e efetivo. Há muitas habilidades iniciais de terapias e brincadeiras que são essenciais para as crianças desenvolverem a adaptação. Entre elas destacam-se a conversa; o conhecimento de uma variedade de palavras; compreensão de histórias e a inclusão integrada com a família.

Para conseguir ler e escrever, a criança precisa conhecer o maior número de palavras possível para facilitar a aprendizagem. Também necessita compreender histórias e entender que as letras compõem as palavras, lidas da esquerda para a direita. Além disso, precisam compreender que as palavras podem ser divididas em sílabas e sons menores e que as letras correspondem a certos sons. Por outro lado, a escola deve promover habilidades de integração da família, incluindo na rotina sempre que possível algumas atividades que estimulem a adaptação e colham informações sobre a criança que possam ajudar nesse processo.

Segundo Kishimoto (1993), nas instituições de educação infantil, o trabalho aponta a ampla gama de possibilidades que as brincadeiras trazem para o desenvolvimento dos processos de ensinar e aprender, e revelam os espaços e tempos destinados pelos professores e pelas escolas às atividades lúdicas cotidianamente. Dessa forma, produzem a reflexão sobre o brincar, compreendendo-o como atividade fundamental da infância que possui um papel primordial no seu desenvolvimento, uma vez que está na gênese do pensamento e, portanto, implica a possibilidade de criar e transformar o mundo.

As brincadeiras tradicionais que encantam e fazem parte do cotidiano de várias gerações de crianças estão desaparecendo na atualidade devida às transformações do ambiente urbano, da influência da televisão e dos jogos eletrônicos. Pesquisas atuais mostram a importância de resgatar as brincadeiras tradicionais na educação e na socialização da infância, pois brincando e jogando a criança estabelece vínculos sociais, ajusta-se ao grupo e aceita a participação de outras crianças com os mesmos direitos, obedece às regras traçadas pelo grupo, aprende a ganhar e aceitar as perdas, cultiva a fantasia, vivencia a amizade e a solidariedade, desenvolve a atenção, equilíbrio e a coordenação motora.

Tal dinâmica facilita muito sua aprendizagem, em todas as experiências que a criança possa vivenciar e ajuda a formar pessoas mais solidárias. Mostrar os benefícios que as brincadeiras no espaço terapêutico trazem ao desenvolvimento infantil, tanto emocional como cognitivo, abre espaço para todos os tipos de brincadeiras dentro da escola, já que esta faz parte da cultura das crianças, e permite que as vivências constituam em experiências vivas, agradáveis e enriquecedoras no ambiente da Educação Infantil.

Segundo FRIEDMANN (1996, p.18) o que acontece no decorrer de uma atividade lúdica depende, sobretudo, das ações da criança num tempo e espaço determinados, com ou sem parceiros, com ou sem objetos de brincar. A aprendizagem da criança vive em constante mudança, mas o prazer de brincar não muda. Não basta brincar por brincar, este ato precisa ter objetivos específicos e um projeto a ser desenvolvido. O autor relata ainda que a prática de brincar não seja somente física e motora, mas intelectual, trabalhando constantemente com o ato de raciocinar. A brincadeira tem que ser espontânea e ao mesmo tempo regulamentada.

A brincadeira infantil em seu conteúdo imaginário e narrativo parece se enriquecer grandemente com suportes variados e coerentes colocados à sua disposição, sendo preciso distingui-los em dois níveis de acessórios. De um lado, trata-se da brincadeira de papéis: a criança, com a ajuda de seu corpo, desempenha um papel. Do outro, o brincar é mais do que um instrumento de brincadeira, ele traz para a criança não só um meio de brincar, mas também imagens, representações, universos imaginários. Ele estrutura o conteúdo da brincadeira sem, no entanto, limitar a criança, muitas vezes induzida a tomar grandes liberdades (BROUGÈRE, 1995, p. 83).

---

As brincadeiras infantis revelam um conteúdo riquíssimo que pode ser usado para estimular o aprendizado. É o contexto social que determina quais serão as brincadeiras e o modo como elas serão realizadas. Segundo BROUGÈRE (1995) os pequenos se baseiam na realidade imediata para criar um universo alternativo, que ele batizou de “segundo grau” e no qual o faz de conta reina absoluto. Graças a um acordo entre os participantes, mesmo os muito pequenos, todos sabem que aquilo é de brincadeira. Assim, fica fácil decidir quando parar. Pelo mesmo motivo, um jogo não pode ser nem muito entediante nem muito desafiante ao ponto de provocar ansiedade.

A primeira característica é a que se refere ao faz de conta. Toda brincadeira começa com uma referência a algo que existe de verdade. Depois, essa realidade é transformada para ganhar outro significado. A criança assume um papel num mundo alternativo, onde as coisas não são de verdade, existe um acordo que diz não estamos brigando, mas fazendo de conta que estamos lutando. A segunda característica é a decisão. Como tudo se dá num universo que não existe ou com o qual só os jogadores estão de acordo que exista, no momento em que eles param de decidir, tudo para. É a combinação entre o “segundo grau” e a decisão que forma o núcleo essencial da brincadeira. A esses dois elementos, podemos acrescentar outros três.

Para começar, é preciso conhecer as regras e outras formas de organização do jogo. Além disso, o brincar tem um caráter frívolo, ou seja, é uma ação sem consequências ou com consequências minimizadas, justamente porque é “de brincadeira”. Por fim, o brincar tem de se desenvolver em aberto, com possibilidades variadas. Quando todos sabem quem vai ganhar, deixa de ser um jogo e nesse ponto é o contrário de uma peça de teatro, que também é “de brincadeira”, mas que sabemos como acaba. Tendo tudo isso posto, pretende-se apresentar brincadeiras e jogos que podem ser usados nos espaços terapêuticos como forma de aprendizagem.

## **A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA**

Se pensarmos que as brincadeiras e jogos desenvolvem a criatividade, atenção, raciocínio lógico e lateralidade, os educadores podem e devem aproveitar este benefício dos jogos e brincadeiras em atendimentos terapêuticos.

Segundo Souza (2005, p.12), Quando a criança brinca, ela externaliza muitas vezes as questões vivenciadas no dia a dia. Além de incentivar regras, pode-se usar os jogos e as brincadeiras na intervenção e aproveitar a oportunidade para criar momentos e espaços onde essas brincadeiras e jogos se transformem em situações problemas, em que a criança deverá solucioná-los de maneira que envolva a análise de suas ações.

Ao brincar, as crianças são desafiadas a situações novas ou incongruentes, construídas de diferentes formas, onde elas exploram e fazem encaminhamentos inovadores com diferentes parceiros, independente de elas terem ou não necessidades especiais específicas de aprendizagem. As brincadeiras também podem estimular as crianças a ocuparem e exercerem o controle sobre si mesmas, além de diferenciar e confrontar os adultos e a cultura do seu mundo. Preparar os espaços para estas crianças deve estar na prática do professor de Educação Infantil.

Inserir materiais como livros, materiais plásticos, instrumentos, objetos sonoros e um repertório musical deve fazer parte do cotidiano das crianças, assim como todo tipo de material de longo alcance como caixas, colheres, painéis e copos de modo a facilitar os jogos simbólicos também. Prever as interações entre as crianças e delas com os objetos, sem que uma atrapalhe a outra, ser acessível sem apresentar perigos, com os riscos controlados e o acesso a espaços e materiais sem constantes restrições por parte dos adultos é extremamente importante para não inibir as investidas espontâneas e corajosas das crianças.

Segundo Barbosa (2009, p.52), todas as formas de brincadeira aprendidas pelas crianças são enriquecidas com o trabalho feito no conjunto das experiências por elas vividas nas outras dimensões, como a linguagem verbal e a contagem de histórias, a dimensão das linguagens artísticas e dos saberes que a criança vai construindo enquanto pensa o mundo social e o mundo da natureza, e a dimensão do conhecimento de medidas, proporções, quantidades. Em muitos casos, as brincadeiras e jogos colaboram para a melhoria do desempenho desses pequenos pacientes. Ao observar uma criança brincando e jogando pode-se haver intervenções sutis ou diretas para esta perceber aos poucos que algumas de suas atitudes são inadequadas e desta forma construirá outros esquemas de ação, superiores aos adotados anteriormente.

Algumas intervenções surtem efeitos nas atitudes realizadas na vida real. Alguns comportamentos como atenção, equilíbrio e tomada de decisão são desenvolvidas através dos jogos, e depois tornam-se

---

evidente numa ação cotidiana. O brincar cria situações em que a criança libera suas emoções que, em outras situações, ela conseguiria esconder. Porém respeitar o tempo da criança e como ela interage e aprende se faz importante. Se anteciparmos, acelerarmos ou interrompermos, os aprendizados não se constituem. Hoje, isso é fato que uma organização intencional dos espaços terapêuticos são meios de ampliar determinados saberes e conhecimentos.

Podemos citar os jogos simbólicos, que muitos estudiosos defendem como parte importante para o desenvolvimento da criança. Para VYGOTSKY (1984) o jogo não se trata apenas de uma atividade frívola que se faz por prazer. Ao contrário, o jogo coloca desafios cognitivos dos mais importantes e pode ser entendido como espaços de construção da sua subjetividade e de conhecimento sobre o mundo. Assim também nos lembra BROUGÈRE (1995):

A criança não brinca numa ilha deserta. Ela brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas. Ela brinca com o que tem à mão e com o que tem na cabeça. Os brinquedos orientam a brincadeira, trazem-lhe matéria. Algumas pessoas são tentadas a dizer que eles a condicionam, mas, então, toda brincadeira está condicionada pelo meio ambiente. Só se pode brincar com o que se tem, e a criatividade, tal como a evocamos, permite justamente ultrapassar esse ambiente, sempre particular e limitado. O educador pode, portanto, construir um ambiente que estimule a brincadeira em função dos resultados desejados. Não se tem certeza de que a criança vá agir com esse material como desejaríamos, mas aumentamos, assim, as chances de que ela o faça; num universo sem certezas, só podemos trabalhar com probabilidades (BROUGÈRE, 1995, p.90).

Ao representar ações cotidianas, a criança traz para o espaço escolar momentos que podemos intervir e ajudá-la a resolver as dificuldades apresentadas. Também pode ser feito o emprego de jogos cognitivos, propondo a intersecção entre os conceitos de jogos, diversão e cognição. Desse modo, parte-se do reconhecimento da contribuição que os jogos oferecem ao desenvolvimento humano e coloca-se ênfase nos aspectos cognitivos. A cognição entendida nesse contexto como a aquisição, o armazenamento, a transformação e aplicação do conhecimento (MATLIN, 2004) envolve uma diversidade de processos mentais, a saber: memória, percepção, raciocínio, linguagem e resolução de problemas.

Os jogos de tabuleiro são objetos importantes nas ações nos consultórios terapêuticos, pois desenvolvem as potencialidades do raciocínio. Nesse sentido, as habilidades cognitivas podem ser entendidas como as capacidades que tornam o sujeito competente e lhe permite interagir simbolicamente com o meio. As habilidades cognitivas permitem, por exemplo, discriminar objetos, identificar e classificar conceitos, levantar problemas, aplicar regras e resolver problemas, e propiciam a construção e a estruturação contínua dos processos mentais (GATTI, 1997).

Por isso vimos a importância do brincar e do jogar na infância. Nas brincadeiras as crianças conseguem resolver questões que podem estar atrapalhando seu desenvolvimento cognitivo e emocional. O brincar nos espaços terapêuticos devem ser vistos, portanto, como base na qual as crianças desenvolvem o espírito construtivo, a imaginação, as faculdades de sistematizar emoções e abstrair e a capacidade de interagir e resolver questões que muitas vezes não estão aparentes, abrindo caminhos para um desenvolvimento integral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa, foi percebido que a Educação Infantil é o lugar onde as crianças vivenciam experiências significativas, a beleza das descobertas, das aprendizagens, das interações com o outro e com o mundo, a inserção ao mundo letrado. Além disso, é o lugar da infância, do respeito às multiplicidades e singularidades, e principalmente do respeito e consideração aos contextos sociais, históricos e culturais de cada um, configurando a existências de múltiplas infâncias e de várias formas de ser criança.

Expôs-se as dificuldades cognitivas para o desenvolvimento e aprendizagem e no relacionamento e interações das crianças nos espaços da escola, onde a utilização de estratégias pedagógicas específicas para crianças com dificuldades de aprendizagem e com necessidades especiais somente será possível com a família inserida no contexto escolar. Para que aprendizagem aconteça é preciso criar mecanismos para utilizar o conhecimento que a família possui, para isso é preciso ter definidos os objetivos e saber escolher quais as atividades mais adequadas às necessidades das crianças para que seu desenvolvimento aconteça. Os professores podem usar as brincadeiras nos espaços terapêuticos como atividades de interação para auxiliar as crianças em suas descobertas e aprendizagens. A discussão sobre a aprendizagem

---

na Educação Infantil ultrapassa o âmbito da educação especial, pois ao pensar uma escola para todos, questiona-se a própria constituição das interações nesse espaço e nas relações da sociedade como um todo.

É preciso oportunizar que todas as crianças participem da experiência que incentive a aprendizagem e, se preciso for, mudar a rotina de modo a proporcionar a participação e inclusão de todos dentro e fora dos muros da escola. Aos educadores, atribui-se a tarefa de empreender tentativas e gradativamente ir oferecendo experiências que as crianças gostem e possibilitem a elas escolher vivências, e que as outras crianças convidem para participar das atividades planejadas nos espaços de convivência. Os espaços podem e devem ser desafiadores, estimuladores, acolhedores, que despertem o interesse, participação, proporcionando o brincar, criar, imaginar, construir suas brincadeiras, permitindo a produção de conhecimento durante a brincadeira, para que a criança supere seus limites e construa suas potencialidades, desenvolvendo diferentes áreas de conhecimento de forma cognitiva e motora.

Olhar atento à criança se torna fundamental no acompanhamento da aprendizagem para que ocorram as interações, mesmo que ainda não interfira, a não ser quando solicitada ou para ampliar e desafiar seu desenvolvimento.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.
- GATTI, B. **A formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.
- FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender. Resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996. 128p.
- HUIZINGA, J. **Homo Ludens-1938**. Tradução de J.P. Monteiro. São Paulo Perspectiva, 1971.
- NOTBOHM, Ellen. **Dez Coisas que Toda Criança com Autismo Gostaria que Você Soubesse**. 2005.
- MATLIN, E. **Psicologia cognitiva**. Rio de Janeiro: LTC, 2004.
- KISHIMOTO, T. M. (Org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 183p.
- VYGOTSKY, Lev. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1995.



#### **Maria Aparecida da Silva Rocha**

Pedagoga formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Licenciatura Plena em Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Pós-graduação em Educação Artística pela Faculdade Unidas de Tatuí, SP. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).



## AS HISTÓRIAS INFANTIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

NÁDIA RÚBIA OLIVEIRA MAGALHÃES PINA

**RESUMO:** Esse artigo pretende buscar reflexões sobre as histórias infantis e suas contribuições para o processo ensino aprendizagem e alfabetização. Toda literatura e alfabetização nascem da necessidade humana de contar histórias, sobre si mesmo ou sobre os outros, sobre o mundo para entender melhor nossa existência e o universo em que vivemos. Todas as histórias, os mitos, as fábulas e os romances, inclusive os dirigidos às crianças, são, de fato, fruto desse desejo e dessa necessidade básica: ajudam a viver, a sobreviver; ajudam as crianças a crescer e se desenvolver. É importante manter essa perspectiva em mente enquanto discute-se diferentes aspectos e estratégias para uma educação adequada da leitura e uma promoção frutífera da mesma.

**Palavras-chave:** Estratégias. Perspectiva. Necessidade. Leitura. Literatura infantil.

### INTRODUÇÃO

A leitura, do ponto de vista global, é uma atividade muito complexa que não se limita a decodificar um texto, mas implica também a capacidade da criança de compreender o que leu, de integrá-lo no seu próprio contexto e experiências pessoais através da análise, de forma crítica, para que possa se posicionar sobre o que leu. Somente este tipo de educação de leitura completa e profunda levará as crianças a uma alfabetização real e integrada.

De acordo com Santos (2016):

A leitura é uma prática que deve ser estimulada desde os primeiros anos de vida da criança. Formar leitores assíduos é um trabalho longo, que precisa de técnica, paciência e sabedoria, pois culturalmente e historicamente, ler é algo que nem todas as pessoas fazem com frequência, ou fazem por necessidade, tornando a leitura um ato fora das atividades do cotidiano (SANTOS, 2016, p. 2).

Durante os primeiros meses de vida, o bebê escuta a voz da mãe, a voz do pai ou de quem cuida dele. A partir dessas vozes, o bebê começa a construir sua própria voz e sua linguagem pessoal. Ao mesmo tempo, ele aprende a identificar as vozes de quem o rodeia. E enquanto cantam uma música ou contam uma história, a criança descobre a voz poética das pessoas ao seu redor, a voz melodiosa e cantante que é tão diferente da voz do dia a dia que dá ordens e informações necessárias para o dia a dia.

### LITERATURA INFANTIL

Pode-se afirmar que a criança, desde muito jovem, participa da literatura como uma brincadeira, diversão ou entretenimento. Quando vai para a escola também tem contato com a literatura não só para fins recreativos, mas com outras intenções: aprender a ler e escrever, cultural, moral, religiosa e pedagógica. Nesse sentido, é oportuno citar Rodríguez (1991) que aponta que a criança desde o nascimento é exposta a produtos literários que sua cultura lhe propõe para diversos fins e por meio de diferentes mídias (por exemplo, televisão, rádio, cinema). Ouve canções de ninar, é contado ou histórias são lidas para ele. Quando a criança fala, ela brinca com as palavras, canta canções e aprende enigmas. Esse fato determina que as crianças podem aprender algumas regras de funcionamento ou marcas do texto literário inconscientemente. Isso permite que desenvolvam esquemas de antecipação sobre o funcionamento da linguagem escrita, que serão muito úteis para a aprendizagem da leitura. Por isso, entre as primeiras atividades espontâneas de expressão oral e leitura da criança está o gosto pelas histórias. Esse gênero literário é o mais utilizado pelos professores para ensinar a leitura em sala de aula; portanto, é mais comum, apropriado e aceito em todas as idades (Vannini, 1995).

---

Conforme citação dos Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Infantil (1998):

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informações sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças (BRASIL, 1998, p. 143).

A história é uma ferramenta que estimula o pensamento criativo, imaginativo e crítico das crianças, permitindo que se expressem de várias formas. Desde o nível da educação inicial e pré-escolar, as crianças demonstram interesse em explorar e estabelecer contato com diferentes materiais de leitura e escrita, que as induzem a manifestar experiências e vivências reais e imaginativas, dando origem à expressão das suas próprias ideias, emoções e sentimentos que permitem seu mundo interior emergir. Por isso, o uso da história torna-se uma ferramenta didática útil para acompanhar as crianças de maneira emocional e criativa em seu processo formativo.

### A MÁGICA DA LITERATURA

O objetivo principal de incorporar períodos permanentes de leitura em sala de aula deve ser pautado pela recreação e pela curiosidade, e não como um trabalho escolar. Para isso, o contato inicial dos primeiros anos deve ser interessante e agradável, onde o professor lê e conta histórias para os mais pequenos por meio de livros com ilustrações atraentes. Acredita-se que o professor deve ser o mediador entre a criança e o texto, pois a pessoa aprende a ler lendo boas leituras, dirigidas de forma inteligente e progredindo gradativamente.

Na educação infantil as histórias despertam nas crianças desde pequenas, gostos e valores, pois quando se conta uma história têm-se vários objetivos entre eles, ensinar, instruir, educar e divertir. É na infância quando a criança está nesta fase de desenvolvimento e descobertas que se deve proporcionar-lhe este contato com os livros, fazendo com que ela perceba que através deles ela pode aprender a escrever, a imaginar, a pensar e a descobrir o mundo. Contar histórias é promover e estimular a leitura, o escrever, o desenhar, o imaginar, o brincar. Através das histórias a criança sente diferentes emoções como alegria, medo, tristeza, bem estar, insegurança, entre tantas outras, e assim ela aprende a lidar com seus sentimentos da sua maneira (RIBEIRO, 2010, p.7-8).

A incorporação da literatura infantil na sala de aula tem seu embasamento pedagógico na abordagem da Linguagem Integral (Goodman, 1986). Entre os princípios que sustentam esta abordagem, destaca-se a utilização de material de leitura "real" correspondente a diferentes gêneros literários (por exemplo, poesia, fantasia, ficção e não ficção). Estes "enriquecem a vida das crianças com uma variedade de experiências de que desfrutam, e que são significativas para os seus interesses e devem ser realizadas no contexto, ao contrário de uma abordagem centrada no desenvolvimento de competências isoladas" (Escalante, 1995, p. 32).

Mas não basta estimular o interesse pela leitura, se o seu prazer não for cultivado. A necessidade de promover o prazer da leitura tanto no ensino básico como no secundário é urgente, dado o aumento do tempo livre das crianças e dos jovens. Saber ler não faz sentido a menos que se leia. Os professores que valorizam essa premissa oferecem oportunidades e disponibilizam às crianças a maior quantidade de literatura escrita para eles.

Nesse sentido, é notável que a fruição da literatura infanto-juvenil, iniciada na pré-escola e nas primeiras séries por meio de contos e dramatizações, seja interrompida no decorrer da escola.

Sabe-se que algumas crianças aprendem a ler com facilidade, enquanto outras o fazem viajando por estradas acidentadas. Qualquer que seja a forma que os professores e pais usem para ajudá-los, é necessário expô-los e envolvê-los com "livros de verdade". Quando os livros são disponibilizados para crianças e jovens, eles começam a procurá-los e sua capacidade de leitura aumenta. Associado à

---

disponibilidade está o interesse, já a falta dela pode causar, tanto em crianças quanto em adultos, falhas na leitura. Ao contrário, quando há um alto grau de interesse, os alunos persistem em trabalhos que envolvam a leitura até obterem satisfação (Escalante, 1991).

Para Kopel (1993), o interesse é mais do que uma atitude positiva em relação a algo, ele tem sua origem na experiência e constitui um desafio que incentiva o indivíduo mesmo quando não há necessidade biológica. Assim, para alguns, a leitura de textos literários pode ser uma forma de descobrir novos pontos de vista e ampliar a experiência, ou para outros pode ser uma atitude passiva e rotineira que desperdiça tempo, desperdiça energia e distrai a atenção à realidade.

Aprender a ler bem se consegue colocando o aluno em contato com os melhores professores de leitura: os bons livros. Em relação a isso, Pennac (1993) afirma:

A criança continuaria a ser um bom leitor se os adultos ao seu redor alimentassem seu entusiasmo em vez de testar sua competência, se estimulassem seu desejo de aprender em vez de impor o dever de recitar, se o acompanhassem em seu esforço sem se contentar em esperar para ele. ao virar da esquina, se concordassem em perder as tardes em vez de tentar ganhar tempo, se fizessem o presente vibrar sem brandir a ameaça do futuro, se se recusassem a transformar o que era um prazer em uma tarefa difícil, se alimentaram esse prazer até. Será transmutado em dever, se esse dever se sustentar na gratuidade de qualquer aprendizado cultural, e eles próprios recuperarão o prazer dessa gratuidade. (p. 13)

De acordo com Salinas (1993), a atitude de leitura das crianças é afetada pelo trabalho controlador dos professores, pela pressa em compreender, situações cotidianas tradicionais em que o livro é um instrumento de exercícios (ex: cópia, resumos, análise gramatical) e “julgamento-teste”, e a vontade de incentivar a realização de atividades lúdicas que não deixem espaço para reflexão.

Isso pode gerar uma certa técnica de leitura, mas não gosto; as crianças saberão ler, mas apenas se forem forçadas a isso. Outro fator que influencia é a escassa formação literária de professores, filhos de uma geração de não leitores e de uma sociedade semianalfabeta, largamente ignorantes de uma literatura infanto-juvenil que não tem tradição em nosso país, que continua a ser um grande desconhecido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso compreender que desde o momento em que a criança entra em contato com os livros e começa a ler até o momento em que domina a leitura e nela encontra prazer, há um longo processo que a escola deve nutrir e orientar, mas que infelizmente nem sempre tem sucesso.

A criança que percebe a aprendizagem da leitura como um processo difícil e punitivo não sentirá prazer nem se aproximará espontaneamente da leitura, porque o gosto pela leitura não se desenvolve sob pressão ou por obrigação, ou com livros chatos ou sem sentido, cujo único uso é o ensino da leitura. Daí a necessidade de proporcionar aos alunos materiais de leitura abundantes, lúdicos e interessantes, adaptados às suas necessidades, gostos e dos mais variados: contos, poemas, cancionários, livros de enigmas, piadas e ditos.

Nesse sentido, o desafio da escola de hoje é promover uma mudança: de não leitores para leitores eficientes por meio da literatura infantil. Busca estimular o poder criativo e desenvolver a imaginação. Isso é alcançado com professores que orientam e proporcionam estímulos, que oferecem um clima para a leitura e produção de textos literários, que motivam, envolvem a criança com a leitura e conversação sobre textos literários; tudo, para despertar e canalizar a sua atitude crítica. Tendo sempre em mente que os alunos se tornam leitores críticos à medida que utilizam seus conhecimentos e experiências anteriores para conhecer, prever, classificar, analisar, avaliar, comparar, comentar e interpretar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ESCALANTE, D. **Adquisición de alfabetización**. Mérida-Venezuela: Conselho de Publicações da Universidade de Los Andes. 1991.
- ESCALANTE, D. **Literacy Practices in a First Grade Whole Language Classroom: A Teacher in Transition**. Doctoral thesis. Purdue University, EUA. 1995.
- KOPEL, D. The nature of interests. In: **Journal of Education**, 83 (8). Pp. 490-497. 1963.
- GOODMAN, K. **What is complete in the entire language?** Portsmouth: Heinemann. 1986.

---

PENNAC, D. **Como Uma Novela**. Barcelona: Anagrama. 1993.

RCNEI, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF, v. 3, Brasília, 1998.

RIBEIRO, E. **A contribuição da contação de histórias para a aprendizagem na educação infantil**. Monografia, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2010.

RODRIGUÉZ, L. **Procesos retóricos y literarios en cuentos escritos por niños**. Caracas: A Casa de Bello. 1991.

SALINAS, P. **El defensor**. Madrid: Alliance. 1993.

SANTOS, A. F.; RODRIGUES, G. P.; ASSUNÇÃO, M. B. & FLAVIANO, S. L. L. "Quem quiser que conte outra": A contação de histórias como prática educativa. In.: **III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG – Inovação: Inclusão Social e Direitos**, Pirenópolis, 2016.

VANNINI, M. **Literatura infantil**. Caracas: Universidade Nacional Aberta. 1995.



### **Nádya Rúbia Oliveira Magalhães Pina**

Cursando licenciatura em Letras pela Universidade Virtual de São Paulo (UNIVESP). Licenciada em Pedagogia pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), SP. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

## A PROVISÃO E O FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO ANGOLANA: COMO AFETA O DIA A DIA DO PROFESSOR?

PAULO CORDEIRO LEITE

**RESUMO:** O presente artigo tem por finalidade reflectir sobre a provisão e o financiamento da educação angolana: como afecta o dia a dia do professor, uma vez que o Governo considera a educação um dever do Estado, logo, a sua oferta, assim como a provisão de outros bens públicos, pode ser disponibilizada com melhor eficiência e equidade. Recorreu-se à pesquisa bibliográfica. Esse dever se dá em virtude de a educação ser considerada um dos principais elementos para a criação de oportunidades para os indivíduos e para a redução das desigualdades sociais. Ora, por um lado, o sector da educação, do ponto de vista político, não só elege a educação como área prioritária, no entanto, canaliza para a educação fatias reduzidas do orçamento do estado, como, por necessidade de satisfazer outras vertentes consideradas mais prioritárias como a segurança, a defesa e mesmo os interesses da classe dirigente. Portanto, constatou-se que a pouquíssima verba que se aplica na educação não garante a sobrevivência dos professores e muitos encontram-se à míngua, ou seja, sem o necessário para sobreviverem.

**Palavras-chave:** Educação. Estrutura. Desigualdade. Professor. Política. Valorização.

### INTRODUÇÃO

A provisão e o financiamento da educação afecta o dia a dia do professor. Procura ainda compreender os motivos que levam o Governo angolano a financiar muito pouco a educação e como este facto influencia a qualidade ou não da educação.

A realidade dos profissionais da educação de Angola, que até agora não são tidos nem achados, são banalizados, explorados, “assassinados”, pisoteados tanto pelo sistema, tal como pela comunidade, pelos seus alunos e, sobretudo, pelos pais e encarregados de educação. É o sector que, quase todos os anos, realiza concurso público de ingresso de mais professores, mas raramente melhora a situação salarial dos professores efectivos à décadas. É neste sector, pelo menos em Angola, onde muitos profissionais caem de “paraquedas”, justificado como o único refúgio.

Assim, o texto se estruturou em três pontos: No primeiro ponto, salienta-se que a educação tem o poder de transformar as pessoas e, é responsável pela formação de um pensamento crítico e investigativo de cada indivíduo, auxilia na formação pessoal e humanista dos futuros cidadãos do país, o papel da educação é actuar na formação e desenvolvimento do indivíduo e no desenvolvimento económico, social e cultural de um país.

No segundo ponto, no que tange a provisão e o financiamento da educação, independentemente do seu nível de habilitações, os salários auferidos pelos professores angolanos enquanto tais, não permitem um rendimento que garanta a sua sobrevivência e a da sua família. Sendo assim, muitas vezes, exercem outras profissões paralelamente, de forma a conseguirem um complemento que lhes permita sobreviver com alguma dignidade. Usando assim como estratégia de sobrevivência e no terceiro ponto, aborda sobre a educação como aparelho ideológico do estado, pois a escola funciona segundo o interesse do Estado. Um dos principais aparelhos ideológicos do Estado sobre as classes subalternas, pois seria o grande regulador e o controlador das massas, o sistema de ensino angolano ensina o cidadão para ser o próximo empregado em vez de libertar e ensinar para ser o próximo empregador. A escola seria um lugar, onde o cidadão aprende procedimentos teóricos para resolver os problemas práticos da sua vida, da família, da comunidade, do bairro ou aldeia, no entanto, temos uma escola onde os conteúdos são mais teóricos do que práticos.

---

## A PROVISÃO E O FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO, SEUS BENEFÍCIOS SOCIAIS

Segundo Camacho & Tavares (2014, p.487) a provisão é o acto ou resultado de prover; aprovisionamento, fornecimento; provimento. O amontoamento ou aglomeração de coisas, a prescrição legal, a determinação; o decreto, quantia monetária disponibilizada para a educação em Angola permanece bastante aquém desta meta, investindo consideravelmente menos do que se previa.

Em torno ao conceito acima exposta, importa salientar que a educação é um sector indispensável, tanto que os países de outros continentes, incluindo de África buscaram aperfeiçoar a provisão e o financiamento desse direito fundamental, relevante para construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A título de exemplo, de acordo ao Ministério das Finanças de Angola (2021, p.15), a República Democrática do Congo (RDC) aloca para a educação 18% do Orçamento Geral do Estado (OGE), Zâmbia, 17%, Namíbia 17%, ao passo que Angola, nosso país, aloca para a educação 6% do OGE.

É de salientar que os países mencionados fazem fronteira com Angola. Por conseguinte, o Governo angolano e não só, tem sido assunto de debates nas mídias sobre a falta de qualidade na educação e capacitação dos professores. Não será que essa quantia alocada para a nossa educação joga influência na péssima qualidade que temos na educação?

Reunidos em Dakar em Abril de 2000, os participantes da Cópula Mundial de Educação, comprometeram-se a alcançar os objectivos e as metas de Educação Para Todos (EPT) para cada cidadão e cada sociedade. O marco de Acção de Dakar é um compromisso colectivo para a acção. Os Governos têm a obrigação de assegurar que os objectivos e as metas de EPT sejam alcançados e mantidos. Essa responsabilidade será atingida de forma mais eficaz por meio de amplas parcerias no âmbito de cada país, apoiada pela cooperação com agências e instituições regionais e internacionais (Universidade de São Paulo, 2000, s/p).

Em torno desta Cópula, o nosso país, Angola subscreveu o Acordo de Dakar de 2000, segundo o qual os países deveriam investir 20% dos seus orçamentos no sector da educação para alcançar a universalização do ensino primário de qualidade. Angola continua a gastar mais com a defesa e segurança do que com a educação e saúde contrariando as promessas do governo que nos orçamentos de 2018, 2019 e 2020 prometeu que ia gastar mais com as escolas e hospitais do que com os quartéis e as esquadras, de acordo com uma investigação do Mercado. Para a educação, o Executivo previa uma despesa de 870 mil milhões Kz, mas executou cerca de 845 mil milhões, enquanto para saúde projectou uma despesa de 816,7 mil milhões Kz e gastou 663 mil milhões (7,7% para a educação e 6% para a saúde), enquanto a fatia dos quartéis, das esquadras ultrapassou os 18% (Angonotícias, 2021).

Actualmente, em 2021 Angola dá 6% do OGE para a educação, ou seja, este dinheiro só serve para se pagar os míseros salários dos professores. Os professores não têm acesso à habitação, saúde, crédito, transporte, subsídio de investigação, subvenção aos livros, salários atractivos. Outrossim, a falta de um financiamento rigoroso na educação, não só afecta os professores, mas os alunos também: alunos não têm acesso à merenda escolar, ao transporte, a saúde, a materiais didácticos, a subvenção nos gastos escolares e ao subsídio de estudo.

## O PROFESSOR E A MÍNGUA

Em primeiro lugar, ser profissional do ensino, na sociedade contemporânea, não é tarefa fácil, em segundo lugar é mais difícil ainda ser professor angolano visto que existem muitos factores que influenciam no exercício profissional docente, desde sua formação até sua constituição profissional.

Segundo Fontana (2010, p.208) a profissão docente é uma profissão do conhecimento, sendo que são o conhecimento e o saber que legitimam tal profissão. O trabalho docente é baseado no compromisso em transformar esse conhecimento em aprendizagens discentes.

Ora, ainda há professores que não assimilaram tal conceito, uma vez que ao invés de o professor preocupar-se em criar as condições que promovam a aprendizagem dos seus alunos, professores há que seu foco prende-se em mostrar aos alunos que são inteligentes, melhores que os outros, que são “barras” entre outros.

Por outro lado, há professores com sérios problemas no domínio científico e epistemológico da disciplina que leciona, por isso, deixam de ensinar certos capítulos do programa por ignorância e como consequência seus alunos ficam prejudicados, com maior realce nos exames finais, pois quem o elabora não é o professor, mas a escola, província ou o Ministério da Educação.

---

Desde os anos 80 que os países industrializados começaram a assumir a existência de um novo tipo de analfabetismo. Durante muito tempo, apenas se admitia a existência de analfabetismo entre certos grupos sociais, pessoas idosas, populações imigradas, diminuídas de vários tipos, etc. existe o analfabetismo literal, o tecnológico, o de conteúdo etc (Esteves, 2008).

Entende-se que, no contexto angolano, os professores com analfabetismo literal, são aqueles que sabem ler e escrever muito bem, no entanto, possuem a incapacidade de “compreensão” e “interpretação” dos textos que lê. Não tendo esta destreza, por normas escusam-se de ensinar certos conteúdos programáticos aos seus alunos para não passarem vergonha. Ao passo que, os professores com o analfabetismo tecnológico são os professores que não possuem o domínio das tecnologias de informação e comunicação.

Ora, não obstante, a estes assuntos relacionadas às competências do professor, profissionalismo e perfil, importa salientar que, quando não existe um financiamento, isto, leva o professor a minguar. O quem vem a ser a minguar?

Segundo Camacho & Tavares (2014, p.406) a minguar é “a falta do necessário, carência, penúria, escassez, defeito”.

Significa dizer que é o sinal de falta de interesse pela educação e ensino, onde prolifera a ausência de meios de trabalho e didáticos para que o processo da aquisição do conhecimento seja incoerente e sem qualidade.

Burnout: é um processo iniciado com excessivos e prolongados níveis de stress (tensão) no trabalho.

O cansaço, podemos curar descansando, ao passo que stress, podemos curar mudando a rotina de vida. O estado de consumação se reflecte também nas relações familiares (separações, maus-tratos) e no trabalho, determinando diminuição importante do rendimento e aumento de absentismo (Nunes, 2008).

Os resultados indicaram que o estado de sono do momento piorava na medida em que os escores de traço de ansiedade, ou de padrão de comportamento para o stress, aumentavam; já o estado de saúde piorava na medida em que o escore para o traço de ansiedade era mais elevado, ou tempo do turno de trabalho era maior.

## **A EDUCAÇÃO COMO O APARELHO IDEOLÓGICO DE ESTADO.**

A concepção Althusseriana da escola como aparelho ideológico de Estado, da qual ela atua como instrumento de reprodução da sociedade capitalista mediante a inculcação massiva da ideologia dominante e o ensino de saberes práticos e teóricos necessários ao bom funcionamento do sistema produtivo está a dar e sempre deu certo no sistema de ensino angolano, basta se observar o tipo de currículo desenhado pelo Sistema e a Educação que se tem no país.

Para Althusser (s/d) o aparelho ideológico do estado tem a ver a linha política marxista do qual o estado e ou partido no poder, domina, controla e manipula todo um sistema de ensino e aprendizagem.

Corroborar-se com a ideologia do autor, segundo o qual, “a escola é o principal aparelho ideológico do Estado”, para sustentar a perspectiva, importa citar a Lei de Base do Sistema de Educação e Ensino angolano Lei nº 17/16 de 7 de Outubro (2020, p.4432) sobre a gratuidade artigo 11º, que determina o seguinte: “a gratuidades no Sistema de Educação e Ensino traduz-se na isenção de qualquer pagamento pela inscrição, assistência às aulas, material escolar e apoio social, para todos os alunos que frequentam o Ensino Primário nas instituições públicas de ensino”.

Quer dizer que as ilações retiradas pela referida interpretação, apesar da boa intenção do legislador, no que tange a gratuidade do ensino, esta questão não passa de uma bela teoria porque em Angola paga-se para frequentar até mesmo o ensino primário, ou melhor, aquele que nos governa mantém uma estrutura de classes composta por uma classe dominante, detentora da produção industrial, intelectual e manipuladora do poder estatal.

Libâneo (1990, p.72) realça que as tendências pedagógicas progressistas analisam de forma crítica as realidades sociais, cuja educação possibilita a compreensão da realidade histórico-social, explicando o papel do sujeito como um ser que constrói sua realidade. Ela assume um caráter pedagógico e político ao mesmo tempo.

A tendência progressista libertadora defende a autogestão pedagógica e o antiautoritarismo. A escola libertadora, também conhecida como a pedagogia de Paulo Freire, vincula a educação à luta e organização de classe do oprimido.

Segundo Gadotti (1988), Paulo Freire não considera o papel informativo, o ato de conhecimento na relação educativa, mas insiste que o conhecimento não é suficiente se, ao lado e junto deste, não se elabora uma nova teoria do conhecimento e se os oprimidos não podem adquirir uma nova estrutura do conhecimento que lhes permita reelaborar e reordenar seus próprios conhecimentos e apropriar-se de outros.

Compreende-se que a ação do saber no processo educativo deve ser abrangente incluindo os mais desfavorecidos fazendo com que estes se sintam livres para a aprendizagem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a educação como o poder da transformação das pessoas e, é responsável pela formação de um pensamento crítico e investigativo de cada indivíduo, conseguiu-se chegar a percepção de que qualquer país que não investe no financiamento da educação, coloca um retrocesso na sua evolução.

Em seguida, procurou-se debruçar-se sobre a provisão e o financiamento da educação, independentemente do seu nível de habilitações, os salários auferidos pelos professores angolanos não permitem um rendimento que garanta a sua sobrevivência e a da sua família. Sendo assim, muitas vezes, exercem outra ou outras profissões paralelamente, de forma a conseguirem um complemento que lhes permita sobreviver com alguma dignidade. Usando assim como estratégia de sobrevivência. Percebeu-se que quando um professor tenha esta rotina estrangula a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, pois aí surge o esgotamento profissional que inviabiliza a eficácia e eficiência da educação. Contudo, a estratégia que os professores encontram em função dos míseros salários que auferem, no intuito de contornar a sua e a qualidade de vida da sua família.

A educação como aparelho ideológico do estado, pois a escola funciona segundo o interesse do Estado. A escola seria um lugar, onde o cidadão aprende procedimentos teóricos para resolver os problemas práticos da sua vida, da família, da comunidade, do bairro ou aldeia, no entanto, tem-se uma escola onde os conteúdos são mais teóricos do que práticos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. 3 edição. Editorial Presença, s/d. Disponível em: <http://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/livros-diversos/os-aparelhos-ideologicos-de-estado.pdf>, s/d. Acesso em: 17 set. 2021.
- ANGONOTÍCIAS. **Angola continua a gastar mais com a defesa e segurança do que com a educação e saúde**. Disponível em: <http://www.angonoticias.com>, 2021. Acesso em: 17 set. 2021.
- CAMACHO, A. & TAVARES, A. **Dicionário de Língua Portuguesa**. (12ª. Ed.), Luanda: Platano, 2014.
- ESTEVES, M. J. B. **Situação do Analfabetismo Brasileiro nas suas Diferentes Formas – Análise da População que não possui nem Frequenta O Ensino Básico Primário com 15 e mais anos em Portugal**. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção Geral de Apoio e Extensão Educativa, 2008.
- FONTANA, R. A. C. **Como nos tornamos professores?** 3ªed., Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- GADOTTI, M. (1988). **Pensamento Pedagógico Brasileiro**. São Paulo: Ática.
- LEI DE BASE DO SISTEMA DE EDUCAÇÃO E ENSINO**-Lei nº 17/16, de 7 de Outubro, 2020.
- LIB NEO, J. C. **Democratização da Escola Pública**. São Paulo: Loyola, 1990.
- MINISTÉRIO DAS FINANÇAS. **Relatório de Fundamentação: Orçamento Geral do Estado**; Luanda: Plural Editora, 2021.
- NUNES, M. L. **As influências do ambiente de trabalho no surgimento da Síndrome de Burnout**. Monografia (Especialização em Saúde Colectiva: Saúde da Família). Criciúna: Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2008.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Biblioteca Virtual de Direitos Humanos**. São Paulo: Universidade de São Paulo, s/d.



### Paulo Cordeiro Leite

Licenciado em Ciências da Educação pelo Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED) Luanda, na opção de Ensino da Psicologia. Mestrando em Ciências da Educação na Opção de Administração Educacional. Professor do município do Cazenga. Co-fundador da C-CSAPSI - Comunidade Científica para Soluções Académicas e Psicológicas, localizada na Mediateca Zé-Dú-Cazenga, exercendo o cargo de vice-coordenador e porta-voz.

## A ARTE FACILITANDO A INCLUSÃO ESCOLAR

SILVANA DE FÁTIMA BONI MORATO

**RESUMO:** A Educação Especial tem estado cada vez mais presente nas discussões de âmbito político e educacional. O Brasil vem recentemente discutindo o assunto com a criação de instituições públicas e privadas, além de órgãos normativos e leis federais, estaduais e/ou municipais. A legislação veio para garantir o direito à aprendizagem desses alunos em especial, necessitando assim por parte da escola um olhar diferenciado. No caso do Transtorno do Espectro Autismo (TEA) o mesmo é considerado um distúrbio do desenvolvimento que pode se manifestar logo nos primeiros anos de vida, período em que a criança está começando a estabelecer relações sociais e a se desenvolver cognitivamente. Dentre as inúmeras estratégias podemos relatar o trabalho com a Arte, pois, a disciplina possibilita desenvolver formas de linguagem e expressão diferenciadas, como por exemplo: corporais, cognitivas, não verbais, entre outras. Assim, esse olhar cuidadoso, utilizando diferentes estratégias e ferramentas, contribui para que esses alunos em especial comecem a se relacionar melhor com o mundo a sua volta e consigo mesmo. Este artigo teve por objetivo realizar revisão bibliográfica a fim de investigar as contribuições da Arte no desenvolvimento dos estudantes com TEA. Os resultados encontrados indicaram que a Arte pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem, bem como para o desenvolvimento desses alunos, servindo de alternativa para a sua inclusão e autonomia.

**Palavras-chave:** Acolhimento. Atendimento Educacional Especializado (AEE). Educação Especial. Legislação.

### INTRODUÇÃO

Apesar de vivermos em uma sociedade que avança economicamente, o lado principal que é o humano, evoluiu muito com o passar dos anos, uma vez que esta já possui padrões preestabelecidos, onde qualquer pessoa que estiver fora dele, tende a ser excluído.

Este é um grande paradigma para a família de uma criança com TEA, pois incluir esta criança em uma sociedade preconceituosa é um imenso desafio.

Para isso é preciso conhecer bem o que é autismo e valorizar não as dificuldades que esta criança tem, mas sim as possibilidades de aprendizados que ela possa adquirir.

Uma das mais conhecidas características do autismo é a dificuldade na comunicação e interação social. Sendo assim, este trabalho faz uma reflexão de uma hipótese que pode auxiliar a diminuir este déficit desta criança. Uma das atividades trabalhadas na escola que possui um privilégio de integrar os alunos na sala é a Arte, por ser rica em materiais e possibilidades.

Esta tende a despertar a criatividade, a expressão, a imaginação e muito mais. Quando a criança autista vivencia isto é muito mais fácil ele se expressar através de uma música, instrumento musical, dança ou desenhos e pinturas.

É preciso mudar o conceito de acharmos que qualquer criança autista é uma coitada e encará-la de uma maneira normal e estimular aquilo que ela demonstra ter interesse.

Para isso é preciso direcionar os talentos que poderão surgir da maneira correta e mostrar a todos que é possível um autista, com o auxílio da arte e desde que seja criado com muito amor e coragem, tornar-se uma artista da música, dança ou um artista plástico

No campo da educação artística, vemos que, em geral, as instituições nem sempre salvaguardam as considerações de design universal, existem grandes falhas na proteção do acesso e da participação de pessoas com algum tipo de deficiência, inclusive nesse contexto estudantes, professores e famílias ou visitantes do estabelecimento.

---

Atualmente, direitos especiais foram desenvolvidos para pessoas com deficiência, tanto na área da saúde, acesso à educação, políticas claras em torno do trabalho, transporte acessível e não discriminatório, maior participação do cidadão, entre outras áreas vitais.

As artes podem desempenhar um papel importante na progressão da identidade da deficiência ao longo do tempo, ou na identidade "carreira".

Por meio de letras de músicas, poesia, dramaturgia e assim por diante, as pessoas com deficiência celebraram a diferença e rejeitaram a ideologia da normalidade na qual as pessoas com deficiência são desvalorizadas como 'anormais'. Eles estão criando imagens de força e orgulho, a antítese da dependência e do desamparo.

Taylor (2005) explorou o papel que a educação em artes visuais desempenha na experiência de transição de estudantes universitários com deficiência da escola para o trabalho ou para o ensino superior. Afirmando que "o dilema da identidade está no centro da transição que todos os adolescentes e jovens experimentam" (TAYLOR, 2005, p. 764), destacou a importância das artes em ajudar os jovens a lidar com problemas típicos de transição (por exemplo, relações com os pais, classe social e questões maturacionais).

Talvez mais importante, Taylor descobriu que o envolvimento com as artes também poderia ajudar com questões de deficiência e deficiência que afetam a transição e o processo de formação de identidade. Especificamente, Taylor descobriu que a educação artística ajudou esses jovens a "se envolverem em um processo de autorrealização", no qual eles identificam e abordam "percepções negativas e opressivas da deficiência por meio de suas obras de arte" (p. 763). Como resultado, os jovens artistas adotaram uma "perspectiva mais positiva, inclusiva e potencialmente de múltiplas identidades" (p. 763).

## O QUE É O TEA

O TEA ou Transtorno do Espectro Autismo é nome dado a um transtorno global com um padrão de comportamento peculiar marcado por grande dificuldade do indivíduo nas interações sociais e no domínio da linguagem.

Tal transtorno é instalado nos primeiros anos de vida, onde os neurônios responsáveis por coordenar a comunicação e a interação social deixam de formar as conexões necessárias, comprometendo o desenvolvimento desses aspectos no autista.

Leo Kanner, psiquiatra austríaco radicado nos Estados Unidos, descreveu o autismo pela primeira vez, apontou-o como sendo um distúrbio que resulta na incapacidade de estabelecer relações com outras pessoas e por apresentar alterações na aquisição e uso da linguagem.

Apesar de ter um olhar da ciência para este transtorno a causa do autismo ainda não é conhecida. Estudos de gêmeos idênticos indicam que a desordem pode ser, em parte, genética, porque tende a acontecer em ambos os gêmeos ou apenas em um. Embora a maioria dos casos não tenha nenhuma causa óbvia, alguns podem estar relacionados a uma infecção viral (por exemplo, rubéola congênita ou doença de inclusão citomegálica).

Este transtorno global de desenvolvimento é marcado primordialmente por três características: Dificuldade na interação social; Falta de domínio da linguagem e comunicação; Padrão de comportamento restritivo e repetitivo.

## DIFICULDADE NA INTERAÇÃO SOCIAL

Sabemos que o homem é um ser social, que assim que nasce interage com o meio em que vive e com as pessoas que o cerca.

Os pais dessas crianças anseiam pelos primeiros passos, pelas primeiras palavrinhas. Imaginam como será o seu filho na escola, se terá muitos amigos, como será suas brincadeiras ou até mesmo as festinhas de aniversário. Entretanto, no geral a criança autista não apresentará nenhum destes itens como o esperado.

A dificuldade na interação social é uma grande característica dos portadores do espectro autista. Geralmente os pais acham que a criança tem algum problema relacionado a audição, pois não respondem aos estímulos lhes propiciando e demonstram dificuldade em fazer contato visual.

É evidente que alguém que não se enquadra no padrão social e historicamente considerado normal, quer seja decorrente do seu

---

processo de concepção e nascimento ou impingido na luta pela sobrevivência, acaba se tornando um empecilho, um peso morto, fato que o leva a ser relegado, abandonado, sem que isso cause o chamado sentimento de culpa característica da nossa fase histórica". (BIANCHETTI, FREIRE; 1998, p.28)

Os graus de autismo diferem muito e esta dificuldade na interação social é proporcional a estes graus. Uma criança autista pode preferir ficar somente em um canto, isolada do meio social, se balançando e gemendo o tempo todo ou ter dificuldades mais sutis, quase imperceptíveis para a maioria das pessoas.

Neste contexto é muito importante após o diagnóstico estimular essa criança de maneira que ela possa se sentir mais confortável com o tempo nestes ambientes sociais.

### **FALTA DE DOMÍNIO DA LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO**

Este fator também dificulta a característica discutida anteriormente, já que para uma pessoa interagir socialmente faz-se necessário o uso da linguagem como maneira de comunicação e a criança autista possui uma grande dificuldade em dominar a linguagem e se comunicar com as outras pessoas normalmente.

A escola tem a função de preparar o aluno para a sociedade, para o mundo lá fora, mas, a sociedade não está totalmente preparada para receber essas pessoas especiais, pois apesar dos dois estarem no caminho da inclusão, ainda é preciso quebrar alguns paradigmas e preconceitos.

Com isso, o Estado, em vez de alargar o fundo público na perspectiva do atendimento a políticas públicas de caráter universal, fragmenta as ações em políticas focais que amenizam os efeitos, sem alterar substancialmente as suas determinações. E, dentro dessa lógica, é dada ênfase aos processos de avaliação de resultados balizados pelo produtivismo e à sua filosofia mercantil, em nome da qual os processos pedagógicos são desenvolvidos mediante a pedagogia das competências. Nesse contexto, as concepções de educação centradas na pedagogia histórico- crítica – e, portanto, as possibilidades de uma educação unitária e omnilateral e as suas exigências em termos das bases materiais que lhes dão viabilidade, disputadas quando da definição do Plano Nacional de Educação (PNE), explicitadas em diferentes Conferências Nacionais e que afetam a educação no conjunto da federação, mormente a educação básica – ficam subvertidas predominantemente pela concepção mercantil (FRIGOTTO, 2010, p. 245).

Em alguns casos essas crianças podem ter uma boa comunicação e falar algumas palavras com grande perfeição. No entanto, o repertório da linguagem de uma criança com TEA, na maioria dos casos, pode ser mais restrita. Nos seus primeiros anos quase não falam e quando chegam a falar, sua linguagem é notável de várias formas. Eles podem repetir o que lhes é dito, fato que é conhecido como ecolalia imediata ou simplesmente reproduzir o que escutam no ambiente de vivência através da comunicação das outras pessoas com quem convive ou até mesmo por um filme, desenhos que acompanha pela TV ou computador, este fato é considerado ecolalia tardia.

Outras crianças tendem a falar na terceira pessoa, como se fossem um personagem. Se pegarmos um exemplo de um menino chamado Paulo que anseia assistir o seu desenho favorito, nesta situação ele diria "Paulo quer assistir ao desenho".

A análise sobre a dificuldade da linguagem e da comunicação do autista também não é diferente da interação social, para minimizar este problema é necessário muito estímulo. A família desta criança precisa pensar em outras alternativas, para que ela consiga se comunicar e interagir com mais eficácia e segurança.

### **PADRÃO DE COMPORTAMENTO RESTRITIVO E REPETITIVO**

Crianças com TEA têm pouca tolerância às mudanças de rotina, pois gostam de fazer sempre as mesmas coisas, como sentar-se sempre no mesmo lugar na mesa, comer no mesmo prato, preferência pelas mesmas roupas e quando isso muda gera um grande conflito nela, pois tendem a usar a memória daquilo que já é acostumada a fazer e não planejar ações diferentes.

O objeto de estudo e de conhecimento de arte é a própria arte e o aluno tem de se confrontar com a arte nas situações de aprendizagem. Em

---

outras palavras, o texto literário, a canção e a imagem trarão conhecimentos ao aluno em situações de aprendizagem, pois ele precisa ser incentivado tanto a exercitar-se nas práticas artísticas e aprender a fruir arte como exercitar a contextualização que envolve pesquisar e saber situar o conhecimento de arte. (BRASIL 1998, p. 46).

Outro fator muito relevante são os comportamentos estereotipados e repetitivos, que podem incluir andar nas pontas dos pés, balançar os braços, pular, estalar os dedos e outros tipos de maneirismo. Esses movimentos tendem a ser realizados quando esta criança está nervosa e busca se acalmar ou até mesmo como uma forma de prazer.

Na maioria dos casos estudados elas possuem interesse restrito ao um tema escolhido, pois apresentam uma grande dificuldade em destinar seu tempo a muitos aprendizados, iniciando assim um acúmulo de energia para ser utilizada em um único foco de interesse. (personagem de filme, desenho, dinossauros, lista de países...)

## A CRIANÇA COM TEA NO AMBIENTE FAMILIAR

Muitos pais idealizam os seus filhos, projetam toda a sua vida com total carinho e grandes expectativas. Neste caso quando a criança é concebida não é diferente as expectativas continuam as mesmas ou até maiores, mas com o passar do tempo, as coisas parecem estar tardias demais para acontecer, afinal, a criança demora para falar, tem comportamentos diferentes das demais, parece não ouvir o que se fala ou simplesmente não dar importância nenhuma naquilo que está ao seu redor.

Mediante a tais situações a busca por ajuda faz-se necessário, assim quando a criança passa por profissionais qualificados, imediatamente vem o diagnóstico do transtorno do espectro autista. É exatamente neste momento em que estes pais param e pensam *“Meu filho é autista e agora?”*

Quando o diagnóstico ocorre mais cedo, antes dos três anos é mais fácil o convívio com esta criança, pois o tratamento é mais eficaz, entretanto quando o diagnóstico é mais tardio, os problemas aumentam muito.

As dificuldades da família de um autista se dão por meio de duas formas: dentro do espaço familiar e fora dele. No primeiro caso o convívio tende a se tornar muito difícil quando essa criança agita-se demais, tira tudo do lugar, tem dificuldade para se alimentar, enfim, entre as diversas características que o seu grau de autismo pode apresentar.

Os pais das crianças com deficiência muitas vezes abrem mão de vida conjugal para dedicar-se inteiramente a este filho, que se tiverem mais irmãos podem gerar também conflitos por ciúmes ou irritação por falta de atenção, pois a outra criança necessita de maiores cuidados.

Segundo Rego (1995), para Vygotsky:

O desenvolvimento do sujeito humano se dá a partir das constantes interações com o meio social em que vive, [...] o desenvolvimento do psiquismo humano é sempre mediado pelo outro [...] que indica, delimita e atribui significados à realidade. Por intermédio dessas mediações, os membros imaturos da espécie humana vão pouco a pouco se apropriando dos modos de funcionamento psicológico, do comportamento e da cultura, enfim, do patrimônio da história da humanidade e de seu grupo cultural. Quando internalizados, estes processos começam a ocorrer sem a intermediação de outras pessoas. (REGO 1995, p. 60-61)

Neste panorama familiar é muito comum existir problemas relacionados ao alto nível de estresse. Para este problema diminuir é necessário que se inicie logo, já nos primeiros anos, certas restrições e limites, porque muita coisa que essa criança faz na idade de três anos, não será aceitável quando já estiverem com mais de vinte, por exemplo. Sendo assim, se bem trabalhados com o auxílio de profissionais qualificados o estresse dessa família tende a diminuir, pois estarão cientes de até onde podem ir com os seus filhos, que como qualquer outra criança, precisa também de limites.

Outro problema acontece no âmbito externo, que envolve diretamente o preconceito da nossa sociedade com crianças com deficiência.

Apesar de nos dias atuais este transtorno ser muito mais conhecido do que eu há alguns anos, muitas pessoas continuam olhando para as crianças com TEA como *“doido”, “mal-educado”* e outros estereótipos.

---

Algumas famílias até preferem isolar estas crianças, para não sofrerem desse mal ou submeter o seu filho a este tipo de situação.

Lidar com o preconceito é muito difícil para os pais e para os irmãos, ainda em fase estudantil é um desafio muito maior.

Estudiosos descrevem muito bem esse sentimento, três deles Gomes, Zanchettin e Bosa, revelaram os sentimentos de raiva, pena e até mesmo vergonha relacionados ao jeito do irmão.

Tais sentimentos são provocados por diversas situações como comportamentos imaturos e de risco, agressividade e autoagressão, dificuldades de compreender os desejos e necessidades do irmão, tarefa de cuidado irmão e preocupações como o futuro do mesmo. (Gomes; Zanchettin; Bossa, 2004, p. 180).

Na realidade, as grandes transformações na vida da criança autista precisam ocorrer primeiramente dentro do ambiente familiar para que existam maiores resistências com os problemas que possivelmente ocorrerão no ambiente externo.

## A CRIANÇA COM TEA NO AMBIENTE ESCOLAR

Geralmente o ambiente escolar é o primeiro meio social que uma criança frequenta. É neste espaço que a criança aprende a conviver em grupo, trabalhar em equipe, saber que precisamos dividir, respeitar as diferenças, de maneira geral, inicia-se neste período o desenvolvimento da sua cidadania.

Meira e Pillotto (2010) consideram:

O professor, como o artista, ou como artista-professor, é um mostrador de afetos, um provocador de afetos. O afeto é o primeiro sinal de que o professor esta se dando bem ou mal com o que faz, ou com o que propõe a fazer, porque é um mapa sensível do que acontece em aula, com o que chega e sai dela, transmutando em valor para a vida pessoal e social. (MEIRA; PILLOTTO, 2010, p. 11).

A arte facilita o crescimento mental e emocional. De fato, pode ser uma ótima ferramenta para e a comunicação entre os alunos, especialmente os afetados pelo autismo, distúrbios de déficit de atenção, dificuldades de aprendizagem, etc.

Para a criança com TEA a escola é de suma importância para a sua inclusão e integração na sociedade. É certo que todo este processo terá os seus conflitos, mas faz-se necessário para existir uma verdadeira contribuição no desenvolvimento integral dessa criança.

Segundo Silva (2012) o desempenho escolar deste aluno autista terá variações através do nível de acometimento do transtorno.

De qualquer forma as escolas precisam estar preparadas para receber essas crianças e trabalhar ativamente para a sua inclusão neste meio, afinal é certo que além da família a instituição escolar também é muito importante para o desenvolvimento desses alunos. Com este trabalho em equipe é possível garantir um ambiente mais prazeroso e ir muito mais além, será possível garantir um melhor futuro para essa criança autista.

Muitos estudantes com dificuldades de aprendizagem lutam para comunicar seus pensamentos e sentimentos. Eles podem ter problemas para encontrar as palavras ou usar o idioma de forma eficaz. As artes visuais, como pintura, desenho, música e computação gráfica, podem oferecer a eles uma maneira não verbal de se expressar e interagir com outras pessoas.

[...] se o compararmos com o restante da imagem; é o menor de todos os elementos da linguagem visual e, no entanto, com ele construímos as imagens. [...]. Quando se desenha ou se pinta uma obra usando muitos pontos, pode-se criar uma sensação de vibração (COLL; TEBEROSKY, 2002, p. 14-15).

Um dos benefícios da arte digital ou gravada digitalmente de todos os tipos é sua capacidade de ser compartilhada em toda parte. A alfabetização e a linguagem da crítica envolvidas no compartilhamento com colegas são valiosas para os alunos. O espaço escolar pode ampliar o seu universo através de estímulos que tendem a treinar e valorizar todas as suas potencialidades.

---

## O ENSINO DAS ARTES PARA AS CRIANÇAS COM TEA

Muitas vezes ao entrarmos em um ambiente em que se encontram algumas crianças autistas é nítido um isolamento delas. Os educadores desses alunos possuem o desafio de encontrar alternativas que possibilitem de alguma forma a comunicação destas crianças para a sua inserção no seu meio. Sabendo dessas dificuldades do autista, cabe pensarmos em atividades que possam estimular e desenvolver a linguagem e interação dele com o mundo que o cerca.

A arte é compreendida como uma maneira de o ser humano expressar suas emoções, seus sentimentos. Através dela o artista cria a sua própria comunicação. Segundo Barbosa (1991). "A arte transmite significados que não podem ser transmitidos por intermédio de nenhum outro tipo de linguagem, tais como a discursiva e a científica". (BARBOSA, 1991, p. 17-18). Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, torna possível a visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos.

A arte já nasce em nós, por meio da nossa cultura ou vivências. Ela permite o indivíduo se expressar, demonstrar seus sentimentos, até mesmo aquilo que por muito tempo ficou escondido.

Se a arte é uma forma de expressão e comunicação e a linguagem é uma das maiores dificuldades do autista propõe-se utilizar o ensino da arte para estimular a comunicação do autista e conseqüentemente a sua interação com a sociedade.

É sabido que somos formados por sentidos do ver, sentir, cheirar e provar, por meio disso interagimos com o nosso meio. A arte proporciona vivências sensoriais que podem incluir também a criança autista em seu meio, estimulando o seu cérebro, de modo que ele possa perceber por alguns instantes, do modo dela, o mundo que o cerca.

Para essas crianças as atividades artísticas se tornam livres, pois não se espera um grande resultado, o que prevalece é o olhar e as mãos, em gestos espontâneos a sua própria arte. Nesta ótica não precisa de perfeição, de certo ou errado ela simplesmente espelha a sua alma, seus sentimentos e suas emoções.

No universo autista as respostas da vivência do lúdico, da arte evidenciam por meio de um olhar, de um movimento corporal, de um gesto ou até mesmo de uma relação com o material envolvido na atividade artística. Esses sinais sensíveis abrem espaço para uma possível comunicação alternativa.

Muitos estudos apontam a necessidade de se criar sistemas alternativos de comunicação, entre eles o mais destacado é o de fomentar uma produção espontânea não verbal em crianças autistas e o que é mais significativo são as informações visuais concretas. Para isso os professores devem apresentar materiais que tenham significados para a comunicação.

As artes visuais cumprem esta tarefa, pois por intermédio dela é possível utilizar vários materiais para a sua ação, como tintas, areia, massa, cola, papel e diversos estímulos táteis e visuais.

Os mesmos materiais apresentados a crianças autistas despertam nelas uma grande curiosidade. Algumas são capazes de passar muito tempo observando as cores, formatos e texturas dos mesmos.

Enquanto mediador do conhecimento, o Professor é essencial para incentivar o aluno, seja pelo caminho da arte ou por outra área do conhecimento, oferecendo os melhores suportes, de forma que venha somar no crescimento e formação do mesmo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível a dificuldade que a criança com diagnóstico de TEA e a sua família passam em um país que muitas vezes é preconceituoso e desinformado em entender que somos todos diferentes e não é a cor, voz, corpo, situação econômica ou deficiência nenhuma que dita o que somos melhores ou não que os outros.

Um país em que não se investe em pesquisas, que já possui mais de dois milhões de pessoas com diagnóstico de TEA e continua ignorando o problema.

Foi possível observar o quanto as famílias precisam prover por si mesmas o tratamento dessas crianças autistas para assim inseri-las em nossa sociedade.

É iminente que profissionais da educação se capacitem, cada vez mais, para desenvolver bons trabalhos com esses seus alunos.

A contribuição da Arte para isso é indiscutível, pois a expressão artística traz aos seus alunos benefícios como o da fala e diminuição da agressividade, lhe traz tranquilidade e ajuda a manter um melhor relacionamento com o grupo e assim com a sociedade.

Hoje, com o paradigma da inclusão, reconhece-se a necessidade de introduzir modificações, tanto na formação inicial quanto na formação continuada, para que ao longo da sua carreira profissional o professor tenha uma capacitação e possa ensinar a todos com qualidade.

É indispensável que a atitude do professor seja a de encorajar a criança portadora de necessidades educativas especiais a buscar ele próprio suas respostas, e a construir o conhecimento. Situações significativas devem ser sempre colocadas para a criança de modo que ela se sinta desafiada a refletir e buscar fontes de satisfação daquela necessidade, ou formas de solucionar a situação.

Não pode se deixar de considerar que a educação especial sofreu profundas modificações no século XX, com inúmeras reivindicações de movimentos sociais buscando maior igualdade entre os cidadãos e a superação de qualquer tipo de discriminação, promovendo a integração dos alunos com qualquer tipo de deficiência, lançando uma profunda meditação no campo educativo e principalmente fazendo com que a escola assumisse a responsabilidade dos problemas de aprendizagem que eles manifestavam.

A importância e a necessidade das artes visuais são comumente enfatizadas e seus resultados positivos para os alunos são revelados. Espera-se que os professores tenham o conhecimento e as habilidades necessárias no planejamento e na implementação eficaz das atividades artísticas. Além do papel crucial da educação artística em contextos de educação geral, ela também tem várias implicações e benefícios na educação especial. Acredita-se que a educação artística aprimora muitas habilidades de indivíduos com necessidades especiais e têm papéis complementares e terapêuticos em contextos de educação especial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, A. M. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BIANCHETTI, Lucídio e FREIRE, Ida Mara (org) **Um olhar a diferença Interação, trabalho e cidadania**. São Paulo, Papyrus, 1998.
- BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental, (1998). **Parâmetros curriculares nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF.
- COLL, C. e TEBEROSKY, A., **Aprendendo Arte: Conteúdos essenciais para o Ensino Fundamental**. São Paulo: Editora Ática, 2002, 1ª edição, 3ª impressão.
- FRIGOTTO, Gaudêncio Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI. In **Revista Brasileira de Educação** v. 16 n. 46 jan./abr. 2011.
- REGO, T. C. **VYGOTSKY: uma perspectiva histórico-cultural da Educação**. 17. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.
- SILVA, A.B.B; GAIATO, M.B; REVELES, L.T. **Mundo Singular, Entenda o Autismo**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012.
- TAYLOR, M. (2005). The Further Education Funding Council. **Disability & Society**, 20 (7), 763-778.



### **Silvana Fátima Boni Morato**

Licenciada em Educação Física pela Universidade Mogi das Cruzes (UMC). Graduada em Pedagogia; Artes Visuais e História. Pós Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional; Alfabetização e Letramento; Deficiência Mental; História Social; Docência do Ensino Superior. Professora de Ensino Fundamental II e Médio na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).



## A IMPORTÂNCIA DO "FEEDBACK" NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

VILMA MAXIMIANO VIEIRA

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo principal compreender como os instrumentos de avaliação podem ser utilizados de forma colaborativa no processo de ensino-aprendizagem na Educação a Distância. Desta maneira realizou-se uma breve análise histórica da EaD no Brasil e a análise de alguns instrumentos de avaliação utilizados na Educação a Distância com base numa proposta sociointeracionista. Os instrumentos analisados foram o Fórum, as atividades discursivas e o feedback. Por meio deste presente estudo foi possível observar como estes instrumentos de avaliação buscam valorizar e explorar a interação, a autonomia e o protagonismo do educando. Dentro de uma perspectiva sociointeracionista, na qual a aprendizagem ocorre a partir das interações sociais, foi importante perceber como estes três instrumentos se complementam e conseguem propor uma interação efetiva entre o tutor e aluno e entre os próprios alunos, garantindo ao mesmo tempo a troca de experiências significativas entres estes atores do processo educativo e a construção do conhecimento de maneira colaborativa.

**Palavras-chave:** Autonomia. Avaliação. Sociointeracionismo. Interação. Educação à Distância (EAD).

### INTRODUÇÃO

A avaliação é um processo inerente às práticas educativas. Constitui-se numa atividade complexa que exige dos educadores constante reflexão e que tem como objetivo principal promover mudanças, aprendizado e crescimento.

Conforme Sinder (2012), a avaliação exerce diferentes funções e deve apresentar-se como um processo, cujos resultados variam conforme os objetivos. A avaliação pode contribuir tanto para o desenvolvimento do aluno, como para o avanço no processo de ensino-aprendizagem, prestando, inclusive, informações à sociedade, auxiliando, desse modo, educadores, educandos, escola e sociedade.

A avaliação não deve apresentar um caráter excludente. Deve, ao contrário, ser produtiva e o professor deve avaliar o desenvolvimento integral do educando, sendo que os alunos precisam compreender a sua importância e os próprios avanços.

Quando se fala em educação a distância, no Brasil, é possível perceber um grande esforço por parte dos envolvidos em se afastar dos mecanismos de avaliação que servem à educação tradicional e cada vez mais avançar no sentido da construção de critérios e instrumentos que sejam mais adequados à modalidade. A avaliação, na EaD, precisa favorecer a aprendizagem dos alunos através de mecanismos de interação, autonomia e colaboração.

Para Luckesi (2001), os dados sobre os alunos e suas aprendizagens precisam ser essenciais para avaliar aquilo que se pretende, ou seja, os objetivos definidos nos planejamentos. Da mesma forma precisam ser os instrumentos adequados e permitir apurar a real situação, visando a aprofundar as aprendizagens já consolidadas.

De acordo com Luckesi (2001, p. 177-178), "É preciso que, ao procedermos à avaliação, estejamos atentos a alguns cuidados relacionados aos instrumentos". Sendo assim, os instrumentos utilizados no processo de avaliação mostram-se fundamentais neste contexto.

Deste modo, a reflexão sobre a avaliação, na educação a distância, relaciona-se, fortemente, com os instrumentos de aprendizagem e avaliação utilizados nessa modalidade de ensino. Nela são utilizadas interfaces educacionais e algumas estratégias de ensino e avaliação que possibilitam ao professor ou tutor avaliar a aprendizagem dos educandos, e aos alunos administrarem seu tempo e aprendizagem com autonomia, cooperação e responsabilidade.

---

Deste modo, neste trabalho, visamos a refletir a respeito de alguns instrumentos de avaliação utilizados na EaD e suas possíveis contribuições para a aprendizagem do educando, relacionando-os à proposta sociointeracionista. Para tanto, realizamos, inicialmente, uma breve contextualização histórica da EaD, no Brasil, já que ao longo dos anos o perfil dos cursos mudou e, conseqüentemente, a forma de avaliação utilizada. Em seguida, analisamos instrumentos de aprendizagem e avaliação utilizados na EaD, como as atividades discursivas, o fórum e o feedback.

A EaD, no Brasil, tem conseguido avanços consideráveis, nos últimos anos, principalmente porque tem dado acesso ao ensino superior a uma população que antes não teria chance de acessá-lo. Sendo assim, a educação a distância também se mostra como uma forma de resgatar a imensa dívida social do Brasil com o acesso à educação, pois sem dúvida, a EaD permite formação a uma grande parcela da população.

Podemos afirmar que a EaD, no Brasil, percorreu um longo caminho e apresentou avanços, nas últimas décadas, possibilitados principalmente pelas políticas públicas e por uma legislação que aumenta a sua credibilidade. Apesar dos inúmeros desafios que essa modalidade tem enfrentado para se afirmar como uma forma de educação de qualidade, a cada ano é possível verificar a ampliação da oferta de cursos na modalidade a distância, principalmente nas instituições particulares. As vagas de EaD ofertadas pela rede pública de ensino, em especial através da Universidade Aberta do Brasil (UAB), também contribuem para o aumento e desenvolvimento dessa modalidade de ensino.

Como afirmamos, a EaD, no Brasil, possui diversos desafios. Dentre eles está a promoção de estratégias de ensino e de relações interpessoais que tenham características próprias e eficazes e que sejam diferentes da mera repetição dos modelos educacionais presenciais ainda encontrados em muitos cursos a distância.

Considerando pressupostos do sócio interacionismo, no qual a interação social e o protagonismo são fundamentais para que ocorra a construção do conhecimento; os cursos de educação à distância, considerando algumas de suas especificidades, devem promover momentos significativos de interação entre estudantes e tutores, de atuação reflexiva nas tarefas e propostas de avaliação; possibilitando a autonomia, e ao mesmo tempo, a aprendizagem colaborativa. Para isso, a escolha dos instrumentos de aprendizagem e avaliação é fundamental, assim como, as interações e o feedback recebido pelos alunos. Deste modo, nos propomos a analisar alguns dos instrumentos de avaliação da EAD.

Dentre os instrumentos analisados destacamos: o fórum, as atividades discursivas e o feedback.

## **CARACTERIZAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-LEGAL DA EAD, NO BRASIL**

A educação a distância é uma modalidade de ensino e aprendizagem, cujo caminho percorrido desde o seu aparecimento é marcado por fatos que determinam, principalmente, sua importância para o país, em cada momento histórico.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96 (BRASIL, 1996) foi a primeira a regulamentar a educação a distância, no Brasil, apesar de essa modalidade de educação estar presente na realidade da educação brasileira, há bastante tempo. Conforme Alves (2011, p.87), “Provavelmente, as primeiras experiências em Educação a Distância no Brasil tenham ficado sem registro, visto que os primeiros dados conhecidos são do século XX”.

Para Dorsa et al. (2007, p. 2), “No Brasil, o desenvolvimento da EAD tem seu início no século XX, em decorrência do iminente processo de industrialização cuja trajetória gerou uma demanda por políticas educacionais que formassem o trabalhador para a ocupação industrial”.

Segundo Alves (2011, p. 87),

A história da Educação a Distância no nosso país é marcada por vários acontecimentos que se iniciam em 1904 quando o Jornal do Brasil publica anúncio que oferece profissionalização por correspondência para datilógrafo.

Na mesma época, há registro de aparecimento das escolas internacionais, unidades de ensino que ofereciam cursos por correspondência. De acordo com Alves (2007, p.1)

A unidade de ensino, estruturada formalmente, era filial de uma organização americana que, aliás, até hoje existe, com presença em alguns países. Os cursos oferecidos eram todos voltados para as pessoas que pretendiam estar empregadas, especialmente no comércio e no

---

setor de serviços. O ensino era, naturalmente, por correspondência, com remessa de materiais didáticos pelos correios, que usavam principalmente as ferrovias para o transporte. Nos vinte primeiros anos tivemos, portanto, apenas uma única modalidade, a exemplo, por sinal, de todos os outros países.

Anos depois, tem início, no Brasil, a educação a distância por meio do rádio, com a “[...] criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, em 1923, cuja principal função era a de possibilitar a educação popular, através de um sistema então moderno de difusão do que acontecia no Brasil e no Mundo” (ALVES, 2007, p.1).

Conforme Alves (2011, p. 88), em 1939, com o objetivo de oferecer cursos profissionalizantes por correspondência, surge, em São Paulo, o Instituto Monitor e, pouco tempo depois, o Instituto Universal Brasileiro que, por muitos anos, formou profissionais a distância por correspondência. As atividades dos dois institutos e outras semelhantes que se multiplicaram pelo país foram responsáveis pela capacitação profissional de milhões de pessoas, ao longo do tempo.

Dorsa et al. (2007, p. 3) ressaltam que

A história da educação a distância, no Brasil, sempre esteve ligada à formação profissional, capacitando pessoas ao exercício de certas atividades ou ao domínio de determinadas habilidades, sempre motivadas por questões de mercado.

Alves (2011, p. 88) também destaca como acontecimento importante que marca a história da educação a distância, no Brasil, o Projeto Minerva. Ele foi uma iniciativa de educação a distância para a “inclusão social de adultos”, pelo rádio, numa parceria entre o Ministério da Educação e a Fundação Padre Anchieta e que ficou no ar de 1970 a 1980.

Segundo Dorsa et al. (2007, p. 3), em 1978, com o objetivo de preparar alunos para os exames supletivos de 2º grau, a Fundação Padre Anchieta e a Fundação Roberto Marinho criaram o Telecurso 2º grau, através da televisão educativa e ainda na década de 1970, apareceram as primeiras experiências para capacitação de professores a distância, com os Seminários Brasileiros de Tecnologia Educacional, oferecidos através de uma parceira do MEC – Ministério da Educação e Cultura com a Associação Brasileira de Teleeducação – ABT.

Para Alves (2011, p. 88), a educação superior a distância aparece, no Brasil, em 1979, através de cursos veiculados em jornais e revistas criados pela Universidade de Brasília, e que dez anos depois se transformam no CEAD – Centro de Educação Aberta, Continuada, a Distância.

Na década de 1990, muitos avanços foram constatados na EaD, no Brasil, destacando-se a criação da Secretaria de Educação a Distância (SEED/MEC). Nesse momento, também foram desenvolvidos projetos e programas relevantes, dentre eles Um salto para o futuro – para professores de séries iniciais e o Projeto TV Escola – para a formação de professores. (ALVES 2011, p. 89).

Segundo Dorsa et al. (2007, p. 4) “[...] ainda nos anos 90, podemos citar a criação do Canal Futura, uma iniciativa de empresas privadas para a criação de um canal com programas exclusivamente educativos”.

O destaque mais importante dessa década de 1990, para a EaD, foi, sem dúvida, a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), que foi a primeira a regulamentar a educação a distância, preconizando que essa forma de ensino-aprendizagem poderia ser desenvolvida em todos os níveis e modalidades de ensino e na educação continuada, apesar de a regulamentação, efetivamente, ter ocorrido, tempo depois, através do Decreto nº 5.622/05 (BRASIL, 2005).

Na década de 2.000, é possível observar as consequências da oficialização e regulamentação da EaD, no Brasil, através de fatos importantes que possibilitaram a implantação da modalidade em todo o território nacional. Dentre os fatos importantes relacionados por Alves (2011, p. 89) destacamos, em 2004, a implantação, pelo MEC, por meio da EaD, dos programas Pro-letramento e o Mídias na Educação para formação inicial e continuada de professores da rede pública e criação, em 2005, da UAB – Universidade Aberta do Brasil, em parceria com os estados e municípios.

Em 2005, é publicado o Decreto nº 5.622/05 (BRASIL, 2005), que regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394 (BRASIL, 1996), de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

---

Para Lessa (2011, p. 22) “o Decreto nº. 5.622 teve caráter inovador, ao permitir que se desenvolvesse uma política nacional de educação a distância e que se fixassem diretrizes norteadoras para os sistemas de ensino do país”. Na perspectiva do autor (LESSA, 2011, p.26), “Por meio do Decreto 5.622/05, procura-se certificar e garantir a seriedade, a credibilidade, a amplitude, a qualidade e a certificação dos cursos ministrados na modalidade a distância”.

Em 2006, é publicado o Decreto nº 5.773/2006 (BRASIL, 2006), que “dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e seqüenciais no sistema federal de ensino”.

Sabemos que a legislação é muito importante para o alcance de uma educação a distância com qualidade, no Brasil, mas ela, por si só, não garante a qualidade tão esperada. Moran (2011, p. 2) aponta alguns problemas pelos quais passa essa modalidade educacional, no Brasil:

Muitas instituições banalizam a EAD; pensam que é fácil, barata, com recursos mínimos e que qualquer um pode trabalhar nela ou ser aluno. Muitos cursos são previsíveis, com informação simplificada, conteúdo raso e poucas atividades estimulantes e em ambientes virtuais pobres, banais. Focam mais conteúdos mínimos do que metodologias ativas como desafios, jogos, projetos. Alguns materiais são inferiores aos que são exigidos em cursos presenciais. Contratam profissionais com pouca experiência, mal remunerados, principalmente os tutores, sobrecarregados de atividades e de alunos. As práticas laboratoriais e de campo muitas vezes são quase inexistentes.

Apesar dos problemas existentes, sabemos que a EaD, por suas características, pode representar uma possibilidade real de auxiliar na resolução de demandas educacionais, no nosso país. Para Alves (2011, p. 90),

A Educação a Distância pode ser considerada a mais democrática das modalidades de educação, pois se utilizando de tecnologias de informação e comunicação transpõe obstáculos à conquista do conhecimento. Esta modalidade de educação vem ampliando sua colaboração na ampliação da democratização do ensino e na aquisição dos mais variados conhecimentos, principalmente por esta se constituir em um instrumento capaz de atender um grande número de pessoas simultaneamente, chegar a indivíduos que estão distantes dos locais onde são ministrados os ensinamentos e/ou que não podem estudar em horários pré-estabelecidos.

No Brasil, onde a dívida social ainda é enorme e o acesso à educação, ao conhecimento, aos bens culturais ainda é escasso, onde há imensa desigualdade econômica, incluir socialmente os indivíduos é tarefa já tardia. A educação a distância pode colaborar para os ajustes necessários, oferecendo educação, principalmente aos que mais precisam dela, estejam onde estiverem.

## **INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO NA EAD**

Pensando em toda essa trajetória histórica da EaD no Brasil, é importante ampliar as discussões sobre a qualidade dos cursos oferecidos e conseqüentemente pensar em estratégias de avaliação que favoreçam uma aprendizagem autônoma e a construção do conhecimento pelos envolvidos.

Muitos cursos na EaD acontecem a partir da interação entre os alunos, mediados pelo tutor/professor, que orienta e acompanha as atividades e todo percurso do aluno até a conclusão do curso. Essas relações criadas, a partir da interação, nos remete a abordagem sociointeracionista. Seu precursor, Vygotski, acreditava que a aprendizagem se daria sempre a partir das relações entre os seres humanos e o ambiente que o cercam.

É nessa perspectiva que propomos a reflexão dos seguintes instrumentos de avaliação: o fórum, as atividades discursivas e o feedback.

Na educação, a avaliação tem um papel fundamental. Ela é um instrumento de reflexão pedagógica. Através dela, é possível verificar o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, tanto por ele mesmo, quanto pelo educador que o acompanha. Desta forma, a avaliação está diretamente ligada à aprendizagem. Avaliar é verificar o que foi aprendido e o que não e, assim, desenvolver ações para que a aprendizagem ocorra e que os objetivos sejam alcançados.

---

A Avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação essa que nos impulsiona pra novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre a realidade e acompanhamento, passo a passo do educando, na sua trajetória de construção de conhecimento. (HOFFMAN, 2009,p.17)

Na EaD, a avaliação tem papel primordial no acompanhamento da aprendizagem do aluno. São inúmeros os instrumentos dentro do ambiente virtual de aprendizagem (AVA) que podem ser utilizados para acompanhar e avaliar os alunos durante o percurso de aprendizagem. Dentre estes instrumentos, destaca-se o fórum.

O fórum é um espaço de discussão e interação dentro do AVA. Pelo fórum, os alunos debatem, entre si, determinado tema e têm suas discussões acompanhadas pelo tutor. Para Bruno e Hessel (2007), o fórum é uma ferramenta para diálogo entre os participantes, permitindo a troca de experiências e o debate de ideias, promovendo a construção de novos saberes a partir da interação dos seus participantes. Borges (2013, p.7) conceitua o fórum como:

Uma interface educacional assíncrona presente no ambiente virtual de aprendizagem que promove a informação, a reflexão, o diálogo e a socialização. Além disso, é um poderoso instrumento no diagnóstico da aprendizagem dos participantes no ensino de Educação a Distância. O aluno por meio do fórum expõe informações e reflexões a respeito do tema para que todos vejam e possam concordar ou discordar. Há neste caso, um intenso diálogo exposto de forma socializada onde todos podem participar.

Nos fóruns, os alunos apresentam suas reflexões e as têm comentadas pelos próprios colegas e pelo tutor. Este, por sua vez, tem um papel fundamental de provocar questionamentos e ampliar as discussões através de novas perguntas e comentários para este fim. Ele também acompanha a participação dos alunos, verificando a qualidade das discussões e, conseqüentemente, avaliando a construção do conhecimento e aprendizagem dos educandos.

Na perspectiva de Lobato (2013), a função do tutor não é apenas informativa, servindo para esclarecer dúvidas de alunos, mas também de orientar e direcionar o estudante para a construção do saber e a aquisição do conhecimento.

O fórum pode ser uma grande e importante ferramenta de avaliação, pois o tutor poderá verificar como o aluno se posiciona diante das discussões, a frequência com que participa e a qualidade de seus comentários e ideias, verificando, assim, a evolução e o alcance dos objetivos propostos.

Como instrumento de avaliação, o fórum deve possuir uma determinada organização, estando claro para o educando os critérios de avaliação e a forma de utilização deste recurso. Dentro desta perspectiva, o fórum está diretamente relacionado a uma abordagem sociointeracionista que concebe a aprendizagem como um fenômeno que se realiza na interação com o outro.

Para Vygotsky (1998), a aprendizagem acontece a partir da interação e relação com o outro e a linguagem, como um fenômeno social, é um dos principais canais de comunicação e interação entre os indivíduos. Para ele, a aprendizagem ocorre do meio social para o individual, isto é, a partir das relações sociais, produzimos aprendizagens individuais.

Segundo Oliveira (2004, p.1) "Se a abordagem sócio interacionista entende a aprendizagem como um fenômeno que ocorre no espaço relacional e dialógico com o outro, é necessário que a avaliação seja suficientemente abrangente para envolver diversos aspectos"

Neste contexto, podemos concluir que o fórum é um espaço privilegiado de aprendizagem e interação na EaD e, conseqüentemente, excelente instrumento de avaliação dentro de uma abordagem colaborativa e construtora de conhecimentos.

A EaD apresenta algumas especificidades, dentre elas, a distância espaço temporal entre alunos, professores e tutores. Sendo assim, o material didático, o processo de avaliação e as atividades presentes nesta modalidade devem considerar esses elementos, gerando propostas que possibilitem ao aluno a reflexão e a atuação como sujeito ativo e crítico no processo de construção do conhecimento.

De acordo com Preti (2010, p. 142), "As atividades a serem elaboradas no material didático necessitam, então, ser formativas, processuais e possibilitadoras de provocar, no estudante, reflexão sobre sua prática na perspectiva que isso leve a mudanças. Mudanças de comportamento, de valores, de atitudes".

---

Deste modo, continua o autor, elas não possuem um fim em si mesmo; são estratégias essenciais que apoiam o estudante em seu processo de aprendizagem e, inclusive, são parte do processo avaliativo, que é, também, parte do processo formativo do curso. Afirma, ainda, que a avaliação deve ser considerada um processo contínuo e formativo, que permite valorar diferentes aspectos do processo de ensino-aprendizagem. Sendo considerada, desse modo, essencial no projeto pedagógico e no próprio ato de ensino e de aprendizagem (PRETI, 2010).

Conforme Brasileiro (2013), na EaD as propostas de atividades devem permitir ao aluno se autoavaliar, usando parâmetros claros que tenham sido explicitados e detalhados desde o comando da atividade. A explicitação dos objetivos desde o início ajuda o aluno a compreender a estrutura lógica do curso, assim como a intencionalidade do autor e do material, além de motivar o aprendente, contribuindo para a clareza e o protagonismo de sua ação.

Cristiane Brasileiro (2013) ainda afirma, que nesta modalidade de ensino as atividades distribuídas ao longo de todo o material exercem papel central de mediação do conteúdo. Elas possibilitam ao aluno aguçar sua percepção através da indução. Em alguns casos, contribuem na construção do conteúdo e, ainda, permitem uma relação dialética e hipertextual com o texto e/ou o com os demais sujeitos envolvidos no processo (BRASILEIRO, 2013).

Nos cursos EaD on-line, em geral, são adotados materiais híbridos compostos de materiais impressos (ou disponíveis para impressão), além de materiais em formato web que possibilitam a criação de diferentes propostas de atividades como fóruns, wikis, questionários on-line, envio de texto, chats, dentre outras estratégias. Porém, a escolha do tipo de atividade a ser realizada em cada momento e contexto na produção do material didático e no ambiente virtual de aprendizagem (AVA), assim como, o modo como propor a atividade, requer profunda análise e reflexão por parte do docente e da equipe multidisciplinar envolvida na construção do curso e de seu projeto pedagógico (BRASILEIRO, 2013).

Para Barreto (2007, p. 113),

Atividades são um aspecto característico de materiais didáticos para EAD. São vitais para auxiliar o aluno a fazer inferências, relacionar suas próprias idéias e experiências com o tópico em discussão, praticar os objetivos propostos, checar sua compreensão e avaliar as implicações de sua aprendizagem. Mas qualquer atividade é capaz de proporcionar tantas capacidades?

A própria autora afirma que as atividades que possuem maior valor educacional são aquelas que possibilitam o desenvolvimento de capacidades cognitivas decorrentes de comportamentos analíticos e investigativos, resolução de problemas, pensamento crítico e criativo, assim como, a organização e reorganização de informações; ou seja, são as chamadas atividades autênticas (BARRETO, 2007).

Reeves, Herrington & Oliver (2002 apud BARRETO, 2007, p. 118) reuniram dez características que utilizam para definir atividades autênticas, são elas:

Relevantes para o mundo real; Pobrememente estruturadas - Os problemas propostos são pouco definidos em vez de facilmente resolúveis pela aplicação de algoritmos existentes; Requerem investimento de tempo; Oferecem múltiplas perspectivas de análise; Oportunizam a colaboração; Favorecem a reflexão; Encorajam perspectivas multidisciplinares; Integradas à avaliação de forma contígua, que, (...) por sua vez, reflete processos avaliativos do mundo real; São, em si, um produto; Permitem soluções múltiplas.

Entre os diferentes tipos de propostas de atividades utilizadas na EaD, destacamos um modelo que é adotado com grande frequência nos diferentes cursos dessa modalidade de ensino: as chamadas questões discursivas. De acordo com Cristiane Brasileiro (2013), neste tipo de proposta, cabe ao aluno escrever com suas palavras um determinado conjunto de informações ou conteúdo, que será avaliado pelo tutor ou pelo professor, que também poderão avaliar elementos como: coesão textual, coerência na apresentação das ideias, foco na questão proposta, adequação lexical e gramatical e domínio das regras ortográficas. Esta autora destaca que em um AVA as questões discursivas podem ser de dois tipos: resposta em pop-up e atividades de envio de texto.

Afirma também, que as atividades com respostas em pop-up consistem em perguntas que devem ser respondidas pelos alunos, por vezes, em um editor de texto. Após a redação da resposta, o estudante deve clicar em um link, o qual abrirá uma janela pop-up na qual poderá conferir as respostas comentadas

---

pelo professor. Segundo afirma Brasileiro (2013), este tipo de atividade é interessante em cursos que requerem grande demanda de atividades práticas. Além disso, contribuem para cursos nos quais há um grande número de alunos, cuja correção de diversas atividades individuais se torna inviável para o tutor (BRASILEIRO, 2013).

Para esta autora, embora atividades de respostas em pop-up apresentem baixo caráter autoral e sejam altamente padronizadas, possibilitam a discussão e argumentação do aluno com tutores e professores através de outras ferramentas web. A grande demanda deste tipo de atividades, no entanto, pode gerar dificuldades para o tutor na avaliação do desempenho dos alunos. Estes, por sua vez, podem sentir-se desestimulados, visto que o estudante também “quer ser reconhecido individualmente, mesmo que apenas via feedback do professor e/ou tutor” (BRASILEIRO, 2013, p. 41).

Já as atividades de envio de texto, geralmente numerosas em cursos EaD relacionados a áreas de humanas, consistem em questões discursivas, também conhecidas como argumentativas. Neste tipo de proposta o aluno deve responder a questões e enviá-las para a correção do tutor ou professor em uma data pré-determinada.

Brasileiro (2013) ressalta que para evitar desgaste entre professor/tutor e alunos é fundamental que a data das entregas e possíveis penalidades estejam definidas no guia da disciplina, ao início do curso. Também é importante a formulação de enunciados que restrinjam a variação de respostas e permita a correção a partir de critérios objetivos, que sejam explicitados aos alunos. Segundo esta autora, a definição de critérios objetivos e explícitos, tanto em relação à forma quanto em relação ao conteúdo evitam a sobrecarga do tutor, dando-lhe parâmetros claros de correção. Ainda contribui para que o aluno se sinta motivado e bem orientado. (BRASILEIRO, 2013).

Conforme explicita Cristiane Brasileiro (2013), as questões discursivas devem ser estruturadas de modo claro, antecipando possíveis dúvidas dos estudantes; também podem apresentar um texto motivador – antes do comando da atividade. Esse texto tem como função acionar o conhecimento prévio dos alunos, contribuindo para que, além da memorização dos conceitos, o estudante possa relacioná-los a outros conhecimentos que tenha sobre o assunto (BRASILEIRO, 2013).

Ressalta também, que neste tipo de atividade é possível perguntar a opinião do aluno diante de determinado aspecto e, com isso, a correção se dá analisando, inclusive, a consistência e coerência argumentativa. Deste modo, a atividade discursiva torna-se reflexiva, permitindo o estabelecimento de relação entre diferentes tipos de saberes, contribuindo para o aprendizado na medida em que é elaborada, superando a simples testagem e possibilitando a aprendizagem efetiva.

Nas atividades discursivas:

[...] vale a pena oferecer ao aluno um feedforward, explicitando-lhe, de antemão, quais etapas ele pode (ou deve) seguir para a formulação de sua resposta. Com uma estruturação adequada, atividades como essa podem oferecer ao aluno uma experiência individual e única (algo que falta em muitos cursos em EAD), sem que ele se perca diante da miríade de possibilidades que se lhe oferecem. (BRASILEIRO, 2013, p. 42).

Considerando pressupostos do sociointeracionismo, que prevê que a interação social e o protagonismo do sujeito são fundamentais para que ocorra a construção do conhecimento, podemos afirmar que a EaD possibilita que, de forma colaborativa, os alunos, tutores e professores construam novos saberes.

As aprendizagens ocorrem quando as atividades propostas promovem experiências significativas de interação entre estudantes e tutores. Também, quando o educando atua de maneira reflexiva no AVA, nas tarefas e propostas de avaliação. E ainda, quando percebe significado em suas ações, ao mesmo tempo em que se apropria de novos conhecimentos e os reelabora, partindo dos seus conhecimentos prévios.

Embora atividades discursivas possam parecer, em um primeiro momento, tarefas solitárias e, quiçá, mecânicas, podem tornar-se experiências únicas e complexas, nas quais diferentes habilidades e conhecimentos são acionados e desenvolvidos. Para isso, é necessário que as atividades sejam bem elaboradas e posicionadas no projeto pedagógico. Que suas propostas mostrem-se instigantes e significativas; que haja a possibilidade de discussão coletiva dos alunos com tutores e professores, gerando, assim, momentos de novas reflexões e aprendizados.

As atividades discursivas propostas precisam também valorizar as diferentes linguagens e aguçar a capacidade argumentativa do educando, assim como, a capacidade de pesquisa, análise e resolução

---

de problemas. Isso para possibilitar que ocorram o aprimoramento da escrita e o acesso, de forma crítica, a novos conhecimentos e tecnologias.

## O FEEDBACK NA EAD

A educação a distancia se caracteriza por ser um processo de ensino-aprendizagem, no qual a comunicação se dá por meio de ferramentas, tais como feedback, fóruns, questionários etc.. Além dessas ferramentas, o ensino se caracteriza por uso da tecnologia, ou seja, o aluno e o professor não possuem contato visual ou físico e sim por meio de uma ferramenta, como o computador.

Neste contexto de ensino-aprendizagem, torna-se cada vez mais eficaz o uso do feedback, pois ele mesmo serve para incentivar e motivar o aluno nas tarefas realizadas e conquistas. Devido ao aluno da educação a distancia não possuir a presença do professor, este necessita instigar a participação do aluno nos fóruns, chats, blogs etc.. Neste tipo de aprendizado, o professor não é o centro do ensinamento, mas o aluno torna-se protagonista do processo. O professor necessita estar atento a tal aprendizagem e motivar a autonomia do aluno para que aconteça a real eficácia do curso.

Na EaD, um dos maiores desafios que os tutores e alunos enfrentam em seu percurso é o fator motivacional. A motivação é entendida como algo que se manifesta individualmente e de formas diferenciadas em cada indivíduo (MOSCOVICI, 2011).

Apesar de o professor não ser a peça principal na educação a distância, ele é fundamental na motivação e isso se faz por meio dos feedbacks.

Segundo Cunha (2006) um dos desafios da EaD é tornar o professor “presente”, não só dando intencionalidade pedagógica à atividade proposta, mas também, e principalmente, garantindo ao aluno o desempenho assistido necessário para que ele possa realmente atingir seu nível potencial de competência.

O melhor feedback é aquele que é feito diretamente ao aluno e por cada tarefa/atividade realizada. É um importante instrumento de conversação e avaliação utilizado nos cursos de EaD, principalmente quando é utilizado o fórum, onde os alunos e tutores conversam, discutem e obtêm o feedback dos temas abordados, das avaliações etc.

O uso eficiente do feedback permite ao curso estabelecer um diálogo através do qual o estudante interage com o objeto de aprendizagem.

A resposta e a qualidade do feedback do professor são outros dois aspectos motivacionais para o aluno que espera um retorno no outro lado da máquina.

Onde o curso é menos direcionado e especialmente quando o curso é colaborativo, o feedback deve ser dado a todo momento para garantir a evolução de cada aluno e do grupo.

Segundo Moscovici (2011), “feedback é um processo de ajuda para mudanças de comportamento; é comunicação a uma pessoa, ou grupo, no sentido de fornecer-lhe informações sobre como sua atuação está afetando outras pessoas”. (MOSCOVICI, 2011, p. 54).

Cabe ao tutor-professor a responsabilidade de conhecer, elaborar e experimentar maneiras diversificadas de avaliar e de aprender a realimentar o processo, ou seja, o como fornecer feedback.

Schwartz & White (2000, apud Paiva, 2003) ressaltam que o feedback é ainda mais crítico no ambiente on-line, onde os alunos podem se sentir isolados ou excluídos. Já para Bischoff (2000 apud Paiva, 2003), instrutores on-line eficientes não apenas escrevem regularmente para os encontros virtuais, mas fornecem feedback constante e consistente individualmente e ao grupo. Feedback constante e consistente nas salas de aula on-line pode estimular o engajamento ativo através de técnicas, tais como questionar pressupostos, discordar de alguns pontos e destacar pontos bem analisados.

O feedback, ao ser aplicado, deve apontar os questionamentos a serem melhorados, os pontos positivos e negativos, que precisam ser revistos, de forma que o aluno entenda os apontamentos do professor.

É preciso esclarecer, ao aluno, como ele poderá desenvolver suas habilidades, ou seja, ser autônomo, crítico, participativo em todo o curso. Nos fóruns e demais instrumentos de avaliação da aprendizagem, o tutor necessita deixar claro ao aluno que caminho seguir, sem desanimá-lo, sempre argumentando, questionando os alunos para que eles não desanimem e, conseqüentemente, abandonem o curso.

---

O tutor precisa conhecer o seu aluno, apesar de o curso ser a distância, o tutor necessita de habilidades e experiência necessárias para conhecer seu aluno e, assim, criar um clima de harmonia no curso, fazendo com que ele leia os textos e compreenda no que e porquê errou ou acertou em determinada tarefa ou questão.

A partir dos apontamentos do professor, o aluno deverá ser capaz de aprender com seus erros e demonstrar interesse em realizar novas tarefas, novos cursos e demonstrar o que aprendeu nos outros instrumentos de avaliação utilizados pelo curso. Isso significa que, para o aluno, o melhor feedback é o individual, a ele direcionado por cada tarefa realizada.

Para o aluno, é importante saber o que está sendo avaliado e como está o seu desempenho e progresso no curso.

O Feedback é importante para todos nós. É a base de todas as relações interpessoais. É o que determina como as pessoas pensam, como se sentem, como reagem aos outros e, em grande parte, é o que determina como as pessoas encaram suas responsabilidades no dia-a-dia. (WILLIAMS, 2005, p.19).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O propósito deste trabalho foi refletir sobre alguns instrumentos de avaliação na EaD dentro de uma abordagem sociointeracionista. Abordagem essa, cujo o conceito de interação é o foco do desenvolvimento da aprendizagem. Vygotsky(1998), afirmava que sozinho, o homem não se constrói homem. Todo homem necessita viver em sociedade e é a interação social e as experiências vividas através dela que constrói um homem.

Como já sabemos, a EaD no Brasil, enquanto modalidade de ensino reconhecida legalmente, é recente, assim como sua aceitação social. Atualmente os cursos oferecidos à distância tem o mesmo reconhecimento e qualidade de um curso presencial. É nesse contexto que uma boa avaliação se torna importante, visando garantir o melhor acompanhamento possível da aprendizagem do aluno à distância.

Como já afirmamos, a avaliação é parte importante do processo de ensino. É através dela que o professor pode acompanhar a evolução do educando no percurso da aprendizagem. Avaliar não é julgar, não é simplesmente verificar, é ferramenta importante para a construção de estratégias de didáticas.

Assim, elencamos o fórum, as atividades discursivas e o feedback como práticas importantes para a avaliação na EaD dentro de uma perspectiva sociointeracionista.

O fórum traz a interação como prática constante. Através de um tema gerador, as discussões vão acontecendo e o conhecimento vai se tecendo. Nele estudantes e tutores participam dessa construção e o tutor pode avaliar a participação de cada estudante, interferindo quando necessário, ampliando as discussões e promovendo a aprendizagem.

O feedback é uma importante ferramenta ,nos cursos na EaD, que o tutor tem para dar mais individualmente, um estímulo ou um alerta quanto ao desenvolvimento do processo de aprendizagem para o educando. Este instrumento de avaliação permite ao tutor acompanhar cada etapa de aprendizagem do aluno, mostrando a ele como está se desenvolvendo dentro do curso.

As atividades discursivas podem contribuir para uma avaliação mais específica do aluno, verificando a aquisição de conhecimentos mais específicos. Essas atividades devem ser significativas para poder garantir o protagonismo do educando. Nelas o aluno escreve com suas palavras um determinado conjunto de informações, ideias ou conteúdos, que será avaliado posteriormente pelo tutor ou pelo professor. Quando bem formuladas, as atividades discursivas contribuem para acionar os conhecimentos prévios dos alunos, além da memorização dos conceitos. Permite a reflexão e o estabelecimento de relação entre diferentes saberes, contribuindo para o aprendizado na medida em que é elaborada pelo educando, possibilitando assim, a aprendizagem efetiva. Essas atividades muitas vezes, parecem ser atividades individualizadas, mas elas podem ser colaborativas quando são planejadas com o objetivo de promover experiências significativas que necessitem a interação dos alunos.

Enfim, estas três ferramentas de avaliação se complementam e garantem uma avaliação que respeita o tempo e a individualidade do aluno. Que garante o protagonismo e a autonomia dele e principalmente, que mesmo distante fisicamente os alunos podem construir sua aprendizagem através da interação e troca de experiências.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, J. R. M. A História da Educação a Distância no Brasil. Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação. **Carta Mensal Educacional**. Ano 16 nº 82, jun.2007, ISSN 0103-9449. Disponível em: <[http://www.ipae.com.br/pub/pt/cme/cme\\_82/index.htm](http://www.ipae.com.br/pub/pt/cme/cme_82/index.htm)> - Acesso em: 15 jul. 2021.
- ALVES, L. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. **Associação Brasileira de Educação a Distância**. 2011, art.7, v.10, p. 83 a 92. Disponível em: <[http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista\\_PDF\\_Doc/2011/Artigo\\_07.pdf](http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_07.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- BARRETO, C. C.; RODRIGUES, S.; CARVALHO, R. P.; RABELO, C. O.; FIALHO, A. P. A.; MEYHOAS, J. **Planejamento e elaboração de material didático impresso para educação a distância**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007. Disponível em: <<http://imip.nucleoead.net/PlanejamentoeElaboracaodeMaterialdidticoimpressoparaEducacaoaDistancia.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2021.
- BORGES, F. T.; RODRIGUES, N. V. M. – **Avaliação da aprendizagem em educação a Distância através do fórum**. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/488>> . Acesso em: 15 jul. 2021.
- BRASIL. Presidência da Republica. **Decreto nº 5.622** de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 20 dez. 2005. Seção 1, p.1. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm)>Acesso em: 15 jul. 2021.
- BRASIL. Presidência da Republica. **Decreto nº 5.773/2006** de 9 de maio de 2006 - Dispõe sobre o exercício das funções de regulação, supervisão e avaliação de instituições de educação superior e cursos superiores de graduação e seqüenciais no sistema federal de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 10 mai.de 2006. Seção 1, p.6 - disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5773.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5773.htm)> - Acesso em: 15 jul. 2021.
- BRASILEIRO, C. **Recursos e atividades em ambientes virtuais**, 2013. Disponível em:< [http://pigead.lanteuff.org/pluginfile.php/29579/mod\\_resource/content/8/Aula\\_4.pdf](http://pigead.lanteuff.org/pluginfile.php/29579/mod_resource/content/8/Aula_4.pdf)> Acesso em: 15 jul. 2021.
- BRUNO, A. R; HESSEL, A. M. G. **Os fóruns de discussão como espaços de aprendizagem em ambientes on-line: formando comunidades de gestores.**(2007) Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/420200712027PM.pdf>> . Acesso em: 15 jul. 2021.
- BRZEZINSKI, I. (Org.). **LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- CUNHA, A. L. **Interação verbal em fóruns de discussão: a língua escrita em atividades colaborativas**. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/415200753049PM.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- DADIE, Gilmar Ap. Guedes dos Santos. **Atividades e feedback em EaD: alguns instrumentos de avaliação e suas possíveis contribuições para a aprendizagem**. Trabalho Final de Curso. (Especialização em Planejamento, Implementação, Gestão e Avaliação em EaD) – LANTE, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2016.
- DORSA, A.C.; LOPES, M. C.L.P.; PISTORI, J.; SALVAGO, B. M.; SANAVRIA, C. Z.; - **O processo histórico da Educação a Distância e suas implicações: Desafios e possibilidades**.– Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada7/\\_GT1%20PDF/O%20PROCESSO%20HIST%20D3RICO%20DA%20EDUCA%C7%C3O%20A%20DIST%C2NCIA%20E%20SUAS%20IMPLICA%C7%D5ES.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT1%20PDF/O%20PROCESSO%20HIST%20D3RICO%20DA%20EDUCA%C7%C3O%20A%20DIST%C2NCIA%20E%20SUAS%20IMPLICA%C7%D5ES.pdf)> Acesso em: 15 jul. 2021.
- HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista**.41.ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- LESSA, S. C. F., Os reflexos da legislação de educação a distância no Brasil. **Associação Brasileira de Educação a Distância**. 2011, art.2, v.10, p. 17 a 28 Disponível em: <[http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista\\_PDF\\_Doc/2011/Artigo\\_02.pdf](http://www.abed.org.br/revistacientifica/Revista_PDF_Doc/2011/Artigo_02.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- LOBATO, A. C. **A importância dos fóruns na Educação a Distância: algumas considerações**. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0402.html>> Acesso em: 15 jul. 2021.
- LUCKESI, C. C.. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 19. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MORAN, J. M. **O Que é Educação a Distância**. 1994 (atualizado em 2008). Disponível em: <[http://www.prodcente.redintel.com.br/cursos/000009/colaboracao/art\\_ead\\_moran\\_que\\_e\\_educacao\\_a\\_distancia.pdf](http://www.prodcente.redintel.com.br/cursos/000009/colaboracao/art_ead_moran_que_e_educacao_a_distancia.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2021.
- \_\_\_\_\_, J. M. **A EAD no Brasil: cenário atual e caminhos viáveis de mudança**. 2011 (atualizado em 2013)- Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/cenario.pdf>> . Acesso em: 15 jul. 2021.
- MOORE, M.; KEARSLEY, G. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thomson, 2007.
- MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo**. 20.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011. p. 94-96)
- PAIVA, V.L.M.O. In: LEFFA.V. (Org.) **Interação na aprendizagem das línguas**. Pelotas: EDUCAT, 2003. p.219-254.
- PRETI, O. **Produção de Material didático impresso: orientações técnicas e pedagógicas**. Cuiabá: EdUFMT, 2010. Disponível em: <[http://www.uab.ufmt.br/uploads/pcientifica/producao\\_material\\_didatico\\_impresso\\_oreste\\_preti.pdf](http://www.uab.ufmt.br/uploads/pcientifica/producao_material_didatico_impresso_oreste_preti.pdf)> Acesso em: 15 jul. 2021.
- OLIVEIRA, A. P. da S. C. **Práticas pedagógicas inspiradas no sociointeracionismo : em busca de uma educação à distância significativa**. Rio de Janeiro: 2014. Disponível em: < <http://www.abed.org.br/hotsite/20-ciaed/pt/anais/pdf/165.pdf> >Acesso em: 16 de set. de 2016.

---

OLIVEIRA, E. da S. G.; CAPELLO, C.; REGO, M. L.; VILLARDI, R.. **O processo de aprendizagem em uma perspectiva sócio interacionista...** Ensinar é necessário, avaliar é possível. 2004. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2004/por/htm/171-TC-D4.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SANTOS, M. T.; CRUZ, D. M. O feedback e a comunicação na Ead: noções teóricas e aproximação metodológica. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba. Impresso, v. 7, n. 16, p. 172-190, maio/ago. 2012.

SILVEIRA, Sílvia Maria Campos. Educação à distância: instrumentos de avaliação e suas contribuições para a aprendizagem. Trabalho Final de Curso. (Especialização em Planejamento, Implementação, Gestão e Avaliação em EaD) – LANTE, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2016.)

SINDER, M. **Introdução à avaliação da aprendizagem e à avaliação institucional**. Disponível em: <[http://www.academia.edu/14549378/INTRODU%C3%87%C3%83O\\_%C3%80\\_AVALIA%C3%87%C3%83O\\_DA\\_APRENDIZAGEM\\_E\\_%C3%80\\_AVALIA%C3%87%C3%83O\\_INSTITUCIONAL\\_ProfaMarilene\\_Sinder](http://www.academia.edu/14549378/INTRODU%C3%87%C3%83O_%C3%80_AVALIA%C3%87%C3%83O_DA_APRENDIZAGEM_E_%C3%80_AVALIA%C3%87%C3%83O_INSTITUCIONAL_ProfaMarilene_Sinder)>. Acesso em: 15 jul. 2021.

VIEIRA, Vilma Maximiano. **A importância do feedback na educação à distância**. Trabalho final de Curso. (Especialização em Planejamento, Implementação, Gestão e Avaliação em EaD)- LANTE, Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ, 2016.

WILLIAMS, R. L. **Preciso saber se estou indo bem: uma história sobre a importância de dar e receber feedback**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



### **Vilma Maximiano Vieira**

Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro, SP. Pós Latu Sensu em Planejamento, Implementação e Gestão Da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF), RJ. Professora de Educação Infantil (PEI), na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).



## A EDUCAÇÃO FAMILIAR NA CONSTRUÇÃO DE VALORES SOCIAIS: UMA REFLEXÃO NO BAIRRO CAOP-B-VIANA - LUANDA - ANGOLA

WILDER DALA QUINJANGO

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo promover uma reflexão em torno da educação familiar como fator decisivo na construção de valores sociais. O método utilizado neste estudo é a observação bibliográfica. A família é o alicerce peculiar para o surgimento da sociedade e das demais instituições. Ela é determinante na construção de valores sociais. Pois, entende-se que no contexto angolano a educação familiar está em crise. A conduta e o estilo de vida da juventude, é extremamente preocupante. Apesar da exigência imposta às famílias, urge a necessidade de se promover a formação voltada para os pais, e para os futuros pais. Porque se não forem educados, não poderão exercer o seu papel. É, mormente, que as famílias tenham uma preparação psicoeducativa visando os desafios do atual século.

**Palavras-chave:** Educação. Desafios. Família. Valores. Sociedade.

### INTRODUÇÃO

Indubitavelmente, a família é um alicerce primordial para o progresso social e de certos fenómenos que fazem parte da humanidade. E por exemplo, o sentido das diversas instituições que existem na sociedade, só são possíveis com a existência das famílias.

Este estudo tem como pertinência, possibilitar uma reflexão em torno da família enquanto agente para a formação da personalidade do indivíduo e na construção de valores sociais. Assim mesmo, se acha, também que a qualidade da educação familiar nas comunidades luandenses é de ajudar a avaliar e reforçar a prática educativa no seio familiar.

A estrutura deste estudo é da seguinte forma: na primeira parte se apresentam alguns conceitos de educação, família e valores. Na segunda parte consta do enquadramento teórico, com suporte a teoria psicossocial de Bandura e finalmente, na terceira parte se concentra na análise da educação familiar com especificidade no Bairro Caop-B, Viana-Luanda-Angola.

### EDUCAÇÃO

Vários autores concordam em destacar que a palavra educação é compreendida como sendo híbrida, confusa e multifacética, pois tem surgido várias interpretações por parte de diversos autores. E não só, por exemplo, SANTOS (2011, p.17), diz-nos que "a educação é um termo muito lato onde cabem ideias mais formais ou informais, onde cabem os valores e princípios de cada mãe, de cada pai, de cada família". A educação pode ser definida em dois sentidos: vulgar e científico.

### EDUCAÇÃO NO SENTIDO VULGAR

Vulgarmente segundo (SIMÕES apud PESSANHA, BARROS, SAMPAIO, SERRÃO, VEIGA E ARAUJO, 2012, p. 234) refere que "dizer que um indivíduo é educado, indica uma referência a um código de conduta, às boas maneiras, por ventura, mesmo a excelência de carácter. Daí que frequentemente constatamos pais e professores a queixarem-se dos alunos mal-educados e elogiam alunos bem-educados, facto este que leva-nos a perceber queela refere-se à educação moral, e a essência da educação é o agir com retidão humano". Deste modo, a essência da educação no sentido vulgar, como pode-se constatar na definição de Simões, é compreendida em função da exteriorização da conduta, dentro do código da ética ou dos padrões sociais e culturais. E é por este facto, por exemplo, quando um indivíduo apresenta uma conduta mediante os valores aprovados por uma determinada sociedade ou cultura, isto é, a simpatia, a cortesia, tirar o chapéu sempre que tiver cumprimentando um adulto, saudar as pessoas que encontra num determinado ambiente etc. estes comportamentos citados quando exteriorizados,

---

qualificam o indivíduo como sendo educado. Pelo contrário, quando isso não acontece, o indivíduo é tido ou considerado como mal-educado.

## **SIGNIFICADO CIENTÍFICO DA EDUCAÇÃO**

Quanto ao significado científico, (BARROS e BARROS, apud PESSANHA et al, 2012, p. 234) definem a educação como a “acção intencional ou voluntária, de um adulto (educador) sobre uma criança (educando), usando métodos mais ou menos autoritários ou dialogantes, tradicionais ou modernos, em ordem de modo a levar a criança a desenvolver todas as suas potencialidades”.

Os autores destacados, também fundamentam que a educação no sentido científico, é encarada como prática intencional em que um adulto como educador, pode exercer a uma criança ou mesmo para um outro adulto como educando. E, entretanto, é necessário dizer que por educando, não se deve entender exclusivamente o menino, o adolescente, o jovem, mas o homem, pois, a educação não possui nunca fim nem limite de idade, mas continua por toda a vida (MONDIN, 2013, p. 126)

Fica aqui a compreensão, de que no sentido vulgar, a educação é avaliada pelos resultados e pela qualidade de boas maneiras aprovadas por uma determinada sociedade que um indivíduo exterioriza; já no sentido científico, ela é compreendida pela intencionalidade que um adulto exerce sobre o mais novo. Pode-se dizer que uma educação de excelência para o indivíduo, abrange a demonstração do bom comportamento, isto é, a moral e competência científica.

## **AGENTES DA EDUCAÇÃO**

Quanto aos agentes da educação que mais intervêm, numa perspectiva tradicional, na perspectiva de (KUNDONGUENDE, 2013, p.52), propõe os seguintes agentes: a mãe, o pai, os avós e os tios. Mas para além desses agentes educativos propostos por este autor, destacam-se também: A escola, a igreja, algumas organizações ou associações afins.

## **FAMÍLIA**

A família é definida de várias formas, e na opinião do sociólogo AMARO (2014) encontrar uma definição universal de família, nunca foi tarefa fácil. Muitos fundamentam que ela é o núcleo da sociedade. Alguns ainda mostram que ela é a primeira instituição a ser formada, outros igualmente afirmam que ela é o fundamento básico e universal das sociedades.

Segundo MARCONI e LAKATOS (2013), mostram que originalmente a família foi considerada um fenômeno biológico de conservação e reprodução, e que posteriormente evoluiu transformando-se em fenômeno social. Nesta senda, há instituições fundamentais e secundárias. Às primeiras pertencem: a família, instituição básica que constitui o ponto de partida das demais; a propriedade, que é o sustentáculo do sistema social e político dum povo; e o Estado, em que um povo se organiza política e juridicamente numa unidade de poder” (JUSTO, 2012, p. 17).

O mesmo autor nos mostra que depois da família, surgem outras instituições como complemento dela, como é o caso dos parlamentos, escolas, igrejas, sindicatos, tribunais, entre outros. Concretamente, em todas as sociedades, encontramos as famílias, mas nem todas as sociedades encontraram as instituições. Pode-se ilustrar, que os indivíduos que se encontram numa instituição escolar, hospitalar, religiosa ou nos supermercados, etc. veem de uma determinada família.

## **FAMÍLIA**

À semelhança do conceito de educação, encontramos vários conceitos de família. Segundo GIDDENS (2013, p. 367), “a família é um grupo de pessoas unidas diretamente por laços de parentesco no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças”.

De facto, esta definição é clássica e pode-se aferir que muitos poderão concordar com o postulado de Giddens. Mas dado o realismo social, afirmar-se que em todas as famílias são os adultos a cuidarem das crianças, como definição de família denota-se que não é absoluto.

Para Murdok, apud MARCONI e LAKATOS (2013, p. 171), a família “é um grupo social caracterizado pela residência comum, com cooperação económica e reprodução”.

Pode-se afirmar que a família é o conjunto de elementos compostos pelo menos do pai, a mãe, filhos, e outros membros mais integrados que podem ser por consanguinidade ou por afinidade. Se constata sem dúvida, que existem convergências entre os autores que toda família, envolve laços de

---

parentescos. E não só, uma família pode ser formada por um casamento formal ou informal; ou simplesmente a partir do envolvimento na prática sexual.

## TIPOS DE FAMÍLIAS

Os tipos ou estruturas de famílias segundo MARCONI e LAKATOS (2013), são:

- Família elementar ou nuclear;
- Família extensa;
- Família composta;
- Família conjugada-fraterna e
- Família fantasma.

A família nuclear é aquela que é formada pela união de um homem, sua esposa e seus filhos que vivem juntos em uma união reconhecida por outros membros de sua sociedade.

A família extensa ou grande, é quando há união entre duas ou mais famílias nucleares ligadas por consanguinidade; normalmente é aquela que compõem-se de familiares próximos tanto pela linha masculina ou feminina. É nesta família onde fazem parte os avós, tios, sobrinhos, os afilhados etc.

Família composta ou complexa, é formada pela união de três ou mais cônjuges e seus filhos. Normalmente, esta família é compreendida pelas relações de adoção como madrastas, padrastos, enteados, etc.

As autoras, ilustram que esse tipo de família, é frequente nas sociedades poligâmicas, e é formada pelas famílias conjugadas tendo como centro um homem ou mulher. A família conjugada-fraterna, refere-se a união composta de dois ou mais irmão com suas respectivas esposas e filhos. E podemos destacar, que esta união é consanguínea.

A família fantasma, é formada pela união de uma mulher casada e seus filhos e o fantasma. Nesta família, o marido não desempenha o papel de pai, é apenas o pai biológico; sendo que o papel de pai social compete ou é responsabilizado ao irmão mais velho da mulher (o fantasma).

Esta descrição feita, demonstra sem dúvidas, que a realidade social é caracterizada pelas diferenças e peculiaridades de famílias. Ou seja, cada família é uma família. Claro, deve-se lamentar o facto de que a família fantasma seja realidade pelo menos no contexto angolano, em que é caracterizada pela problemática - Fuga a paternidade, que de certa forma, tem criado muitas instabilidades em vários domínios para a esposa e para os filhos abandonados.

## VALORES

Ao discutir-se sobre os valores, reconhece-se que a semelhança de outros conceitos, é um campo vasto do estudo da filosofia (axiologia), e, na visão de MONDIN (2013), o termo valor se for analisado de forma atenta, percebe-se que é nebuloso, obscuro e difícil de ser definido.

O mesmo autor citado, sustenta que em Português, esta palavra possui três significados nomeadamente: económico, ético, e ontológico. Deste modo, na vertente econômica, valor significa dinheiro; em ética, indica a virtude com que se enfrentam graves perigos e se realizam grandes empreendimentos; em ontologia, indica qualidade pela qual uma coisa possui dignidade, e é digna de estima e respeito.

Nesta última consideração, interessa frisar que os valores são qualidades mentais que o indivíduo ou uma sociedade atribui às coisas, ou as situações mediante os códigos da ética.

É certo que os valores sociais, não são os mesmos para todos os povos, embora existam alguns valores universais, como o valor da vida, alimentação, vestuário, a saúde etc. KUNDONGUENDE (2013), aborda dizendo, que o que é valoroso, por exemplo, em Angola pode não ser em outro país.

## TEORIA PSICOSSOCIAL DE BANDURA

Com vista a se dar suporte a reflexão, da referida teoria Bandura (in BENSON, 2012, pp.91-93), enfatiza algo que contraria outros autores, pois ele sendo Behavior-cognitivista, focava na importância do pensamento como factor fundamental na construção da personalidade humana, isto é, no contexto social.

O mais marcante na posição de Bandura, é a sua explicação de que certos comportamentos humanos, ou seja, aquilo que o indivíduo é, poderá ser fruto da aprendizagem por imitação social observando modelos que podem ser pais, amigos, figuras célebres, líderes religiosos etc. Face a esta teoria, recorremo-nos à sua experiência empírica composta por dois grupos de crianças, um experimental e o outro de controlo.

Esta teoria, refere que as crianças têm a tendência de imitarem naturalmente tudo que observam, quer violência ou virtudes nos variados meios sociais e não só. Por esta razão, os pais precisam ter boas condutas para que os filhos os emitam. E também devem ter cautelas com os programas da mídia que os filhos eventualmente assistem. Isto ainda remete-nos a fundamentarmos que a prática educativa familiar é indispensável na construção de valores sociais. Pelo contrário, a sociedade enfrentará caos, com valores insípidos!

## A PROBLEMÁTICA DA EDUCAÇÃO FAMILIAR EM ANGOLA

Na realidade Angolana, a educação é legislada por um diploma jurídico que é a Lei de Bases. E Segundo a mesma Lei de Base n.º 17/16 do Sistema Educativo Angolano que estabelece os Princípios e as Bases Gerais do Sistema de Educação e Ensino (DIÁRIO DA REPÚBLICA DE ANGOLA, 2016) no ponto 1 e 3 do artigo 2º, constatamos o seguinte:

1. A educação é um processo planificado e sistematizado de ensino e aprendizagem, que visa preparar de forma integral o indivíduo para as exigências da vida individual e colectiva.

3. O sistema de educação e ensino é o conjunto de estrutura, modalidades e instituições de ensino, por meio das quais se realiza o processo educativo, tendente a formação harmoniosa e integral do indivíduo, com vista à Construção de uma sociedade livre, democrática, de direito, de paz e progresso social.

Ainda de acordo o nosso código civil conforme a ASSEMBLEIA NACIONAL (2013, p. 507), relativamente a responsabilidade da família, artigo 2º, no ponto 1 e 2, fundamenta-se o seguinte:

1. A família deve contribuir para a educação de todos os seus membros no espírito do amor ao trabalho, do respeito pelos valores culturais e do combate às concepções ultrapassadas no seio do povo, da luta contra a exploração e a opressão e da fidelidade à pátria e à revolução.

2. A família deve contribuir para o desenvolvimento harmonioso e equilibrado de todos os seus membros, por forma a que cada um possa realizar plenamente a sua personalidade.

Neste contexto, ressalta-se a importância e a responsabilidade da família em promover a educação, para a harmonia social. No caso específico deste diploma destacado, os seus pontos apresentam um imperativo para as famílias.

## A EDUCAÇÃO FAMILIAR NO BAIRRO CAOP-B, VIANA-LUANDA - ANGOLA

O referido bairro, possui 110 mil famílias, (dados fornecidos pela Comissão de Moradores local, conforme o censo de 2016). Relativamente ao comportamento dos jovens no Bairro Caop-B, Viana, pode-se afirmar que, a educação familiar encontra-se em crise! Muitos jovens, nossos contemporâneos, e os adolescentes mergulham em práticas não valorosas socialmente falando. Estão inclinados no álcool, delinquência, praticam assaltos em residências, cantinas, aos motoqueiros e pessoas em pleno dia; mergulhados na rebeldia, em trajes indecorosos, engravidam-se precocemente, desistiram da formação académica e formação profissional muito cedo.

Por exemplo, no quarteirão em que vivemos, eu e o meu irmão mais novo, somos os únicos licenciados fruto do incentivo educativo que recebemos dos nossos pais.

Tanto mais que nos sentimos incomodados e inseguros, facto este que obrigou-nos a não darmos uma festinha no acto da nossa outorga. Muitos dos que aperceberam-se da nossa frequência académica continuam a crer, que ainda estamos na luta da licenciatura; e às vezes, dão-me força! Enquanto que somos licenciados desde 2018. E Para aferirmos a crise educativa em nossas famílias (Caop-B), confira uma das tabelas de um estudo realizado por nós em 2018, aquando da obtenção do grau de licenciatura.

**Tabela nº1 - Os teus pais sentam contigo com regularidade, transmitindo-te lições morais e outras?**

V. resposta	Frequência	%
Sim	30	23
Não	100	77
Total	130	100

Fonte: Quinjangó, 2018

A família ocupa um espaço privilegiado é a mais importante instituição, pois representa o grupo primário por excelência. Para o indivíduo, representa a iniciação e a continuidade da vida. É aqui onde a personalidade começa ser desenvolvida.

Beltrán et al apud OLIVEIRA (2009), fundamentam que a família em geral, e os pais em particular, são o agente mais universal e decisivo na conformação da personalidade humana. Logo, [...] “e o coração da sociedade, da igreja e da nação, é o lar. A felicidade da sociedade, o êxito da igreja, a prosperidade da nação, dependem das influências domésticas” (WHITE, 2015, p.07).

Se por ventura em todas as famílias houvesse de facto a prática educativa, teríamos professores, médicos, governantes, polícias, alunos com uma personalidade saudável. E como bem destacou WHITE, (2015) a boa personalidade do indivíduo, o êxito, a prosperidade, a felicidade para todas as instituições e contextos sociais, dependem da educação familiar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo em torno da educação familiar como fator decisivo na construção de valores sociais. Pode-se consciencializar que a educação familiar é determinante para uma sociedade saudável. Pois o êxito de qualquer sociedade, depende essencialmente das influências da família.

Também se destaca que se as famílias não forem protagonistas na educação de seus membros, teremos, sem dúvida, comportamentos cada vez mais turbulentos na nossa sociedade, dificilmente a juventude agirá de acordo com as normas e em conformidade com os valores sociais. Também se manifesta a preocupação em apelar que os órgãos do governo, instituições de ensino e religiosas, capacitem os pais de modo a poderem exercer a educação aos seus filhos em todas as comunidades. Formar os pais, e os futuros pais com destaque aos noivos e recém-casados; pois, muitos deles não são educados, isto é, não apresentam comportamentos virtuosos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARO, F. **Sociologia da família**. Pactor Editora, Lisboa: Pactor Editora, 2014.
- ASSEMBLEIA NACIONAL. **Código civil e legislação complementar da República de Angola**. 8ª edição, Sociedade Livreira Lda, 2013.
- BENSON, N. C. **Psicologia para principiantes**. Vogais Editora, 2012.
- DIÁRIO DA REPÚBLICA DE ANGOLA. **Lei de bases nº 17/ 16 do sistema de Educação**. Outubro- 2016.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- JUSTO, A. S. **Introdução ao estudo do direito**. Coimbra: Editora, 2012.
- KUNDONGUENDE, J. C. **Crise e resgate dos valores morais, cívicos e culturais na sociedade Angolana**. Huambo: CERETEC EDITORA, 2013.
- MARCONI, M de A e LAKATOS, E. M . **Sociologia Geral**. 7ª Edição, São Paulo: Editora Atlas S.A, 2013.
- MONDIN, B. **Introdução à Filosofia- Problemas, sistemas, autores, obras**. São Paulo: Paulus Editora, 2013.
- OLIVEIRA, H, J. B. **Psicologia da Educação**. 3º volume temas complementares. Legis Editora/ Livpsic, 2009.
- PESSANHA, M. e outros. **Psicologia da Educação**. Plural Editores, Porto: Plural Editores, 2012.
- QUINJANGO, W. D. **A educação familiar como factor determinante na formação da personalidade do indivíduo: caso, bairro Caop- B/ Viana- Luanda**. Trabalho de fim de curso. Luanda: Instituto Superior de Ciências da Educação, 2018.
- WHITE, E. G. **Mente. O fundamento do lar Cristão**. São Paulo: Casa publicadora, 2015.



### Wilder Dala Quinjango

Licenciado em Ciências da Educação opção pelo Ensino de Psicologia pelo ISCED - Luanda. Mestrando em Administração Educacional pelo ISCED Luanda. Professor Universitário pelo Instituto Superior Politécnico Internacional de Angola ISIA - Zango, no curso de Pedagogia e Psicologia. Também pelo Instituto Superior Politécnico Deolinda Rodrigues no Curso de Psicologia.

# EVOLUÇÃO

ISSN 2675-2573



PEDRO DA CONCEIÇÃO

...ssados, compreender o  
...ver sua própria história

DESTAQUE  
DIFICULDADES DO ENSINO

APOSENTADORIA DOS PROFESSORES EA REGIÃO

Prof.ª Tatiana

www.primeiraevolucao.com.br



## Muito obrigado, prô!



A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

www.primeiraevolucao.com.br

### ORGANIZAÇÃO:

Andreia Fernandes de Souza  
Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva

Filiada à:



### AUTORES(AS):

- Ana Paula Mariano da Silva
- Delmira Moreira da Cruz
- Djinane de Almeida Amorim
- Elida Eunice da Silva
- Gladys Aparecida da Silva
- Jonatas Hericos Isidro de Lima
- José Luís André António
- José Wilton dos Santos
- Manuel Francisco Neto
- Maria Aparecida da Silva Rocha
- Nádia Rúbia Oliveira Magalhães Pina
- Paulo Cordeiro Leite
- Silvana Fátima Boni Morato
- Vilma Maximiano Vieira
- Wilder Dala Quinjango

 <https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.20>



Edições  
**Livro Alternativo**

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

